



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – MESTRADO E
DOUTORADO

MARIA PÁSCOA DO VALE

**DA BARRA DO RIO AOS PARRACHOS: DUAS
REALIDADES SOCIOORGANIZACIONAIS NO
LITORAL NORTERIOGRANDENSE**



NATAL – RN

2013

MARIA PÁSCOA DO VALE

DA BARRA DO RIO AOS PARRACHOS: DUAS REALIDADES
SOCIORGANIZACIONAIS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande no Norte - UFRN como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Desenvolvimento regional.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Bastos

NATAL - RN

2013

MARIA PÁSCOA DO VALE

DA BARRA DO RIO AOS PARRACHOS: DUAS REALIDADES
SOCIORGANIZACIONAIS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande no Norte - UFRN como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Desenvolvimento regional.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Bastos

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Bastos Costa - Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dra. Irene Alves de Paiva - Interna
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Wagner de Souza Leite Molina – Externo à Instituição
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dr. João Bosco Araujo da Costa – Suplente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

Agradeço a fé em Deus me dando forças para superar todas as adversidades e provando, dia a dia, que nenhum obstáculo é intransponível.

Agradeço aos meus anjos queridos, meu pai Euclides, quando em vida, sempre me apoiou e me encorajou na conquista de meus ideais e que agora, de onde estiver, sei que continua velando para que todos os meus objetivos sejam alcançados. A minha mamãe, Emília, que apesar de sua pouca instrução sempre fora sábia nas palavras de encorajamento para que eu continuasse persistindo sempre que o desânimo tentava em me dominar. Para eles, foram meus esforços acadêmicos e o meu infinito amor.

Agradeço à minha família, que mesmo distante sempre me fortaleceu e me fez crescer. A minha filha Emília, razão de minhas lutas incessantes, todo meu carinho e amor.

Agradeço ao professor Dr. Fernando Bastos por ter lançado seu olhar carinhoso de professor e amigo, acreditando e incentivando os meus sonhos acadêmicos.

Não poderia deixar ainda, de agradecer, aos membros das duas associações – Cooperbalsas e Associação de Maracajá – que prontamente me atenderam, viabilizando a pesquisa para este trabalho perante os demais cooperados e associados.

E por fim, agradeço ao meu marido James, por me aturar nestes dois anos de tensão, com muita paciência e com palavras que sempre me encorajaram. Obrigada pelo carinho e pelo humor fundamental neste momento. E obrigada por fazer parte de minha vida.

*Quem não se movimenta
Não sente as correntes
Que o prendem.*

Rosa de Luxemburgo

RESUMO

Observando que o capital social é considerado de fundamental importância para consolidação de uma associação, este trabalho procura analisar como diferentes grupos associativistas absorvem o conceito sobre associação e de que forma conseguem dar encaminhamento a suas ações voltadas para o interesse social. A investigação teve como objetivo central avaliar duas formas de associativismo, fundamentada na conceituação de Pierre Bourdieu (1980) sobre capital social, que salienta que a sua distribuição e percepção são desiguais e depende da capacidade de apropriação de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, tomaram-se por base duas organizações comunitárias - uma em Barra do Rio e outra em Maracajaú - que tem como principal atividade a exploração turística no litoral norterio-grandense. Depois de tratados os dados, evidenciou-se que, apesar do propósito para o associativismo tenha sido motivado pela exploração nas duas organizações, cada uma se apropria de forma diferente o seu capital social. Enquanto que em uma permeia sentimentos de união, confiança e satisfação do trabalho em grupo, na outra, esses sentimentos são sufocados pelo individualismo, pela desconfiança entre seus membros que, apesar de verem o associativismo como algo importante para o crescimento e fortalecimento do grupo, trabalha individualmente.

Palavras-chave: Apropriação. Associativismo. Capital Social. Organização Comunitária.

ABSTRACT

Observing that social capital is considered crucial for the consolidation of an association, this paper analyzes how different groups associative absorb the concept of membership and how to manage routing in their actions to the social interest. The research aimed to evaluate two central forms of association, based on the concept of Pierre Bourdieu (1980) on social capital, stressing that its distribution and perception are uneven and depends on the ability of ownership of different social groups. Accordingly, took up two organizations community based one in - Barra do Rio and another in Maracajá - whose main activity is the exploitation in the coastal tourist norteriograndense. Once processed the data, it became clear that, despite the purpose for the association has been motivated by exploration in both organizations, each differently appropriates its capital. While one maintains a feelings of togetherness, trust and satisfaction of group work, the other one, feelings are stifled by individualism, mistrust among their members that although they see the association as something important for the growth and strengthening of the group, working individually.

Keywords: Appropriation. Association. Organization Community. Social Capital.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Preservação Ambiental.

APARC - Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Coral

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEMA – Instituto de Defesa Sustentável do Meio Ambiente.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Box 1	Síntese de definições de capital social	34
Box 2	Síntese de definições de outros autores sobre capital social	35
Box 3	Relação das questões com os objetivos investigados	51
Figura 1	Litoral norte do Rio Grande do Norte	53
Figura 2	Atividade da Cooperbalsas	56
Figura 3	Atividade da Associação de pescadores	60
Box 4	Consolidação do DSC dos membros do conselho da Cooperbalsas Barra do Rio	61
Gráfico 1	Categorias DCS – questão 1 - membros do conselho da Cooperbalsas.....	64
Gráfico 2	Categorias DCS – questão 2 - membros do conselho da Cooperbalsas.....	65
Gráfico 3	Categorias DCS – questão 3 - membros do conselho da Cooperbalsa	66
Box 5	Consolidação do DSC dos cooperados da Cooperbalsas – Barra do Rio.....	69
Gráfico 4	Categorias DCS – questão 1 - cooperados da Cooperbalsas	70
Gráfico 5	Categorias DCS – questão 2 - cooperados da Cooperbalsas	71
Gráfico 6	Categorias DCS – questão 3 - cooperados da Cooperbalsas	72
Box 6	Consolidação do DSC dos membros da comunidade – Barra do Rio	74
Gráfico 7	Categorias DCS – questão 1 - membros da comunidade de Barra do Rio	76
Gráfico 8	Categorias DCS – questão 2 - membros da comunidade de Barra do Rio.	78
Gráfico 9	Categorias DCS – questão 3 - membros da comunidade de	
	Barra do Rio.....	79
Box 7	Consolidação do DSC dos membros da presidência da associação de Maracajaú.....	81
Gráfico 10	Categorias DCS – questão 1 - membros da presidência da associação de Maracajaú.....	84
Gráfico 11	Categorias DCS – questão 2 - membros da presidência da associação de Maracajaú.....	85
Gráfico 12	Categorias DCS – questão 3 - membros da presidência da associação de Maracajaú.....	87
Box 8	Consolidação do DSC dos membros associados da associação de Maracajaú	88
Gráfico 13	Categorias DCS – questão 1 - membros associados da associação de Maracajaú.....	91
Gráfico 14	Categorias DCS – questão 2 - membros associados da associação de Maracajaú.....	92
Gráfico 15	Categorias DCS – questão 3 - membros associados da associação de Maracajaú.....	94
Box 9	Consolidação do DSC dos membros da comunidade de Maracajaú	95

Gráfico 16	Categorias DCS – questão 1 - membros da comunidade de Maracajaú.....	97
Gráfico 17	Categorias DCS – questão 2 - membros da comunidade de Maracajaú.....	99
Gráfico 18	Categorias DCS – questão 3 - membros da comunidade de Maracajaú.....	100

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	ASSOCIAÇÃO E CAPITAL SOCIAL	17
1.1	ASSOCIATIVISMO – HISTÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS	17
1.2	ASSOCIATIVISMO E FORTALECIMENTO COMUNITÁRIO	21
1.3	CAPITAL SOCIAL: UM REFERENCIAL ANALÍTICO	26
1.3.1	Apropriação e Acúmulo para as Associações	37
2	CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	45
2.1	PERCURSO METODOLÓGICO	45
2.2	A ASSOCIAÇÃO DE BARRA DO RIO	52
2.3	A ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES DE MARACAJAÚ	54
3	O SUCESSO OU O FRACASSO DE ENTIDADES ASSOCIATIVAS DEPENDEM DE SEU CAPITAL SOCIAL	59
3.1	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA COOPEBALSAS	59
3.1.1	Consolidação do DSC dos Membros do Conselho da Cooperbalsas – Barra do Rio	59
3.1.2	Consolidação do DSC dos Membros Cooperados da Cooperbalsas – Barra do Rio	65
3.1.3	Consolidação do DSC dos Membros da Comunidade – Barra do Rio	71
3.2	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES DE MARACAJAÚ	78
3.2.1	Consolidação do DSC dos Membros da Presidência da Associação de Maracajaú	78
3.2.2	Consolidação do DSC dos Associados da Associação de Maracajaú	84
3.2.3	Consolidação do DSC dos Membros da Comunidade de Maracajaú	91
3.3	ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS DUAS ENTIDADES	96
	CONCLUSÕES	102
	REFERÊNCIAS	107
	APÊNDICE	111

INTRODUÇÃO

As associações são organizações com característica de atuação local e que possuem pessoas da própria comunidade que vislumbram os mesmos anseios e os mesmos objetivos. O que se pode observar é que a organização comunitária é um fator primordial para se criar uma dinâmica própria para o avanço de uma associação que busque o bem-estar coletivo capaz de dar sustentabilidade a todas as suas ações.

Na descrição das associações percebem-se dois fatores preponderantes: o caráter voluntário, pois não são formadas para atenderem, nem interesses patronais e nem interesses individuais e que, a convivência comunitária vai além da simples necessidade das pessoas de estarem juntas. A busca de outros fatores, tais como o bem-estar comum e a força local pelo poder de negociação se transformam em ações motivadoras e que fazem com que uma comunidade se sinta encorajada a continuar essa busca. É a partir daí que o indivíduo percebe que todas as suas ações estarão sempre voltadas para o coletivo.

De princípio, o que se pode perceber é que diferentes grupos associativistas absorvem - de maneira diferenciada - o conceito sobre associação. Foi o que se pode captar, através da observação empírica - em algumas comunidades de pescadores - no passar dos últimos anos, na região costeira do Rio Grande do Norte. Onde algumas dessas passaram a praticar outra atividade econômica e a vislumbrar novos horizontes com a vinda da exploração turística para a região.

Surge então a necessidade dessas comunidades se organizarem em associações a fim de defender os interesses do coletivo. Entretanto, o caminho a ser trilhado para o sucesso da associação, muitas vezes, passa por situações de conflito nas quais nem sempre os atores envolvidos estão preparados para transpô-los.

Dessa forma, foram selecionadas duas associações, uma em estágio mais avançado de organização associativista - o que não significa que esteja melhor se apropriando e fazendo uso do capital social -, e outra, que demonstra fragilidades com relação à associação e aos interesses do coletivo.

As associações tomadas como objeto deste estudo são: uma cooperativa de balseiros que faz a travessia dos turistas na região conhecida como Barra do Rio, no

município de Extremoz/RN; e, a outra, a associação de pescadores, que faz passeios à região dos Parrachos em Maracajaú, município de Barra de Maxaranguape/RN. Pode-se perceber, previamente, através da visualização inicial - que as duas estão em diferentes estágios em que uma se apropria e faz uso das ações coletivas e outra ainda está mais voltada para o individualismo, apesar da boa vontade e dos esforços de alguns de seus membros. Dessa forma, ratifica-se que, no caso em estudo, o principal motivo pelo qual se buscou em Bourdieu os recursos para este estudo: cada associação se apropria e distribui de forma desigual o capital social.

Conforme Salanek Filho (2007) uma comunidade organizada, que possui relações sociais consistentes e engajamento cívico estará mais unida e irá desenvolver um alto índice de capital social. Assim o capital social é considerado de fundamental importância para consolidação de uma associação e para uma efetiva governança local, urbana e ambiental. Em outras palavras, “o capital social pode ser traduzido como elemento de organização social através das redes e normas de confiança social, que facilitam a coordenação e a cooperação em benefício recíproco”. (SALANEK FILHO, 2007, p. 20).

Emergem então os seguintes questionamentos: Em que aspectos o capital social tem influenciado na trajetória das comunidades? É possível determinar o quanto ele irá contribuir para a tomada de consciência coletiva sobre algum problema vivenciado pela comunidade? Por que algumas buscam outras formas de associação, como o cooperativismo, e outras não?

Dessa forma, pretende-se destacar a importância de se trabalhar com o conceito de capital social, calcada na sua praticidade em medir basicamente o desempenho da associação, sem enfatizar a questão econômica de cada uma delas. Englobando as habilidades e conhecimentos dos indivíduos que, em conjunto com outras características e esforços pessoais, aumentam as possibilidades de produção e de bem-estar em forma de associação e de cooperação, em determinado tempo e no espaço das duas entidades associativas no litoral do Rio Grande do Norte. Procurando alcançar um entendimento dessas realidades considerando o capital social como fator para o fortalecimento da confiança e reciprocidade entre os atores envolvidos.

Existem três aspectos que diferenciam o capital social das outras formas de capital. O primeiro está na sua intangibilidade: em que, conforme Amaral Filho (2000), apesar da dificuldade de se medir, é possível afirmar que o capital social esteve por trás dos sucessos de muitas associações, e a sua ausência esteve por trás de muitos fracassos. O segundo, é o fato de normalmente constituir-se num bem público, ao contrário do capital convencional, que normalmente é um bem privado (PUTNAM, 1996). O terceiro é que ele não se deprecia com o tempo, quanto maior a sua utilização, maior será o estoque de capital. Assim coloca Monastério, (1999, p.3):

...ao contrário das máquinas que sofrem de depreciação, a utilização frequente de uma norma ou de um vínculo de confiança só contribui para o seu fortalecimento e a sua disseminação. A degeneração do capital social vem da sua falta de uso.

Daí a necessidade do seu uso constante estabelecido através do nível de confiança entre os atores, como forma de garantir o êxito ou o fracasso de uma associação.

Para entendê-lo melhor, pode-se recorrer a um conceito bastante atual, tomando como base os estudos de Putnam (1993/1996, p. 177), de capital social, que diz respeito a "características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas." ¹

Já Coleman (1984) trabalha com o conceito de capital social para explicar que ele é importante para o desenvolvimento econômico, físico e humano, e que o mesmo tem condições de alcançar o bem estar coletivo.

Porém, para a compreensão do conceito de capital social neste trabalho, se tem como destaque o conceito de capital social de Pierre Bourdieu (1980) que direcionou sua pesquisa para a questão do poder e suas desigualdades em diferentes campos. Boudieu salienta que a sua distribuição e percepção são desiguais e dependem da capacidade de apropriação de diferentes grupos sociais.

¹ Estudo elaborado por Putnam (1996) observando comunidades do Sul e do Norte da Itália em 1970, caracterizados pela extrema eficácia em áreas como agricultura, habitação e saúde. Depois de duas décadas de estudos, o autor e seus colaboradores comprovam empiricamente a importância da 'comunidade cívica' para o desenvolvimento de instituições eficientes.

E assim, é a partir da conceituação de Pierre Bourdieu, que define o capital social como um conjunto de “recursos e de poderes efetivamente utilizáveis” (BOURDIEU 1979, p. 128), que se tomará como ponto de partida para este estudo - a fim de entender como diferentes associações se apropriam do capital social e de que modo; depois disso, de que forma conseguem dar encaminhamento em ações que as fortaleçam. Por isso, a importância de tomar como recorte duas associações, com histórico de associativismo paralelo, mas percepções de apropriação e de utilização de seus recursos diferentes, principalmente no que diz respeito em diferenciar o que é coletivo e o que é individual.

Então, o objetivo central deste trabalho foi o de entender como as diferentes associações comunitárias se apropriam do capital social e de que modo conseguem alavancar ações produtivas para o seu crescimento, voltadas para o coletivo, procurando compreender as implicações do associativismo na vida dos associados. Bem como, se o capital social é realmente fator preponderante e necessário para que a associação seja estimulada a buscar ações de enriquecimento coletivo. Além de avaliar como conseguem desenvolver ações produtivas voltadas para a comunidade local.

Portanto, é através da articulação entre capital social e associativismo que se pretende estudar como duas associações comunitárias buscam o entendimento entre os seus indivíduos. E também como cada uma delas absorve os seus ganhos do capital social, fazendo com que, através da articulação sistemática e consistente entre os indivíduos, aconteçam mudanças democráticas e sociais significativas na comunidade.

Utilizando a metodologia do DCS (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2010) – Discurso do Sujeito Coletivo – através de entrevistas com questões abertas. A partir das quais se pode ter uma ideia geral do pensamento dos atores de cada associação reunidos em depoimentos coletivos permitindo a identificação de representações sociais com a ajuda de instrumentos de pesquisa que privilegiaram a análise de conteúdo do discurso. Assim o DCS teve como principal intuito o de visualizar o campo social pesquisado, resgatando dele o universo das diferenças e semelhanças entre as visões dos atores sociais que o habitam.

Para tanto, este estudo está dividido em três partes, além da introdutória, a saber: em primeiro lugar, buscou-se discutir a atuação das associações com o intuito de entender o ser sociável que todo ser humano demonstra em suas relações, articulando associativismo e capital social, através do levantamento teórico conceitual sobre o termo e sua absorção no processo associativista; em segundo, deu-se a exposição da metodologia, descrevendo o método utilizado para a coleta dos dados e a técnica utilizada para as análises, bem como a caracterização das duas comunidades estudadas; em terceiro, a análise descritiva realizada, os resultados obtidos e a análise comparativa entre as duas associações; e por fim, foram abordadas as conclusões a fim de relacionar a absorção do capital social e suas contribuições na experiência de duas associações populares no litoral norterio-grandense.

1 ASSOCIAÇÃO E CAPITAL SOCIAL

1.1 ASSOCIATIVISMO – HISTÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS

Observa-se que é da natureza dos seres humanos a vida em grupo e o trabalho em cooperação. Haja vista que ao longo da história da humanidade, o ser humano evoluiu da vida individual para o convívio com outras pessoas e em grupo, desde quando o caçador pré-histórico descobriu que unido com outros caçadores poderia caçar mais e com menos riscos.

Assim também no desenrolar da história, começaram a surgir as tribos, em que as pessoas perceberam que, unidas, poderiam oferecer mais atenção para os seus e o trabalho em cooperação levava a melhores resultados, em menos tempo, com menos esforço, facilitando assim, a vida de todos do grupo. Olson (1999, p, 29) acredita que “os grupos são fenômenos onipresentes na sociedade humana” haja vista que é própria da espécie humana a formação de associações.

Nas décadas iniciais do século XIX surgiram correntes na história do pensamento econômico uma das quais conhecida como dos socialistas utópicos, entre eles Saint-Simon, Fourier e Robert Owen, que defendiam a substituição do mercado por instrumentos de cooperação e a propriedade privada por um regime de copropriedade dos meios de produção. Esta copropriedade seria necessariamente voluntária, tendo a liberdade de cooperação como traço fundamental. Estes pensadores indicavam ainda, que a solução para uma melhor repartição não estaria apenas na “supressão da propriedade privada, mas numa transformação do regime de propriedade por meio da associação e da cooperação.” (BIALOSKORSKI NETO, 1998, p. 84-85).

De acordo com Bialoskorski Neto (1998, p. 89), é importante destacar que este evento é considerado “o início do movimento associativista contemporâneo, e que apesar de influenciado por esses pensadores econômicos, é constituído por humildes trabalhadores, por meio de uma experiência prática e concreta”. Ou seja, a doutrina associativista nasce diretamente da experiência popular de associação de interesses e de cooperação em situação de adversidade. (BIALOSKORSKI NETO, 1998)

É nesse clima onde o associativismo é discutido por pensadores socialistas econômicos, em que as ideias de associação reagem contra as injustiças sociais que acontecem na Europa durante a revolução industrial, no século XIX. Onde os trabalhadores eram explorados pela indústria emergente, indicando que a existência do lucro e da propriedade privada são os principais motivos econômicos para a exploração desses trabalhadores.

Voltando ainda aos socialistas utópicos, que consideravam o liberalismo econômico como algo pernicioso à sociedade e pregavam certa igualdade social de oportunidade e de condições, ou seja, a cada um a sua oportunidade, de acordo com suas necessidades e na proporção de seu trabalho. Indicando assim, que a solução para uma melhor repartição não está apenas na supressão da propriedade privada, mas sim, em uma transformação do regime de propriedade por meio da associação e da cooperação. Propunham uma modificação do sistema econômico por meio da cooperação.

O indivíduo isolado, célula econômica do mundo clássico, seria substituído pela associação, constitutiva do novo meio ambiente. Por esta forma, o antagonismo dos interesses privados, oriundos da concorrência, seria substituído, nos setores da produção e da repartição, pela colaboração destes mesmos interesses, decorrentes da associação. (HUGON, 1970, p.168).

Assim, nessa associação livre e universal, a propriedade passaria de privada para societária. Haveria, portanto, uma modificação no direito de propriedade, com uma transformação na vertente individualista da propriedade dos meios de produção para uma situação societária em que a cooperação do capital é considerada.

Já de acordo com o Sebrae (2009), o conceito de associativismo e cooperação, em um sentido amplo, é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne pessoas ou outras sociedades com objetivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para os seus associados. Associação é uma forma de “legalizar” a união de pessoas em torno de seus interesses. Sua constituição permite a construção de melhores condições do que aquelas que os indivíduos teriam isoladamente para a realização de seus objetivos. A associação é a forma mais básica para se organizar um grupo de pessoas para a realização de objetivos comuns. Tem-se com o associativismo, uma constante interação entre as partes envolvidas no processo.

Assim, no contexto histórico do processo do desenvolvimento brasileiro, mais especificadamente na virada do século XIX para o século XX, que constata-se uma distribuição desigual do patrimônio fundiário no Brasil em que os grandes proprietários latifundiários detinham uma clientela de famílias de trabalhadores submissa às suas ordens. Porém, a administração tradicional dessa força de trabalho vai tornando-se ineficaz como afirma Garcia (2003) destacando como um dos fatores preponderantes dessa transformação o surgimento de movimentos sociais camponeses com o reconhecimento dos sindicatos de trabalhadores rurais. Fator este, impulsionador para as mudanças das relações entre trabalhador e classe patronal com a implantação de direitos trabalhistas, garantido aos trabalhadores, tanto do rural quanto das cidades. Numa efetiva participação no processo de constituição de uma associação que vislumbre o bem-estar coletivo em detrimento ao indivíduo enquanto ser de uma sociedade civil com base nas suas características e na sua cultura.

Após séculos de exploração e injustiças, atrelado ao grande latifúndio, inicia um movimento de contestação da situação na qual viviam os trabalhadores do campo e passam a reivindicar melhorias que eram fundamentais para a sua permanência no campo. Porém, por estarem ligados ao grande latifúndio, os partidos políticos brasileiros não legislavam sobre os direitos dos trabalhadores. Somente com o surgimento do Partido Comunista Brasileiro é que o trabalhador rural viu um facho de luz para as suas reivindicações e contestações. Com a criação das Ligas Camponesas, nos anos de 1940, o PCB organiza as massas dos trabalhadores rurais para protestar contra os grandes proprietários de terras, os latifundiários. Porém, o cenário político-social ideal para a expansão e consolidação das mesmas só ocorreu entre os anos de 1950 e 1960, sendo mais forte na região Nordeste do Brasil. Fazendo com que as autoridades competentes se sentissem temerosas à emergência dessas Ligas, pois, para eles, essas associações estavam colocando em questão a ordem e o controle do Estado.

Com o surgimento desses movimentos de mobilização social que, além de prestar assistência social e jurídica aos seus associados, criaram um movimento de atuação e de possíveis mudanças em esfera mais representativa e influente como instrumento de protesto contra a falta de direitos trabalhistas. E que, além de dar início ao associativismo no campo, fez com que estas associações mostrassem a

sua força e passassem a reivindicar não somente os direitos trabalhistas, mas também os seus direitos enquanto cidadãos buscando o bem estar coletivo mostrando assim toda a sua força. Estes movimentos ganharam força principalmente nas organizações populares no campo e estiveram na origem de vários movimentos sociais no Brasil.

Ao mesmo tempo, alguns setores da igreja católica do Brasil, começam a priorizar a questão do desenvolvimento humano, das liberdades democráticas, da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores e da redemocratização. Assim, vários serviços pastorais, passaram a acentuar as lideranças cristãs com temas de cunho social e priorizavam as ações comunitárias. A relação Igreja Católica com organizações e movimentos sociais trouxeram resultados significativos através de parceria em ações que contribuíram para a construção de uma sociedade mais organizada. Ações estas que propõem alternativas para melhorar a qualidade de vida dos empobrecidos, para conservação do meio ambiente e para a criação de um modelo de educação que respeite a cultura da população local, principalmente daqueles que ainda resistem em viver no campo. Para a Igreja Católica, esta parceria contribui para ela se fazer presente no cotidiano das pessoas, bem como para fortalecer a organização dos movimentos sociais.

Acrescenta-se então que, no final dos anos 1980, com a Constituição brasileira de 1988, a categoria de participação amplia-se para as dimensões de direitos sociais e cidadania, colocando em evidencia os movimentos populares o debate e impasses da institucionalização de suas formas de organização e de associabilidade. Mas foi durante a década de 1990, que a categoria de participação popular ganha a dimensão dos direitos de cidadania e de participar através de associações, na elaboração, definição, gestão e na execução das políticas públicas.

Como exemplo de associativismo que trouxe relevantes mudanças ao coletivo, foi a participação das ONGs² que motivaram associações mais pontuais e

² organizações sem fins lucrativos que têm como objetivo o desenvolvimento de atividades de interesse público, deu-se pelo motivo da não eficiência, por parte do poder público, em atender as necessidades da sociedade. No Brasil, a expressão era habitualmente relacionada a um universo de organizações que surgiram, em grande parte, nas décadas de 1970 e 1980, apoiando movimentos sociais e organizações populares e de base comunitária, com objetivos de promoção da cidadania, defesa de direitos e luta pela democracia política e social. As primeiras ONGs nasceram em sintonia

que, embora com interesses específicos, fizeram com que diminuíssem a exclusão social, trazendo novas experiências num contexto de inter-relação entre os atores envolvidos. Nestas formas de associações é relevante salientar que a tomada de consciência e de organização pode abrir o caminho para uma nova relação de associativismo. Fazendo com que populações de pequenas comunidades deixassem de ser vistas apenas como vítimas e passassem a participar de mudanças verdadeiramente estruturadas através da ação de seus atores no exercício da cidadania por meio de suas associações.

As modificações ocorridas no processo produtivo em termos mundiais desde os anos de 1980 e, com mais força, nos anos de 1990, fizeram com que houvesse um desequilíbrio muito grande entre regiões. Mas ao mesmo tempo contribuíssem para o surgimento de mobilizações por ações que alavancassem o associativismo. Em que o despertar de união e do coletivo tem se tornado o lema de muitas comunidades que buscam a melhoria da qualidade de vida.

1.2 ASSOCIATIVISMO E FORTALECIMENTO COMUNITÁRIO

É fato que as pessoas estão envolvidas, cada vez mais, em ações conjuntas instituídas por meio de associações, nas quais o ser individual dá lugar ao coletivo consignado com o bem-estar, o desenvolvimento e a capacidade de articulação. Ambos desenvolvidos por uma mesma vontade: os comportamentos e escolhas pessoais que – espontaneamente - abrem espaço para o comunitário.

Tendo como função principal as ações voltadas para o coletivo, as associações são constituídas de membros solidários que visam o bem-estar de uma determinada comunidade baseado na defesa de direitos iguais, em que os interesses pessoais, serão sufocados em detrimento aos interesses comunitário. Nessa relação Ploeg, (1994, p. 3) considera que:

As forças externas restringem a vida das pessoas, reduzindo sua autonomia e, no final, subestimando formas nativas ou locais de cooperação e solidariedade, resultando em uma crescente diferenciação socioeconômica e em maior controle centralizado de grupos, instituições e empresas econômicas e políticas poderosas.

com as finalidades e dinâmicas dos movimentos sociais, pela atuação política de proteção aos direitos sociais e fortalecimento da sociedade civil, com ênfase nos trabalhos de educação popular e na atuação na elaboração e monitoramento de políticas públicas. <http://www.abong.org.br/ongs.php>

Assim, para que a força vital do associativismo não seja suplantada por forças externas, necessário se faz que os caminhos dos seus membros estejam direcionados rumo a uma trajetória de escolhas sólidas voltadas para o diálogo e para a realidade da comunidade. Esta lógica leva indivíduos a unirem-se para promover ou defender uma nova dinâmica de vida através da ação organizada e cooperação entre os atores envolvidos, transpondo obstáculos e dirimindo conflitos para que ocorram mudanças substanciais.

Além de buscarem a inserção social, as associações assumem o papel de mediação entre cidadãos e instituições. Holzmann (2000) coloca que, quando essa mediação não acontece, podem ocorrer conflitos que ficam evidenciados pela diversidade de interesses existentes entre os atores trazendo sérios prejuízos para a associação e até a sua total dissolução. Em se tratando de algumas associações, como por exemplo, as de agricultores, muitas vezes suas escolhas são limitadas pela falta de recursos críticos Ploeg (1994). Os mesmos não devem ser vistos como receptores passivos ou apenas como vítimas, mas esses atores também desenvolvem formas criativas de lidar com situações, combinando recursos para a resolução de seus problemas.

Logicamente, existem alguns desafios quando se fala em associativismo. No entanto, é preciso levar em consideração que quando os atores envolvidos são os próprios protagonistas de suas ações, percebe-se que a vontade social vai além das individualidades. Tiriba (2000) realça que esse processo permite que todos os elementos sejam capazes de compreender a dinâmica do associativismo uma vez que tem acesso aos conhecimentos necessários permitindo-lhes questionar, propor mudanças e até decidir sobre o que é melhor e que venha ao encontro aos interesses do coletivo.

Porém como as associações são consideráveis num contexto de desenvolvimento dos atores e do ambiente institucional, alguns aspectos são relevantes quando se analisa o papel de cada agente, tanto interno quanto externo ao ambiente social. São eles: relação dialética entre os indivíduos e as instituições, pois o indivíduo é livre e é controlado; hábito de cooperar ou de resistir às mudanças dependendo dos resultados das experiências dos indivíduos e/ou grupos e o

comportamento dos mediadores é resultado de um *'mix'* entre os objetivos e as experiências na relação com as entidades que representam.

Outro fator preponderante no exercício do associativismo é quanto ao processo de produção. Logicamente, que surgem alguns questionamentos: o que produzir como produzir, quanto produzir e para quem produzir e até mesmo, o que se ganha e o que se perde com a associação. Estes são fatores que irão permear as discussões e que sem dúvida trarão bastante evidência para o fortalecimento ou não da associação.

Como se pode perceber, o associativismo é um forte aliado, principalmente de pequenos grupos comunitários que se sentem menos favorecidos por programas de governo ou técnicas que favorecem os mais fortes e mais esclarecidos, deixando os menos esclarecidos entregues à própria sorte. E são esses pequenos grupos que sem dúvida alguma têm vontade de atuar como atores participativos no processo de transformação e de mudança social. É a atuação dos atores de uma nova realidade colocados por Giddens, (1984, p. 6):

Os atores sociais são detentores de conhecimento e capazes, procuram resolver problemas, aprender como intervir no fluxo de eventos sociais ao seu entorno e monitorar suas próprias ações observando como os outros reagem ao seu comportamento e percebendo as várias circunstâncias inesperadas.

Então esse associativismo carece de reconhecimento e de valorização uma vez que consegue superar, gradativamente as suas dificuldades por meio da ajuda mútua, da formação de redes de articulação política e econômica. Mattei (2006) esclarece que o avanço nas articulações entre os diferentes atores sociais envolvidos geram sinergias entre as esferas públicas locais e organizações da sociedade civil, visando romper com o isolamento tradicional das comunidades menos favorecidas.

Se o associativismo faz com que os indivíduos se sintam bem quando estão juntos, servindo até como uma espécie de refúgio que pode dar certo grau de satisfação pessoal, conforme coloca Waltier (2001). Ele pode também influenciar positivamente o tecido social das localidades, estados e regiões, pois estimulam o associativismo e demais formas cooperadas tanto de produção quanto de comercialização.

Isso fica mais fácil de entender quando se vê, por exemplo, a criação de conselhos municipais onde as associações e demais agentes locais passam a ter voz de debate sobre os programas de apoio e fortalecimento de programas comunitários. Porém, pode ser que aconteça a falta de participação de agentes mediadores que apoiam essa intervenção que - muitas vezes - se revelam por apresentarem carências de condições técnicas e de infraestrutura adequadas ao trabalho, passando então, a não privilegiar esforços integrados, mas propiciar o desenvolvimento de outras atividades.

A falta de criatividade, as diferentes percepções dos atores sociais e ausência de uma metodologia voltada para as ações coletivas também poderão retardar o processo de associativismo. Neste sentido os atores da sociedade civil segundo Baquero, (2003, p. 3) são:

Entre os atores da sociedade civil estão os movimentos sociais, as organizações não-governamentais, as associações de moradores, grupos de base e de mútua-ajuda, associações filantrópicas, sindicatos, entidades estudantis e todas aquelas formas de associativismo (mesmo aquelas informais e esporádicas) que, de alguma forma, lutam pela resolução de problemas sociais, ampliação dos direitos políticos e da consciência da cidadania e ainda mudanças na esfera de valores e do comportamento dos indivíduos.

A prática do associativismo muito tem conquistado, porém muito terreno ainda falta por ser percorrido para que se consiga de fato chegar, no que Baquero (2003) chamou de “maior participação da cidadania nos processos de decisão política e na fiscalização dos gestores públicos”. Pois como o próprio autor acima citado coloca, a ausência de capacidade cooperativa entre os brasileiros poderia explicar os *déficits* de participação política e a conseqüente instabilidade democrática. Em que talvez seja tão inevitável e comprovadamente necessária a associação para que se estreitem os laços do grupo através de um fortalecimento da prática associativista. Para se chegar de fato a transformação de pessoas com capacidade de criarem meios necessários a reflexão e a intervenção.

E é neste contexto de movimentos sociais, que o associativismo vem ganhando forças e se destacando frente aos desafios impostos tanto pelo Estado quanto pelas demais formas de desarranjos sociais. Assim, em associações em que reúnem-se homens e mulheres interessados em assumir sua dimensão de cidadão participativo e ativo. Para isso, buscando as mais variadas formas de transformação

individual e coletiva que até então viveram sem condições socioculturais (subcidadania), desconfiança e falta de informações sobre a natureza da política e desconhecimento de como se constroem relações de reciprocidade com os demais agentes.

Ainda é comum a desconfiança e o distanciamento das relações de associativismo fora da família, principalmente para aqueles que se sentem excluídos e marginalizados por órgãos estatais. Estes, em muitos casos, são mandatários e legisladores de regras e normas em causa própria. Para esses, o associativismo é visto, como imposição, gerando descontentamento e falta de criatividade como, por exemplo, na criação de pequenos grupos por exigência do agente financeiro de determinado programa e que - muitas vezes - esses atores não tem nenhuma afinidade ou vivem em contextos e realidades diferentes.

Está claro que o que rege toda associação é o coletivo através de ações conjuntas entre todos os seus atores buscando a sua legitimidade e credibilidade numa extensão que perpassa o ambiente institucional. Procurando trazer para si garantias de liberdade, estabilidade e desenvolvimento, uma vez que o capital social não se esgota com o seu uso, a solidez e os recursos - dessas associações - são partilhados a partir de relações de confiança e de cooperação. Como não se trata de um bem estocável, “pode (e deve) ser um elemento estratégico fundamental para avaliar a sustentabilidade de projetos e políticas.” (MILANI, 2005).

Assim sendo, o capital social permite ver que os indivíduos não agem independentemente, que seus objetivos não são estabelecidos de maneira única, isolada e por maneiras egoístas. “O capital social,” ensina Coleman (1990, p. 302) “não é uma entidade singular, mas uma variedade de diferentes entidades que possuem duas características em comum: consistem em algum aspecto de uma estrutura social e facilitam algumas ações dos indivíduos que estão no interior desta estrutura”.

Nesse sentido, ele é produtivo, já que possibilita que determinados objetivos sejam alcançados pela ação coletiva. Fazendo com que se eleve o grau de confiança e ao mesmo tempo traz bem-estar coletivo, pois os atores da associação se sentirão confiantes e encorajados, o que não seria possível se acontecesse em sua ausência.

Sendo apontado por muitos estudiosos como instrumento que rege as ações coletivas, o capital social propicia a cooperação efetiva na qual os atores conseguem assimilar e externar através de atos voltados para o bem comum. Neste sentido Abramovay, (2000, p. 5) cita que:

A não cooperação implica na existência de riscos, mas o controle só é efetivo se os atores interiorizarem os elementos morais pressupostos na colaboração entre eles. Existem sanções pela conduta “desviante”, mas elas só funcionam pela presença de recursos morais que têm a virtude de aumentar conforme seu uso e dos quais a confiança é o mais importantes. Em última análise, o capital social, corresponde ao *ethos* de uma certa sociedade.

Já que o capital social afeta diretamente o bem-estar da comunidade, facilitando a cooperação entre seus membros, evidências poderão ser consideradas no sentido de que ele pode ser usado para promover a redução da pobreza de uma determinada comunidade. Fazendo assim, com que seus membros percebam que sua atuação eficiente fará disparar uma série de possibilidades transformando-os em empreendedores de um novo patrimônio, a comunidade e todos os atores nela envolvidos.

O capital social corresponde a recursos, Abramovay (2000), cujo uso abre caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes de uma determinada região. Servindo como uma espécie de garantia, nas ações coletivas e suplantando as desconfianças e medos tanto por parte dos atores internos quanto dos atores externos que se empenham nessas relações sociais.

1.3 CAPITAL SOCIAL: UM REFERENCIAL ANALÍTICO

Estudos sobre capital social tentam reunir categorias de análise oriundas da economia e de outras Ciências Sociais (Ciência Política, a Sociologia e a Antropologia): estoque, recursos, cumulatividade, redes sociais, confiança mútua, convivência, compromisso cívico, entre outras. Discussões sobre o tema tiveram sua difusão no meio acadêmico a partir da década de 1980 adquirindo expressão face à larga utilização por parte de sociólogos, antropólogos, economistas, cientistas políticos e planejadores.

Porém, não há um consenso definitivo sobre o que seja capital social, uma vez que cada autor procura expressar seu ponto de vista deixando claro uma

derivação e até mesmo uma ideia do que venha a ser capital social, enriquecendo e alargando ainda mais as discussões com relação ao termo.

Mas, o seu destaque provém tanto de sua vinculação a conceitos provenientes da teoria social quanto de sua associação a outras disciplinas como a Economia, que tem como cerne a ideia de capital. E que, se relacionado a um marco geral, utilizado primeiramente na Sociologia, proposto por Pierre Bourdieu (1980), que sistematiza em seus conceitos de capital social, que este se materializa em todas as suas manifestações de confiança e de reciprocidade. Em que estabelece obrigações e expectativas mútuas, constituindo assim a chave para dar conta da estrutura e da funcionalidade do mundo social refletidos no desempenho coletivo.

E assim, para efeito deste trabalho, toma-se como referencial o pensamento de Pierre Bourdieu, lembrando, porém, que o principal objetivo, por hora, não é a preocupação com a sua evolução histórica, mas sim o de sintetizar os principais conceitos de cada um dos seus autores. Para, a partir dessas ideias, traçar um fio condutor que possa explicar o verdadeiro papel do capital social e sua relevância para a associação em determinada comunidade.

Como hora já exposto, o conceito de capital social, vem crescentemente sendo empregado por pesquisadores e teóricos, tendo sua origem nos trabalhos de Pierre Bourdieu (1980; 1985), James Coleman (1988; 1990) e Robert Putnam (1995). Surgiu como um importante elemento para o “entendimento do funcionamento das relações humanas e os arranjos sociais que são estabelecidos em favor da disputa pelo equilíbrio entre igualdade e liberdade” (SANTOS, 2003, p. 20).

No entanto, Fukuyama (2002), demonstra que a primeira pessoa a descrever o fenômeno que o conceito de capital social quer captar e expressar, teria sido Alexis de Tocqueville, em 1835, que observou em sua obra *Democracy in America*, que diferentemente da França, a América possuía uma rica “arte de associação”, isto é, uma população habituada a se reunir em associações de voluntários para fins tanto triviais como dos mais sérios, pois tinha muita prática para formar associações para fins civis e políticos.

Outros ensaios sobre a temática têm como ponto de partida para esta explanação em Lyda Hanifan que, em 1916, define capital social como o conjunto de elementos intangíveis que mais contam na vida cotidiana das pessoas, tais como a boa vontade, a camaradagem, a simpatia e as relações sociais entre os indivíduos e a família. Mais adiante, outros autores como Jane Jacobs, Glenn Loury, Pierre Bourdieu e Ekkehart Schlicht, utilizam o termo e teorizam sobre capital social. (MEDA, 2002).

Fukuyama (2002) aponta ainda que, Jane Jacobs, depois de Tocqueville, foi a primeira autora a explorar na intimidade o fenômeno que se quer captar com o conceito de capital social. Segundo Fukuyama, Jacobs (1961, p.244) teria enfatizado que as associações de vizinhanças, apresentando o capital social como uma força que pode promover a confiança dentro das comunidades “para a autogestão de um lugar funcionar, acima de qualquer flutuação da população deve haver a permanência das pessoas de forjaram a rede de relações do bairro”.

Porém, estas não são as únicas pontuações sobre as origens dos estudos sobre o capital social. Segundo Albagli e Maciel (2002), é possível traçar pelo menos, três origens do conceito de capital social: a primeira refere-se aos autores provenientes das Ciências Sociais, que criaram e difundiram expressamente o termo: Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam; a segunda, é a abordagem de componentes-chaves como, confiança, coesão, redes, normas e instituições, contextos e disciplinas, em que o conceito tem sido usado implícita ou explicitamente; e a terceira, inclui autores cuja produção contém elementos precursores do conceito de capital social que se remonta à Sociologia clássica do século XIX, em autores como Émile Durkheim e Max Weber.

Embora Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam concordem com o significado do capital social como recurso dos relacionamentos da ação social, não há um consenso mais preciso sobre o conceito de capital social. Por isso, a seguir, serão apresentadas as ideias centrais do trabalho de cada um deles, listando-se alguns indicadores individualizados, em que serão vistas conceituações de capital social, análise de variáveis, ênfase dos estudos e quais os benefícios na visão de cada autor.

Segundo Pierre Bourdieu (1980), capital social é um conjunto de relações de ajuda mútua que podem ser mobilizadas efetivamente para beneficiar o indivíduo ou a sua classe social. Muito mais do que de propriedade individual é de propriedade coletiva; é estoque e base de um processo de acumulação que permite as pessoas – inicialmente - bem dotadas e situadas de terem mais êxito no processo associativista. Assim, para o autor, o capital social é considerado uma quase propriedade do indivíduo, visto que propicia, acima de tudo, benefícios de ordem privada e individual, porém, em prol do coletivo.

Neste sentido o capital social tem dupla faceta: é coletivo e é individual. Pois diz respeito ao indivíduo, a partir do momento que este é que pode alocar esses recursos e utilizá-los. É coletivo, porque faz parte das relações de um determinado grupo ou rede social e somente existe com ele. O capital social, portanto, apenas existe enquanto recurso coletivo, mas por ter capacidade de ser alocado e utilizado individualmente, tem este caráter duplo e a capacidade de ser tomado pelo indivíduo, mas em benefício comunitário. Reconhecendo ainda que esses recursos passam por relações humanas (interconhecimento, proximidade, ajuda mútua) e por valores humanos universais (confiança, responsabilidade, justiça, equidade, solidariedade, etc).

Nesse contexto, o capital social está relacionado com os benefícios individuais oriundos das associações pessoais e dos valores socialmente compartilhados. Capital social foi definido por Bourdieu, (1983, p. 249) como:

...o agregado de recursos reais ou potenciais que estão ligados à participação em uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de mútua familiaridade e reconhecimento... que provê para cada um de seus membros o suporte do capital de propriedade coletiva.

Afirmando assim que, para a formação do capital social, numa rede de relações mesmo que em diferentes níveis, não é condição natural ou socialmente, constituída em determinado momento para todos e para sempre. Mas é o produto do trabalho de instauração e de manutenção, necessário em se produzir e reproduzir relações duradouras e úteis, próprias e necessárias em buscar benefícios duradouros para seus indivíduos. Porém, não explica nem a natureza das relações

entre interesses materiais e laços sociais, nem a origem dos valores humanos que seriam inseridos nessas representações sociais.

Bourdieu desenvolve o capital social em termos de estratégia de classe tendo, para ele, um caráter de instrumento (da mesma forma que o capital econômico ou o capital cultural) que utilizam atores racionais voltadas a manter ou reforçar seu *status* e seu poder na sociedade. Enquanto que para Putnam, o capital é um conjunto de recursos possuído pelo grupo, já levando em conta as relações entre o grupo para a produção desses recursos (reciprocidade e confiança).

Para James Coleman (1990) o capital social se apresenta tanto no plano individual quanto no coletivo. Diz que - em primeiro lugar - tem que a ver com o grau de integração social de um indivíduo a sua rede de contatos sociais, suas relações, expectativas de reciprocidade, comportamentos de confiabilidade e afetividade melhorando assim a eficácia privada. Mas também é um bem coletivo, pois se todos seguirem as mesmas normas e cuidar um do outro poderão seguir juntos com segurança e assim o capital social estará produzindo a ordem pública.

Coleman (1990) assinala que como acontece com outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando o alcance de certos fins que não seriam possíveis na sua ausência. Diz Coleman, 1988, p. 98):

Capital social é definido por sua função. (...) Não é uma entidade singular, mas uma variedade de diferentes entidades, com dois elementos em comum: são todos consistentes com alguns aspectos das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores – sejam pessoas ou empresas – no âmbito da estrutura.

Já Albagli e Maciel (2002) consideram três formas de capital social dentro da concepção de Coleman: a primeira com o nível de confiança e a real extensão das obrigações existentes em um ambiente social; a segunda, diz respeito a canais de trocas de informações e ideias; e na terceira, normas e sanções constituem o capital social, em que elas encorajam os indivíduos a trabalharem por um bem comum, abandonando interesses próprios imediatos.

Putnam (1993) em sua principal obra sobre os estudos do capital social, “*Making democracy work: civic traditions on modern Italy*”, aponta que, em áreas que possuem um bom funcionamento do governo local e uma economia próspera, a atividade pública de cidadãos cria um ambiente de cooperação mútua, vital nas

redes sociais e na igualdade das relações políticas e participação cidadã. Por trás disso tudo, irradia o espírito de tal confiança entre os cidadãos.

Definido por Putnam como as normas, valores, instituições e relacionamentos que acontece entre as pessoas, o capital social estabelece um grau de confiança recíproca. Confiança essa, capaz de dirimir conflitos e estabelecer regras de cooperação. Assim o caracteriza Putnam, (1996, p. 123):

Capital social refere-se a práticas sociais, normas e relações de confiança que existem entre os cidadãos de uma dada sociedade. Sistema de participação que estimulam a cooperação. Quanto maior a capacidade dos cidadãos confiarem uns nos outros, além de seus familiares, assim como maior e mais rico for o número de possibilidades associativas numa sociedade, maior o volume de capital social.

Concluindo seu trabalho na Itália, Putnam (1993) apresentou que as formas de capital social são em geral recursos morais da comunidade e, podem ser divididos em três principais componentes: em primeiro lugar, a confiança; em segundo, as normas e obrigações sociais; e em terceiro lugar, redes sociais de atividade dos cidadãos, especialmente as associações voluntárias. Logicamente, ligados a características públicas, como salienta o Coldman, 1998, (p. 180-182):

Uma característica específica do capital social – confiança, normas e cadeias de relações sociais – é o fato de que ele normalmente constitui um bem público, ao contrário do capital convencional, que normalmente é um bem privado. ...por ser um atributo da estrutura social em que se insere o indivíduo, o capital social não é propriedade particular de nenhuma das pessoas que dele se beneficiam.

Percebe-se então que a confiança, segundo a concepção de Putnam (1993), é condição necessária para estimular a cooperação social. E, além disso, favorece o funcionamento de normas e sanções de interesse coletivo. Mas essa confiança não é concedida cegamente, pois implica uma previsão do comportamento de um ator independente. Veja o que diz Putnam, 1993, p 180-181):

Você não confia em que uma pessoa (ou uma entidade) fará alguma coisa simplesmente porque ela disse que irá fazer. Você só confia porque, conhece a disposição dela, as alternativas de que dispõe e suas consequências, a capacidade dela e tudo o mais, você espera que ela preferirá agir assim.

Putnam salienta que em pequenas comunidades, sendo muitas delas mais coesas, tal previsão de confiabilidade pode basear-se no convívio entre as pessoas. Porém, em contextos mais amplos e complexos, é preciso haver uma forma de confiança mais impessoal ou indireta.

Em sua versão original, Bourdieu chegava mesmo a afirmar que “os benefícios angariados por virtude de pertencimento a um grupo são a própria base em que assenta a solidariedade que os torna possíveis” (BOUDIEU, 1985: 249). As associações, não seria um dado natural, mas sim construídas através de estratégias orientadas para a institucionalização das relações do grupo, apresenta a confiança como base digna para ascensão a outros benefícios. A definição de Bourdieu torna claro que o capital social é decomposto em dois elementos: em primeiro lugar, a própria relação social que permite aos indivíduos conquistar o acesso a recursos para o grupo e, em segundo lugar, a quantidade e a qualidade desses recursos.

Ao longo de toda a sua análise, Bourdieu acentua a convergência das diversas formas em que o capital social se apresenta sendo uma delas, o econômico. Onde os atores podem alcançar, através do capital social, acesso direto a recursos econômicos (empréstimos subsidiados, informações de negócios, mercados protegidos); podem aumentar o seu capital cultural através de contactos com especialistas ou com pessoas especializadas em áreas específicas ou ainda podem filiar-se a instituições que conferem possibilidades de crescimento da associação.

Por outro lado, a aquisição de capital social requer um investimento deliberado de recursos tanto econômicos como culturais. Apesar de Bourdieu deixar bastante clara a ideia de que os resultados da posse de capital social e cultural são sempre redutíveis a capital econômico, os processos que produzem estas diferentes formas de capital não o são: cada uma possui a sua própria dinâmica e, em relação à troca econômica, caracterizam-se por menor transparência e maior incerteza. Por exemplo, as transações que envolvem capital social tendem a ser caracterizadas por obrigações tácitas, por horizontes temporais incertos, e pela possibilidade de violação das expectativas de reciprocidade. Contudo, pela própria falta de clareza de que se revestem, estas transações podem ajudar a disfarçar aquilo que, de outra forma, seriam puras e simples transações de mercado (BOURDIEU, 1979; 1980).

Bourdieu salienta, de forma bem consistente, a intangibilidade do capital social, em comparação com outras formas. Enquanto o capital econômico se encontra nas contas bancárias e o capital humano dentro das cabeças das pessoas, o capital social reside na estrutura das suas relações. Para possuir capital social, um

indivíduo precisa de se relacionar com outros, e são estes a verdadeira fonte dos seus benefícios.

Assim, o capital social se apresenta como componente chave para a interação entre as pessoas. Sendo elas portadoras de cooperação, valores e tradições, que são visíveis para o fortalecimento das associações. E que estão intimamente ligadas às atitudes e as estratégias que influenciam as pessoas a se relacionarem entre si.

No entanto, vale resaltar que a associação não é para sempre se a manutenção desse estoque de capital social não for efetivamente realimentado através de ações conjuntas entre seus atores através de relações úteis e duradouras para todos. E como já ressaltado, a proximidade, a ajuda mútua e a solidariedade, podem conferir à associação um grau maior ou menor de capital social.

Para uma rápida visualização, sobre a temática discutida, resume-se o quadro abaixo apresentando os principais pontos de relevância no que tange ao capital social para os seus três principais pensadores. Vejamos os indicadores de cada um deles.

Box 1 - Síntese de definições de capital social

Autor	Definição	Variáveis	Ênfase	Benefícios
Pierre Bourdieu	Conjunto de recursos reais ou potenciais resultantes do fato de pertencer, há muito tempo e de modo mais ou menos institucionalizado, a redes de relações de conhecimento e de reconhecimento mútuos.	A durabilidade e o tamanho da rede de relações. As conexões que a rede podem efetivamente mobilizar.	Parte do princípio de que o capital e suas diversas expressões (econômico, histórico, simbólico, cultural, social) podem ser projetados a diferentes aspectos da sociedade capitalista e a outros modos de produção, desde que sejam considerados social e historicamente limitados às	Individuais e para a classe social a que pertencem os indivíduos beneficiados.

			circunstancias que os produzem.	
James Coleman	O capital social é definido pela sua função. Não é uma única entidade (entity), mas uma variedade de entidades tendo duas características em comum: elas são uma forma de estrutura social e facilitam algumas ações dos indivíduos que se encontram dentro dessa estrutura social.	Sistemas de apoio familiar. Sistemas escolares (católicos) na constituição na constituição do capital social dos EUA.	Adepto da teoria da escolha racional (e de sua aplicação na sociologia), acredita que os intercâmbios (<i>social exchanges</i>) sociais seriam o somatório de interações individuais.	Resultam da simpatia de uma pessoa ou grupo social, do sentido de obrigação com relação à outra pessoa ou grupo social.
Robert Putnam	Refere-se a aspectos da organização social, tais como redes, normas e confiança, que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício mútuo.	Intensidade da vida associativa (associações horizontais), leitura da imprensa, número de votantes, membros de corais e clubes de futebol, confiança nas instituições públicas, relevância do voluntariado.	A dimensão política se sobrepõem à dimensão econômica: as tradições cívicas, permitem prever o grau de desenvolvimento, e não o contrário. A 'performance institucional' está condicionada pela comunidade cívica.	Individuais e coletivos.

Fonte: Autoria própria. Adaptado de Carlos Milani³

No entanto, outros autores também têm dado sua contribuição para enriquecer ainda mais o entendimento do termo num contexto de associativismo e entrelaçamento entre os indivíduos de uma localidade. Os mais conhecidos que traçaram pensamentos sobre o tema estão dispostos a seguir:

³ Em seu trabalho (Milani, 2002-2005) procurou demonstrar através de estudos quantitativos, qualitativos e comparativos como o capital social pode influenciar para o desenvolvimento local de algumas comunidades baianas elencando todo o contexto sobre o termo "desenvolvimento" no âmbito local, regional, nacional e internacional.

Box 2: Síntese de definições de outros autores sobre capital social

Autor	Definição
Mark Granovetter (1973)	As ações econômicas dos agentes estão inseridas em redes de relações sociais (<i>embeddedness</i>). As redes sociais são potencialmente criadoras de capital social, podendo contribuir na relação de comportamentos oportunistas e na promoção da confiança mútua entre os agentes econômicos. Granovetter critica a visão neoclássica do comportamento econômico, qualificando-a de subsocializada, visto que percebe apenas os indivíduos de forma atomizada, desconectado das relações sociais. Outro fator que Granovetter comenta é sobre a visão estruturalista e marxista, que qualifica de supersocializada, porquanto os indivíduos são considerados em dependência total de seus grupos sociais e do sistema social a que pertencem.
John Durston (1999)	Diz que o capital social corresponde ao conteúdo de certas relações sociais – aquelas que combinam atitudes de confiança com condutas de reciprocidade e cooperação – que proporcionam maiores benefícios àqueles que as possuem. Assim o capital social está para o plano das condutas e estratégias como o capital cultural está para o plano abstrato dos valores, princípios, normas e visões de mundo.
David Robinson (2002)	Refere-se a um conjunto de recursos acessíveis a indivíduos ou grupos

	<p>enquanto são de uma rede de conhecimento mútuo. Esta rede é uma estrutura social e tem aspectos (relações, normas e confiança) que ajudam a desenvolver a coordenação e a cooperação e a produzir benefícios comuns.</p>
--	---

Fonte: Autoria própria.

Já o Banco Mundial trata o capital social tomando como base em seus textos as teorias de Putnam. Considera quatro formas básicas de capital: o natural constituído pelos recursos naturais de um país; o construído, que é gerado pelo ser humano: infraestrutura, bens de capital, finanças, comércio, etc.; o capital humano, determinado pelo grau de nutrição, saúde e educação de sua população; o capital social, que determina o grau de desenvolvimento econômico de determinado país, indicado pelo seu progresso tecnológico, seu grau de competitividade, seu grau de crescimento sustentável, sua governabilidade e sua estabilidade democrática.

Ao enumerar as fontes de capital social: famílias, comunidades, empresas, sociedade civil, setor público e relações éticas, o Banco Mundial não esclarece e nem defende se o capital social é latente na sociedade e se este somente é potencializado por si só, ou se é possível a criação de capital social a partir desta. Porém, este pode ser examinado em termos do grau de envolvimento cívico, sendo que a medição dessas variáveis irá depender de cada contexto local. Para tanto, o Banco Mundial cita em seus textos que as categorias dessas variáveis a serem observadas em relação ao capital social são:

- 1) As dimensões estruturais e cognitivas do capital social consolidadas pelo grau de participação em grupos, organizações ou associações e o grau de confiança e de solidariedade entre os membros da comunidade;
- 2) Os principais meios de operacionalização do capital social ocorrem através da ação coletiva, cooperação e o grau de participação das pessoas em sua comunidade bem como do grau de acessibilidade às informações a todos os membros;

- 3) Maiores áreas de aplicação do capital social visualizadas pelo grau de coesão social e inclusão bem como de fatores que as dificultam, tais quais os conflitos e ações de violência vivenciadas na comunidade;
- 4) Empoderamento e ações políticas medidas pela participação em protestos públicos, votação, grau de controle da própria vida, confiança em instituições públicas e no governo.

1.3.1 Apropriação e Acúmulo para as Associações

A associação entre atores sociais é uma situação que existe desde os primórdios da história da humanidade. Há descrições sobre a cooperação e a associação solidária em tribos indígenas e antigas civilizações, isto é, desde a pré-história. (GAYOTTO, 1976)

Porém, vários pesquisadores têm se debruçado sobre a problemática dos fracassos do desenvolvimento e suas causas – positivas e negativas – em algumas regiões. Muitos deles, seguidores de Robert Putnam (1984), um dos pioneiros nos estudos sobre capital social e desenvolvimento regional⁴, que trata o tema como sendo um recurso coletivo baseado nas normas e redes de intercâmbio entre os indivíduos. Pois, o que se espera de uma associação é que esta traga qualidade de vida para os seus indivíduos bem como estimule o seu crescimento trazendo autonomia e legitimidade para a comunidade.

Estudos sobre a temática do capital social desmistificam e deixam claro, quando constatam que as variáveis econômicas não são o principal fator que faz com que os indivíduos partam para a junção e a busca do associativismo como diferencial para determinada comunidade. Vários desses estudos tratados em seus respectivos campos levantam discussões sobre as redes de compromisso cívico, as normas de confiança mútua e a riqueza do tecido associativo, enquanto fatores fundamentais do associativismo.

Além disso, os fatores de ordem social, institucional e cultural são também reconhecidos por terem impacto direto no incremento qualitativo da comunicação

⁴ Em sua obra Putnam (2002) fala da experiência italiana onde mostra que havia uma diferença radical entre o norte e sul da Itália. Diferença essa que para o autor era constituída pelos recursos sociais, econômicos e administrativos.

entre os indivíduos e os atores sociais, na produção de melhores formas de interação e na redução dos dilemas da ação coletiva.

Para enfrentar o problema da ação coletiva nas relações sociais, calcado nas explicações da teoria da ação coletiva de Olson (1999, p.19) - que parte do pressuposto de que os indivíduos são “atores intencionais que perseguem objetivos específicos” – em que a principal motivação para as pessoas se unirem decorre do fato de que os ganhos da cooperação são maiores do que os de agir individualmente. É importante notar que seu objeto de estudo (OLSON, 1999) é o comportamento de indivíduos racionais que têm como objetivo a obtenção de benefícios coletivos que se convertam em vantagens individuais.

Para desenvolver sua teoria, Olson se apoia no conceito de benefício coletivo como um “benefício indivisível”, ou seja, aquele que uma vez consumido por um grupo não pode ser negado a uma pessoa deste grupo, mesmo que este não tenha se dedicado em sua obtenção.

Outras vertentes do capital social tais como a confiança, a reciprocidade, a cooperação, a participação, o bem-estar coletivo, são atributos arduamente explorados numa perspectiva teórica e empírica para explicar seu desempenho nas ações de associativismo. Porém, o que se pretende elencar nas discussões a seguir é a atribuição de “capital” que é dado ao nome. Pois afinal, a noção de capital envolve, em tese, apropriação privada e, conforme salienta Putnam (1993), a característica central do capital social é que se trata de um bem público constituído por um conjunto de recursos (boa parte simbólico) de cuja apropriação depende em grande parte o destino de certa comunidade.

Nesse sentido, o capital social na obra de Putnam, está próximo ao que faz desta noção Pierre Bourdieu. Para Bourdieu, o capital é definido como um conjunto de “recursos e de poderes efetivamente utilizável”. (BOURDIEU, 1979, p. 128). E cuja distribuição social é necessária desigual e dependente da capacidade de sua apropriação por diferentes grupos. Assim a acumulação de capital social é um processo de aquisição de poder e até de mudança na correlação de forças no plano local.

Mas, Bourdieu (1980) vai além quando considera o capital social uma quase propriedade do indivíduo, visto que propicia benefícios de ordem privada e individual, porém em benefício do coletivo. Para ele, o capital social tem um caráter de instrumento, tal qual o capital econômico e o cultural, que utilizam os atores a fim de reforçar seu poder na sociedade.

Dessa forma, pode até mudar os aspectos de vida de determinada comunidade que vê a associação como uma referência para as suas ações que englobem e priorizem o bem da comunidade local. Pode ser que estas mudanças venham ocorrer de forma sistemática, entre a comunidade e a associação que nela está inserida, pois esta trará não só benefícios nas relações entre seus indivíduos, mas também melhorará o modo de vida de todos os envolvidos direta ou indiretamente com o associativismo. O que se pode relacionar através de uma observação inicial, é que toda a associação acaba trazendo benefícios que se estendem a todos ao seu entorno. Assim todos ganham e a comunidade começa por mudar o modo de vida da localidade.

Embora alguns economistas argumentem se o capital social é um capital no sentido *stricto* e pleno, outros autores traçam pontos entre capital social e capital econômico. Dentre eles destaca-se Durston (2003), pois o adiamento do consumo é um esforço que traduz em investimento, tendo a capacidade de se converter em outras formas de capital, que poderão ser utilizados em favor de um ou mais indivíduos.

Assim, o capital social está relacionado com os benefícios individuais e de associação, oriundos de relações pessoais e de valores socialmente compartilhados. Isso porque é o próprio indivíduo que usufrui dos benefícios do capital social, uma vez que os utiliza para o seu próprio. Considerando dessa forma, que se o grupo está bem, o indivíduo também está, se o grupo se desenvolve, é o indivíduo que desenvolve e cresce junto com o coletivo.

Para Bourdieu (1980), o capital social é o conjunto de relações de ajuda mútua que podem ser mobilizadas efetivamente para beneficiar o indivíduo ou a sua classe social, pois ele é “propriedade do indivíduo e do grupo”, é “estoque e base” de um processo de acumulação, que permite às pessoas – inicialmente - bem dotadas e situadas, de terem mais êxito na competição social. Pois, a ideia de

capital social remete aos “recursos resultantes da participação em rede, de relação mais ou menos institucionalizada” - as associações. E é “considerado uma quase propriedade do indivíduo”, visto que propicia, acima de tudo, benefícios de ordem privada e individual. Ainda que para ele o capital econômico esteja “na raiz de todos os outros tipos de capital...” e constitui “a casa para a qual toda acumulação eventualmente retorna” (BOURDIEU, 1980, p. 38).

Bourdieu desenvolve o capital social em termos de estratégia de classe, pois, tem um caráter instrumental, da mesma forma que o capital econômico ou o capital cultural, que se utiliza de atores racionais, com vistas a manter ou reforçar seu estatuto e seu poder na sociedade. Da mesma forma, a hipótese levantada por Coleman (1990) é a de que existe uma relação de complementação direta entre capital econômico (infraestrutura, financiamento), capital humano (educação) e capital social (relações de confiança).

Outro fator de relevância para o estudo proposto é entender a funcionalidade do capital social com relação a sua apropriação, uma vez que capital social é um atributo de estruturas sociais que existe além das individualidades. Pois sendo formas coletivas, são de propriedade da comunidade, de classes sociais e ou de sociedades inteiras (COLEMAN, 2000; PUTNAM, 1993 e BOURDIEU, 1999). Isto posto, tanto um quanto outro, dos três principais autores, faz extensas referências ao capital social como atributo de grupos sociais, coletividades e comunidades.

Enquanto Putnam trata da questão do capital social como sendo um recurso de propriedade coletiva baseado nas normas e redes de intercâmbio entre os indivíduos, Bourdieu trata o capital social como a soma dos recursos decorrentes da existência de uma rede de relações de reconhecimento mútuo institucionalizada em campos sociais.

Sendo assim esses recursos são utilizados pelas pessoas a partir de uma estratégia de crescimento dentro da hierarquia social do campo, prática resultante da interação entre o indivíduo e a estrutura social, Bourdieu (2006). Esse campo se caracteriza como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que significa que os campos sociais se estruturam a partir da distribuição de um *quantum* social que determina a posição que cada agente específico ocupa em seu interior. *Quantum* esse denominado por Bourdieu de capital social.

Marteleteo e Silva (2004) recorrem a Bourdieu e afirmam que a estrutura dos campos de uma associação é composta, por dois polos opostos: o dos dominantes e o dos dominados. Os agentes que ocupam o primeiro polo são justamente aqueles que possuem uma máxima de capital social, entanto os que se situam no polo dominado definem-se pela ausência ou pela escassez do capital valorizado no espaço específico do seu campo de pertencimento e, por sua vez, na sociedade como um todo. E que para Bourdieu (2006, p.62) esse “campo social” está composto por uma relação de força e que o define da seguinte forma:

Compreender a gênese social de um campo, e aprender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo da linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que neles se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.

Produzindo, portanto, relações de forças na comunidade e que teriam uma grande influência até para modificar os simples hábitos no modo de agir das pessoas e do local. É a modificação do *habitus* que Bourdieu coloca como sendo gostos produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente.

Dessa forma, essas mudanças de hábitos irá provocar na comunidade local uma “violência simbólica” (BOURDIEU, 2006, p. 14-15). É o “poder simbólico” de Bourdieu que o classifica como:

O poder de constituir é dado pela enunciação, de fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica)... e uma forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legítima... capaz de produzir efeitos reais em dispêndio aparente de energia.

Neste sentido, *o quantum de capital social* dos atores depende da extensão que sua rede de relações que é capaz de mobilizar, bem como, do volume de capital, seja econômico, cultural ou simbólico. Logo, apesar do capital social ser diferente do capital econômico e do capital cultural, quando portado pelos atores de uma associação, não pode ser visto de forma independente dos demais, já que as trocas geradas nessas relações entre os atores pressupõem o reconhecimento de um mínimo de realidade objetiva.

Assim, o capital social está associado à noção de estratégia já que são elas que constroem a rede de ligações, conscientes ou não. Ou seja, são as estratégias que irão transformar as relações, tanto as de vizinhança, de trabalho ou de parentesco, em relações necessárias, incluindo-se aí os sentimentos de reconhecimento, respeito e até as noções de direitos de determinado agente. Para Bourdieu, cada membro do grupo encontra-se “instituído como guardião dos limites do grupo”. Já que a definição dos critérios de ingresso ao grupo vê-se em jogo a cada nova inclusão de um novo membro.

A literatura econômica reconhece diferentes formas de acúmulo de capital. Muitas das quais possuem, também, características que permitem que sejam valorados e transacionados no mercado onde este determina o seu preço e a sua disponibilidade. Como já exposto, o capital social é uma forma de capital, em que algumas de suas características se destacam, por exemplo, a não ocorrência de retornos decrescentes; se aprecia com o uso; e, é produzido coletivamente a partir das relações sociais existentes nas comunidades. Porém, seus benefícios não podem ser antecipadamente mensurados. Embora possua característica de bem público, observa-se nele um aspecto único, a sua produção é necessária e exclusivamente coletiva.

Embora o capital social seja reconhecido como um conjunto de normas e de relações coletivas - que propiciam o desenvolvimento não só do associativismo interno, mas também faz com que suas relações externas sejam fortemente consolidadas. No entanto, sua mensuração é bastante problemática, pois está incrustado em relações sociais que podem afetar ou modificar o bem-estar dos seus componentes, nem sempre estando visível para o campo das pesquisas.

Nesse sentido, Narraram e Pritchett (1997), em estudos sobre o grau de sociabilidade e rendimento econômico em comunidades rurais na Tanzânia⁵, descobriram que em alguns desses contextos, famílias com elevado grau de participação eram aquelas com maior grau de organização coletiva. Em que o capital

⁵ O estudo de Narayan / Pritchett culminou num esforço pioneiro em medir quantitativamente o impacto do capital social nas famílias através de uma pesquisa domiciliar em nível nacional. Demonstrou econometricamente que a propriedade do capital social pelas famílias na Tanzânia tem fortes efeitos sobre o seu bem-estar. O estudo concluiu que a magnitude desses efeitos excedem o da educação e dos ativos físicos de propriedade da família. Ele também concluiu que a efeitos do capital social operam, principalmente no âmbito da aldeia.

social se acumulava através dessa participação e que se beneficiavam individualmente, criando benefícios coletivos em diversas vias.

Concluíram que essas famílias utilizavam melhores práticas agrícolas, pois participavam ativamente de cursos de aperfeiçoamento e de atualização sobre as melhores técnicas a serem empregadas no cultivo; estavam mais bem informadas sobre o mercado; assumiam mais riscos, uma vez que faziam parte de uma rede social e por isso se sentiam mais seguras; participavam ativamente de discussões sobre melhoras dos serviços públicos e conseqüentemente cooperavam mais a nível governamental. Onde o capital social, segundo as concepções de Putnam, possui “características de organizações sociais, como confiança, normas de sistemas que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”, (PUTNAM, 1996, p. 177). Mostrando assim, o grau de entrelaçamento e de confiança estabelecidos entre os membros da comunidade permite mobilização social coletiva e a otimização dos recursos individuais existentes para fortalecimento do coletivo.

Por se estabelecer no campo social, o capital social ajuda a manter a coesão social, pela obediência às normas e leis; a negociação em situação de conflito e a prevalência da cooperação sobre a competição, tanto na vida particular do indivíduo quanto na vida pública, o que resulta em um estilo de vida baseado na associação espontânea, no comportamento cívico e por fim, numa sociedade mais aberta e democrática. Por estar fundamentado nas relações entre os atores sociais que estabelecem obrigações e expectativas mútuas, estimulam a confiabilidade nas relações sociais e agilizam o fluxo de informações, tanto internas quanto externas.

Em vez de controles e relações de dominação patrimonialistas, o capital social favorece o funcionamento de normas e sanções consentidas, ressaltando os interesses coletivos. Enquanto as vias convencionais de formar capital humano estimulam o individualismo, a concentração do capital social está voltada para a coesão da comunidade.

A desigualdade na distribuição de renda e de oportunidades, o desemprego e as catástrofes que levam a migrações, funcionam como desarticuladores da formação do capital social exigindo dos indivíduos grandes esforços nas tentativas de reconstrução de relações sociais de apoio e confiança entre os indivíduos de uma

comunidade. Segundo Hirschman (1984), o capital social não se desgasta com o uso e não se esgota, mas pode ser destruído ou reduzido. Dessa forma, aumentando a vulnerabilidade dos mais pobres e mais fracos, dos desempregados e desabrigados sujeitos às manifestações das diferentes formas de violência, agressões e delinquência, transforma o ambiente numa situação em que o indivíduo se torne mais fragilizado.

2 CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO

2.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho fundamentou-se na abordagem metodológica qualiquantitativa. Em que o caminho percorrido a fim de compreender a constituição e a formação das duas associações pesquisadas, foi a utilização de entrevistas com questões previamente formuladas. A fim de dar sustentabilidade e materialização aos objetivos a serem investigados, tomou-se como procedimento a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC – que, depois de transcrito e juntados em um só discurso, possibilitou a compreensão das falas dos entrevistados, onde as interpretações deram respaldo e sustentabilidade através da análise dos discursos.

De acordo com Lefèvre F. & Lefèvre A. M. (2010, p. 13) “as pesquisas de opinião devem ser qualiquantitativas porque as opiniões coletivas apresentam, ao mesmo tempo, uma dimensão qualitativa e uma quantitativa”. Assim, justifica-se a inclusão do Discurso do Sujeito Coletivo no conjunto de reflexões e abordagens destinadas a atender temáticas complexas nas mais variadas áreas do conhecimento (LEFÉVRE, 2003).

De caráter indutivo e inspiração fenomenológica, a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2010) permite a identificação de representações sociais dos atores realizada com a ajuda de instrumentos de pesquisa que privilegiam a análise de conteúdo do discurso. Esse aspecto decorre da necessidade de aprofundamento do mundo dos significados das ações e relações humanas, capaz de explicitar mitos, crenças, aspirações, valores e atitudes (BOUDON, 1989; BOURDIEU, 2001).

Nesse sentido, as representações sociais atuam como um campo de conhecimento específico que tem por função a construção de condutas comportamentais e estabelece a comunicação entre sujeitos em um grupo social produtor de interações interpessoais.

Constituem formas de conhecimento que são elaboradas e compartilhadas socialmente e favorecem a produção de uma realidade comum, viabilizando a compreensão e a comunicação dos indivíduos com o mundo. Ou seja, conjuntos de conhecimentos socialmente elaborados e partilhados a partir de uma visão da

prática social (BERGER & LUCKMANN, 1985), possibilitando a formação de um contexto comum a um grupo social. Ao retratar a realidade, portanto, as representações são pontuadas enquanto elementos centrais na estrutura analítica do social, abrangendo, por conseguinte a esfera política.

Nesse pensamento, a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo é construída do conhecimento verbal, agrupando-se em opiniões coletivas, originando um apanhado de discursos coletivos.

Como já visto, ter uma definição única para capital social é pouco adequado, considerando as múltiplas facetas que este pode assumir, dependendo do enfoque do pesquisador. Similarmente mensurá-lo tem sido uma tarefa desafiante para os estudiosos do tema. Fukuyama (1999) que considera a determinação do volume de capital social de uma sociedade uma tarefa bastante difícil, complementando que o capital social é subvalorizado por ser o mais intangível de todos os ativos intangíveis. Embora a sua mensuração não seja fácil vários pesquisadores têm buscado formas, ao menos indiretas, de estimar a quantidade de capital social em uma determinada associação ou grupo.

De acordo com Glaeser, Laibson e Sacerdote (2002), as bases teóricas para a mensuração empírica dos impactos do capital social são bastante claras, mas o mesmo não acontece com a identificação dos mecanismos associados à criação do capital social. Parte dessa dificuldade deve-se ao fato de que o verdadeiro proprietário do capital social não é o indivíduo, mas a comunidade, por intermédio das relações de sociabilidade existentes e que se espera que ele seja aplicado em benefício do coletivo.

São os benefícios que apesar de não serem mensuráveis acabam por enriquecer e trazer até *status* para aqueles indivíduos que fazem parte da associação. Dessa forma surge a dificuldade da criação de um quadro conceitual no qual a comunidade deverá ser tratada como uma unidade capaz de tomar decisão.

Daí a dificuldade em mensurar de forma quantitativa o capital social uma vez que quanto mais se usa mais se possui de tal forma que transpareça como um bem de enriquecimento coletivo. Sem, no entanto perder sua principal característica de fenômeno subjetivo, composto de valores e de atitudes que influenciam como as pessoas se relacionam entre si.

Embora não seja um bem de consumo, o capital social possui suas características pautadas, por via de regra no coletivo, uma vez que é de direito de todos do coletivo, capaz de se fortalecer através de ações conjuntas. Ações estas difundidas através de práticas que constitui ativos intangíveis, em que sua medição apresenta um grau de dificuldade expressivo para sua percepção.

Dessa forma alguns autores procuram desenvolver diversas metodologias relacionadas à mensuração do capital social procurando averiguar o nível de confiança interpessoal e cooperação com os demais membros do grupo, envolvimento em atividades de voluntariado, intensidade de relações familiares e de vizinhança, grau de compromisso cívico e de participação política. Incluindo assim desde relações informais a organizações formais como forma de medição da efetiva existência do capital social em um grupo e/ou associação.

Como já mencionado anteriormente, o capital social é multidimensional, o que significa incorporar vários níveis e unidade de análise. Assim sendo, os estudos e pesquisas devem usar combinações de diferentes metodologias de pesquisa quantitativa, qualitativa e comparativa. Logicamente, respaldadas pelos arcabouços teóricos próprios aos campos epistemológicos implicados na análise.

Para atender à necessidade de compreender esse aspecto da vida coletiva, será realizado estudo exploratório, em que se utilizará para coleta de dados a estratégia de entrevistas, a partir de seis (06) questões temáticas, sendo três (03) para os membros dos Conselhos e associados/cooperados e três (03) para a comunidade local. Nas quais o pesquisador terá participação ativa de sorte a apreender como os discursos são estruturados. Irá expressar uma soma qualitativa (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2005) na medida em que cada depoimento ou extrato de depoimento de cada entrevistado faz parte de um determinado discurso coletivo que agrega relatos com sentidos semelhantes ou complementares.

O universo da pesquisa são duas comunidades pesqueiras do litoral norterriograndense que deixaram suas atividades principais em detrimento a exploração turística que se desenvolveu nos últimos anos. Optou-se por essas duas comunidades, dada as suas principais características quanto à localização, aos aspectos sociais aos quais estão ligadas, e à atividade econômica. Mas o que é mais relevante para o estudo aqui pretendido é quanto à capacidade de

desenvolvimento de associação de cada uma delas e como os seus membros interagem e articulam suas ações voltadas para o coletivo.

Para tanto, serão aplicados questionários de entrevistas - em cada uma delas - inicialmente com os membros dos comitês e posteriormente com alguns de seus membros associados. Bem como aos moradores da comunidade a fim explorar: quais os conceitos que a comunidade tem da associação; quais os benefícios que o associativismo traz para a comunidade e se esta participa mais ativamente nas suas tomadas de decisão.

Para se trabalhar com a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo o mais recomendado, segundo (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2005) é que se usem entrevistas individuais, livre de interferências. Além de que facilita ao entrevistador a condução da entrevista, podendo observar se o entrevistado teria algo a mais a acrescentar possibilitando, pois a expressão de opiniões de todas as formas de abordagem sujeito a sujeito permitindo a coleta da opinião individual.

Porém, os mesmos autores apontam como desvantagens da entrevista individual em primeiro, o tempo, que é sempre maior, pois o entrevistado sempre tem algo a mais a acrescentar o que nem sempre é relevante à pesquisa. E em segundo, o custo, uma vez que o entrevistado precisa se deslocar até o local onde se encontra o entrevistado. Assim a metodologia adotada pauta-se nos discursos dos membros das associações definidas para este estudo sobre o qual se aplica o método de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposto por Lefèvre & Lefèvre (2002). Para uma compreensão do pensamento unificado do grupo estudado, refletidos nas suas falas obtidas através de entrevistas estruturada com questões abertas e organizado em descrições técnicas através de instrumentos e análise dos dados quali-quantitativo, por meio do programa QualiQuantiSoft®.

Fator preponderante a se definir neste tipo de metodologia, é o campo social dos sujeitos para os quais o problema a ser investigado faça sentido. Ou seja, sujeitos capazes de emitir julgamento e opiniões sobre aquele determinado problema e que atuem diretamente nele. Daí a importância do pesquisador enquadrar o campo social de sua pesquisa condicionado às ações dos atores sociais envolvidos. Assim com base na experiência do pesquisador, no referencial

teórico adotado é possível refletir e tomar as decisões relativas com que sujeitos irão trabalhar.

Lefèvre & Lefèvre sugerem que essa escolha seja feita a partir do vínculo ao tema com os mais variados atributos como sexo, grau de instrução, nível de renda, faixa etária, etc. No entanto, nem sempre será possível estudar todos os agentes envolvidos obrigando o pesquisador a fazer escolhas estabelecendo prioridades entre atores de *habitus* semelhantes. Assim Bonnewitz, (1998, P.87) coloca:

O *habitus* é um potente fator de reprodução social. Os agentes portadores do mesmo *habitus* não precisam entrar em acordo para agir da mesma maneira, trata-se da escolha do cônjuge, de uma profissão, de um deputado ou da mobília...

Para tanto, para realizar uma contextualização dos dados obtidos com os sujeitos da pesquisa, se torna importante conhecer um pouco do grupo estudado, para melhor compreensão de suas falas. Assim os sujeitos pesquisados neste trabalho são compostos por sete (07) membros do Conselho e os vinte e dois (22) cooperados da Cooperbalsas – Barra do Rio/RN; quatro (04) membros da presidência e vinte (20) associados da Associação de Pescadores de Maracajaú/RN. Além de 15 membros de cada comunidade.

Como critério para a seleção dos entrevistados foram escolhidas aquelas pessoas que têm maior comprometimento com a cooperativa e com a associação, ou seja, os membros dos conselhos e da diretoria e os cooperados e associados que participam das reuniões. Para tanto se tomou como base as assinaturas das atas das reuniões bem como a participação do entrevistador em algumas reuniões a título de observação para a efetiva comprovação da atuação dos membros. Além disso, de maneira aleatória não probabilística, foram feitas entrevistas com a comunidade local, procurando diversificar o gênero, a faixa etária e o grau de escolaridade, muito embora este último de pouca expressão uma vez que a maioria das pessoas possui apenas o ensino fundamental.

No caso das entrevistas, elas foram agendadas pessoalmente ou através de telefone, sendo marcadas de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado, ou seja, na Cooperativa Cooperbalsas como eles trabalham em escala de rodízio, as entrevistas foram aplicadas quando estavam no dia de sua folga. Já na associação que faz o passeio aos Parrachos em Maracajaú, as entrevistas aconteceram de

acordo com a tábua de maré, pois quando a maré está alta não ocorre o passeio, haja vista que não dá para visualizar os recifes de corais.

As perguntas foram elaboradas tomando por base os seguintes objetivos:

Box 3 - Relação das questões com os objetivos investigados

Questões	Objetivos a serem atendidos	Atores entrevistados
<p>1 - O que o despertou para criar a Associação/Cooperativa?</p> <p>2 - Por que trabalhar no Associativismo/Cooperativismo?</p> <p>3 - Quais problemas vocês ainda enfrentam?</p>	<p>- Identificar a influência que o associativismo tem no processo de desenvolvimento do capital social;</p> <p>- Compreender as implicações do associativismo na vida dos associados;</p> <p>- Analisar de que forma as associações conseguem dar encaminhamento em ações que as fortaleça.</p>	<p>- membros do Conselho e cooperados da Cooperbalsas – Barra do Rio/RN</p> <p>- membros da presidência e associados da Associação de Pescadores – Maracajá/RN</p>
<p>1 - Como você vê o trabalho da Associação/Cooperativa?</p> <p>2 - Quais benefícios trouxeram para a comunidade?</p> <p>3 - Como isso repercute nas tomadas de decisões na comunidade?</p>	<p>- Avaliar como as associações conseguem desenvolver ações produtivas voltadas para a comunidade local.</p>	<p>- membros da comunidade local de Barra do Rio/RN e de Maracajá/RN</p>

Elaboração: Autoria própria

Figura 1 - Litoral norte do Rio Grande do Norte



Fonte:

http://www.brasilrn.com/_pt/VisiteAttractionRegion.php?idmenu=3&idtpattraction=2&idregion=3.

Acesso 24/04/2012

2.2 A ASSOCIAÇÃO DE BARRA DO RIO - COOPERBALSAS

Devido à sua localização geográfica, que forma um vértice a nordeste da América do Sul, o Rio Grande do Norte se apresenta numa posição que lhe confere uma maior projeção para o Atlântico dentre os estados brasileiros. Com uma extensão de faixa litorânea de aproximadamente quatrocentos quilômetros, é um dos mais famosos do Brasil.

Na economia, destaca-se o setor de serviços. As principais atividades são: agropecuária, pesca e comércio, além do turismo, que desponta como uma atividade econômica e que vem sendo explorada, principalmente nos municípios e distritos litorâneos. Entre eles, os de Barra do Rio e de Maracajaú, nos quais estão situadas as comunidades objetos de exploração desta dissertação.

A sede do município de Extremoz dista da capital do Rio Grande do norte cerca de 20 km, sendo seu acesso, a partir de Natal/RN, efetuado através da BR-101. Foi elevado à categoria de município e distrito a com a denominação de Extremoz, pela lei estadual nº 2876, de 04-04-1963, se desmembrado de Ceará-Mirim.

Segundo o senso de 2010, a população total residente é de 24.569 habitantes, e sua área territorial de 139.569 km². A densidade demográfica (hab/km²) é de 176,03, segundo o IBGE.

O distrito de Barra do Rio localiza-se no município de Extremoz, no litoral do Rio Grande do Norte, a 26 km da capital. Para chegar até ele, é preciso pegar as balsas, com homens remando, que fazem a travessia do distrito de Jenipabu para a praia de Barra do Rio bem como as demais praias do litoral norte. Outra opção é pela praia da Redinha/RN, tomar a RN – 304.

Barra do Rio possui esse nome devido ao rio Ceará-Mirim com 150 km, sinuoso em alguns lugares, passa através de belas regiões do interior do estado e desemboca no mar nesse lugar. A praia, abrigada pelos recifes, possui águas calmas e pouco profundas, paraíso para os pescadores na maré baixa. É pouco conhecida, apenas pela passagem de veículos, e, principalmente de buggys⁶ em

⁶ O buggy (também chamado, erroneamente, de bugre) é um automóvel recreacional, de rodas e pneus largos, leve e aberto (geralmente de fibra), adaptado para terrenos arenosos. É muito usado

seus passeios nas praias do norte de Natal/RN. O transporte de veículos é feito através de pequenas balsas batizadas com nomes de mulheres e que deslizam sobre o rio à força dos braços de seus donos, ex-pescadores. Com cerca de 1.500 habitantes, Barra do Rio tem sua economia consolidada pela atividade de explorações turística, com a travessia das balsas que levam os turistas a passeios pelo litoral norte. Por ser uma antiga vila de pescadores, ainda guarda resquícios dessa atividade, porém com pouca representatividade.

A atividade de travessia no rio teve início a cerca de 20 (vinte) anos, quando alguns pescadores passaram a despender parte do seu tempo para ajudar as pessoas que precisavam ir de uma margem à outra. Com a descoberta do litoral norte potiguar como potencial turístico, no final dos anos de 1990, essa atividade passou a ser a principal fonte de renda dos pescadores que se dedicam a ela com exclusividade.

Ao longo dos anos de existência da associação, os pescadores passaram por várias situações de conflitos entre seus atores, onde o rompimento dos vínculos de confiança incitou seu distanciamento. Segundo relato de alguns deles, foram anos de muitas dificuldades, pois a atividade era controlada por uns poucos, que por sua vez exploravam os demais que nela pretendiam trabalhar. Incluindo aí, a venda de direitos para colocar o barco na água. Porém, com o passar dos tempos os pescadores foram adquirindo experiências e passaram a desenvolver estratégias para transformar as relações que os fizeram vislumbrar que o trabalho em associação seria a saída para este estado de apropriação e exploração individual.

Hoje a Cooperbalsa, Cooperativa dos balseiros, possui 29 balsas de propriedade de seus cooperados e mais 3 (três) de propriedade da Cooperativa que é utilizada para suprir a demanda em períodos de alta estação, ou quando da reforma de balsas dos associados. O vai e vem das balsas diariamente é realizado por 23 balsas onde os balseiros se revezam em dias alternados de trabalho. Cada balseiro paga o seguro de manutenção das balsas que é realizado por dois carpinteiros, que são empregados da cooperativa. Além disso, a cooperativa possui total assistência da Capitania dos Portos que não só faz a fiscalização, mas também

nas dunas do Nordeste do Brasil, principalmente no Rio Grande do Norte e no Ceará, onde os chamados bugueiros ganham a vida dirigindo ou alugando esse tipo de veículo para turistas.

dá assistência e cursos de capacitação para o manuseio da correta utilização deste meio de transporte.

Figura 2 - Atividade da Cooperbalsas



Fonte: www.praias-360.com.br/rio-grande-do-norte/.../praia-barra-do-rio

Acesso 05/01/2013

2.3 A ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES DE MARACAJAÚ

A sede do município de Maxaranguape dista da capital do Rio Grande do Norte cerca de 55 km, sendo seu acesso, a partir de Natal/RN, efetuado através das BR-406 e BR-101. Foi criado pela Lei nº 2.329, de 17.12.1958, sendo desmembrado do município de Touros/RN. Segundo o censo de 2010, população total residente é de 2.441 habitantes, e sua área territorial de 131,315 km². A densidade demográfica (hab/km²) é de 79,51 segundo o IBGE.

Pertencente ao município de Barra de Maxaranguape, Maracajaú está localizada no litoral norte de Natal/RN. Distante 60 km da capital, seu acesso é feito pela BR-101 ou pela RN 160. É uma praia aberta, de mar calmo com vento geral de novembro a junho, mar mais forte com vento leste de julho a setembro. Com uma população de cerca 1.900 habitantes (IBGE, 2010) caracterizava-se até pouco tempo atrás como uma vila de pescadores que vivia basicamente da atividade extrativista, através da pesca artesanal e da transferência de renda do governo federal (aposentadorias). A partir 1994, a atividade turística instala-se naquela praia com a chegada de uma empresa privada que começou a explorar passeios para as piscinas naturais localizadas a sete quilômetros da costa, conhecidas na região como Parrachos, para a realização de mergulhos de lazer. A partir do ano 2000, o

turismo tornou-se a principal atividade econômica da região, provocando mudanças nas dinâmicas socioeconômica e territorial de Maracajaú, com a geração de empregos e maior circulação de mercadorias e recursos financeiros.

Os Parrachos são a denominação local dos arrecifes, que dado ao aumento da exploração turística nesta área, foram transformados em Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais, APARC, a finalidade de preservar e regulamentar sua utilização sem ferir o meio ambiente.

Para tanto, a Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais – APARC, localizada no litoral norte foi criada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, através do decreto nº 15.476, de 06 de junho de 2001. A APA dos Recifes de corais corresponde à região marinha que abrange a faixa costeira dos municípios de Maxaranguape, Rio do Fogo e Touros, na porção nordeste do estado, compreendendo uma área de 180 mil hectares. O objetivo da área é proteger a biodiversidade marinha, controlar e normatizar turismo, mergulho e pesca local, incentivar a utilização de equipamentos de pesca artesanal ecologicamente corretos e incentivar a realização de pesquisas.

Os recifes de corais ou Parrachos são ecossistemas marinhos encontrados em regiões de águas quentes e claras, formados pela deposição do esqueleto calcário de organismos, como corais, algas e moluscos, constituindo-se no mais diverso *habitat* marinho do mundo. Esses recifes também são responsáveis pela proteção do litoral contra a ação das ondas, reduzindo os riscos de erosão costeira. Com tais características, os Parrachos de Maracajaú, Rio do Fogo e Cioba destacam-se ainda pela baixa profundidade, o que faz com o nível de biodiversidade seja mais elevado, justificando ainda mais a criação da área de proteção.

Além da atividade da pesca artesanal desenvolvida pelos pescadores locais, a atividade turística vem explorando de forma mais acentuada a visita aos Parrachos, o que justificou a criação da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Coral – APARC. Vista que, devido a sua beleza natural, tornou-se, nos últimos anos, polo de visitação constante e de exploração turística acentuada.

O turismo exercido na APARC, bem como as tradicionais atividades pesqueiras, representa a base econômica das comunidades locais. Pois era nessa

área que se desenvolvia grande parte da pesca artesanal que servia como meio de sobrevivência para muitas famílias de pescadores. Porém, com o desenvolvimento do turismo e a criação da ASPARC, culminou com a substituição da pesca na região pelo surgimento de uma nova vocação que começa com a utilização da exploração das riquezas e das belezas naturais. Não só pelas empresas especializadas nesse ramo de atividade, mas também pela própria comunidade local, que além de buscar novas formas para seu sustento, vê essa atividade como parte integradora de novas possibilidades.

Foi a partir dos anos de 1995 que o turismo descobriu os Parrachos como fonte de exploração, fazendo com que olhares externos se voltassem para esta atividade, que em muito pouco tempo fez enriquecer quem dela se apropriasse. Assim, os pescadores locais viram pessoas estranhas se apropriarem de uma atividade até então pouco explorada por eles, o mergulho de turistas aos parrachos. Vislumbrando essa nova atividade como fonte de renda, os atores deixam de pescar para sair em busca de melhores condições de renda. Então, através da mobilização e da necessidade de sobrevivência, latente em defender seu espaço, os atores passam a manifestar seus desejos e anseios.

Logo surgem situações de conflito, pois nem todos concordavam com esta maneira de trabalho uma vez que a exploração incitava as desconfianças e conflitos entre eles. Até conseguirem disseminar os conflitos e estabelecer uma relação de confiança em suas relações, os atores mantiveram muitas e calorosas discussões sobre o que deveria ser verdadeiramente bom para todos. Dado o seu histórico de explorações e de conflitos, muitos dos atores viam com muita desconfiança as ações da associação acreditando haver aí interesses muito mais individuais do que do coletivo.

A partir de 1998, a atividade turística cresceu de forma considerável e os pescadores, através da observação das empresas que exploravam os passeios aos Parrachos passaram a substituir a pesca artesanal por esta nova atividade.

Porém, em 2001, com a criação da APA, esta atividade ficou restrita a uma quantidade de cotas (pessoas) que poderiam andar pelos Parrachos. Foram então divididas estas 190 (cento e noventa) cotas, na época para 06 (seis) empresas que exploravam os passeios e mais a colônia de pescadores. Entra em cena o

presidente da colônia, que por sua vez se apropriava dessas cotas e passava a exercer com elas o seu poder de explorar todos os demais pescadores quando só era concedido o direito de uso das cotas, ao pescador que atendesse aos interesses do presidente da colônia.

Através do contato com os turistas, alguns pescadores começam a se mobilizar e despertar para o desejo de ver toda a comunidade envolvida em uma nova atividade, com retorno promissor e garantido, mas que beneficiasse o coletivo. Segundo relatos dos próprios, a presidência da colônia não buscava nenhuma melhoria para a comunidade, muito pelo contrário, somente eram vislumbrados os seus interesses e o seu bem-estar individual através da compra de terrenos, reforma da casa, compra de novos barcos para seu uso exclusivo. Até um barco catamarã que fora presenteado para a colônia por uma das empresas particulares, foi apropriado pelo presidente.

Assim, surge a vontade de ver as coisas mudarem e alguns dos pescadores começam a se articular junto ao Conselho Comunitário e com o apoio de duas das empresas de exploração dos passeios. Em 2007, foi concedido pelo Ministério Público o direito de uso das cotas, não mais através da colônia, mas sim através do IBAMA, que repassa individualmente para cada barco.

Fundada há dois anos e meio com 39 (trinta e nove) pessoas, hoje a associação conta com cerca de 150 associados, mas possui apenas 15 barcos que realizam os passeios. Os demais associados vivem da subsistência da pesca de arrasto ou empregados nos barcos.

Figura 3 - Atividade da Associação de Pescadores



Fonte: www.maracajareservas.com.br/maracajau
Acesso 05/01/2013

3 O SUCESSO OU FRACASSO DAS ENTIDADES ASSOCIATIVAS

Após a aplicação das entrevistas e colhidas todas as informações necessárias, apresenta-se a seguir a consolidação do DSC, a partir de um conjunto de depoimentos individuais. Para tanto, o DSC lança mão de alguns operadores ou figuras metodológicas. E é a partir dessas figuras metodológicas chamadas de expressões-chave e ideias centrais, Lefèvre & Lefèvre (2002), que serão criados os diferentes tipos de categorias que representam o referencial para a análise do pensamento coletivo.

O Discurso do Sujeito Coletivo, dentro de uma mesma categoria, representa a opinião e o posicionamento de um conjunto de pessoas, descrevendo o que o entrevistado quis dizer de forma abstrata, conceitual e sintética. Dando suporte às análises do DCS e que irá remeter-se a praticamente uma única ideia ou opinião. Representando então o pensamento coletivo em que as análises, para efeito deste trabalho, serão feitas e tecidas as considerações a fim de relacionar a absorção do capital social e suas contribuições para as duas associações, assim como também para as comunidades onde estas estão inseridas.

3.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA COOPERBALSAS

3.1.1 Consolidação do DSC dos Membros do Conselho da Cooperbalsas – Barra do Rio

Box 4 - Consolidação do DSC dos membros do conselho da Cooperbalsas – Barra do Rio

Questão 1: O que o despertou para criar a associação?

A antiga presidência do conselho deixava tudo muito largado, de dois anos para cá é que a gente se organizou melhor. Do jeito que está hoje ninguém pensa em sair. Todo mundo sabe o seu dia de trabalhar, quando não pode, paga para alguém ir no lugar. É muito importante do jeito que a gente trabalha, dia sim dia não, todo mundo trabalha igual e também ganha igual.

A gente divide tudo por igual sabe? Ninguém ganha mais. Temos outras preocupações porque a gente sabe se resolverem construir uma ponte aqui, vai acabar com nossa atividade, por isso a gente vai sempre à

prefeitura pedir as coisas. A gente tem força lá porque eles sempre nos atendem.

A união dos cooperados é muito importante, por isso a gente faz reunião sempre, para que eles fiquem sabendo das coisas e também para que eles deem a opinião nos assuntos da cooperativa. Quando tem alguma discussão a gente para e conversa, mostra que a melhor forma da gente trabalhar é assim. Como somos todos parentes, fica mais fácil de controlar. Por isso a gente não permite mais ninguém na cooperativa e ninguém mais pode por barco para fazer a travessia, só os barcos cadastrados, os dos cooperados.

É importante mesmo o nosso trabalho, todo turista passa por aqui e quer conhecer a gente. As fotos que a gente tira, fica de lembrança e acaba por divulgar nosso trabalho e nossa comunidade também. Aqui a gente vive sossegado, sabe? E ninguém pensa em sair. É o que a gente sabe fazer. Voltar a ser pescador é que não dá mesmo.

Antes eu via umas pessoas descontentes, mas agora não vejo não. Vejo todo mundo trabalhando em união. Todo mundo paga a sua cota do mês e também tem a assistência quando precisa de conserto na balsa por isso que trabalhar na cooperativa é bom mesmo. Não penso em sair não. Sou feliz assim, com esse trabalho. Quero que os cooperados continuem trabalhando e tendo o seu sustento.

Questão 2: Porque trabalhar no associativismo?

É muito gratificante quando a gente vê todo mundo feliz, às vezes tem um aqui ou outro ali que fala coisas que deixam a gente chateado, mas logo passa. A vontade de continuar assim, porque a gente sabe que tem muita associação por ai que não tem união e isso a gente procura mostrar para eles.

A gente consegue muita coisa trabalhando assim. A Capitania vem aqui e dá cursos para a gente e também a licença para fazer a travessia, sem a licença a gente não pode trabalhar não. Outras coisas a gente consegue também, cursos de atendimento para tratar bem o turista.

A gente precisa continuar trabalhando sempre assim, do jeito que está. Todo mundo sabe que a união é mais importante e do jeito que a gente

dividiu a trabalho é bom porque não tem essa de um trabalhar mais que o outro não, todo mundo trabalha igual. A gente fica sempre de olho mas sabe que cada um tem seu dia de trabalho e o dia da folga. Se não puder ir trabalhar manda outro no lugar e assim é bem melhor.

Todo mundo daqui é parente e se entende. Por isso é que a gente dá certo e também não pode deixar entrar mais ninguém. Sabe como é, se vir gente de fora pode dar confusão. O nosso estatuto não permite que mais ninguém entre. Só assim a gente tem nosso trabalho e ninguém atrapalha ninguém. Aqui a gente tem harmonia sabe? Ninguém pretende sair não.

Questão 3: Quais os problemas que vocês ainda enfrentam?

Vamos buscando melhorar cada vez mais, às vezes lidar com pessoas é difícil por isso a gente faz cursos, o SEBRAE vem aqui dar cursos para a gente, a Universidade também vem.

O que falta mesmo é a gente conseguir que o IBAMA autorize a gente fazer a drenagem do rio porque quando a maré baixa o rio fica muito raso e fica difícil para trabalhar.

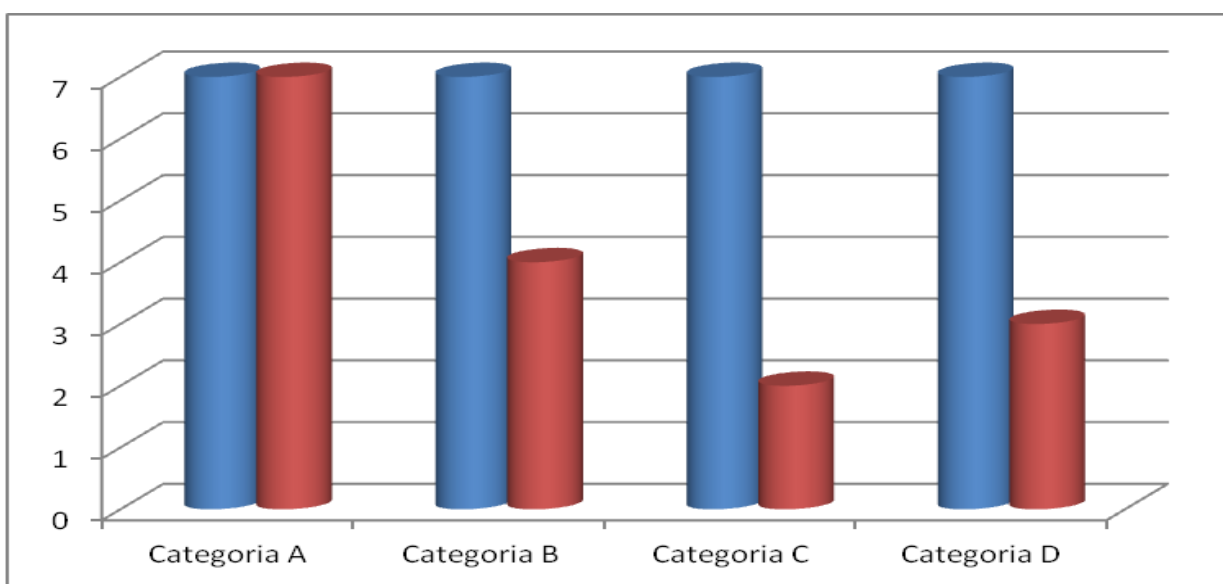
Tem gente que acha que a gente devia dar espaço para outras pessoas trabalhar, mas não tem vaga mais não é uma coisa que já vem sendo feita a muito tempo. O estatuto não permite a entrada de mais ninguém não. Todo mundo (os associados) votou para ser assim.

Temos medo de que algum político resolva fazer uma ponte aqui, daí sim a nossa atividade se acaba porque ninguém vai querer pagar para atravessar na balsa se tiver a ponte não é verdade?

Tem gente que não gosta muito de participar das reuniões mas a gente procura falar com todo mundo para que todos participem e depois não fiquem falando por trás. Procuramos mostrar que a união é importante por isso a gente precisa participar sempre das reuniões, mas não fazemos muitas reuniões não, porque como a gente é pequeno acaba falando com todo mundo o tempo todo. Se tem alguma decisão para discutir a gente discute aqui mesmo, no dia a dia, resolve logo. E não fica convocando muita reunião não, porque nem todo mundo gosta de participar de reunião. Tem gente que acha que reunião é perda de tempo. Então a gente resolve logo, falando com todo mundo no trabalho mesmo.

Gráfico 1 - Categorias DCS – questão 1 - membros do conselho da Cooperbalsas

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 1	
A	União e participação nas decisões da cooperativa
B	Facilidade em conquistar mais coisas para os cooperados
C	Maior assistência para os cooperados
D	Continuar trabalhando nessa atividade



Fonte: Autoria própria

Representados por 100%, ou seja, sete dos membros do conselho da Cooperbalsas está a afirmação de que a união e a participação nas decisões é o principal fator que os influenciou a criar a associação. Além disso, quatro (57,14%) deles ainda disseram que o que os despertou para criar a cooperativa foi a facilidade em conquistar mais coisas para os cooperados, dois (28,57%) ainda disseram que é para obter maior assistência aos cooperados e três (42,85%) deles afirmam ainda que é para não deixar a atividade acabar, ou seja, continuar como balseiro.

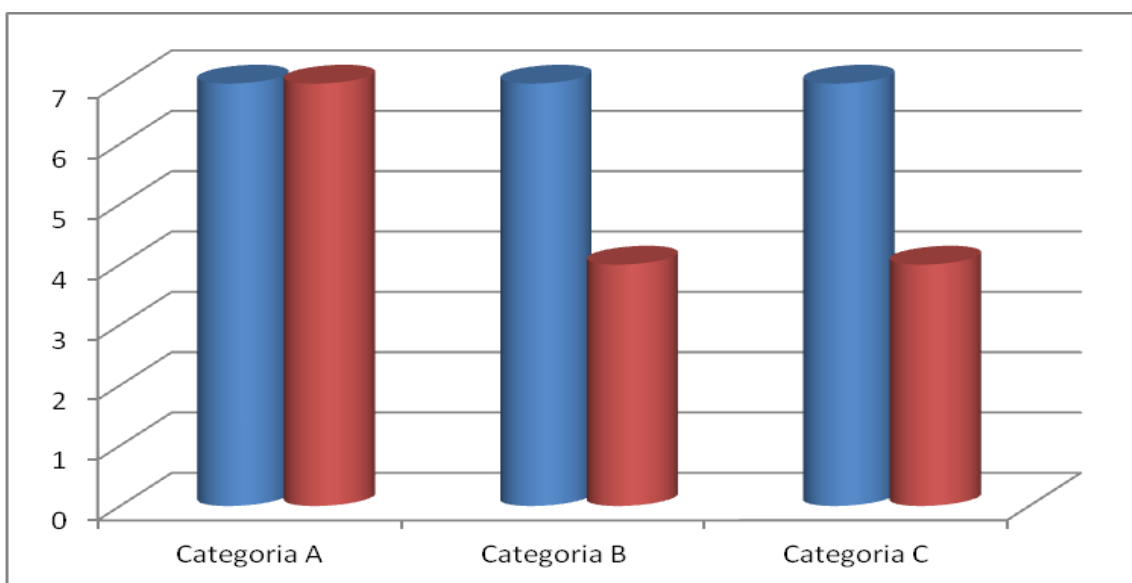
Sendo assim, percebe-se nitidamente que a preocupação com o coletivo é fator essencial para os membros do conselho da Cooperbalsas. E que a criação da cooperativa representa um diferencial para a localidade, pois é o que deixam transparecer no DCS “*Antes eu via umas pessoas descontentes, mas agora não*

vejo não. Vejo todo mundo trabalhando em união.... É importante mesmo o nosso trabalho, todo turista passa por aqui e quer conhecer a gente”.

Aparece aqui, o alto grau de comprometimento entre os membros, em que o capital social pertence à coletividade, ele é compartilhado e não pertence a indivíduos isolados. O que chamou mais atenção nesta questão, além da união e participação dos cooperados, é quanto ao relato dos atores que dizem que é a *“felicidade em conquistar mais coisas para os cooperados”*. Confirmando que o capital social não se gasta com o uso, ao contrário, o seu uso o faz crescer. Indicando assim que os recursos do capital social são compartilhados no nível do grupo a favor do coletivo. E o que conta são as ações incitadas a partir de relações de cooperação e de confiança que resulta na eficiência coletiva.

Gráfico 2 - Categorias DCS – questão 2 - membros do conselho da Cooperbalsas

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 2	
A	Satisfação em ver todos trabalhando em união
B	Grau de parentesco
C	Divisão por igual das tarefas



Fonte: Autoria própria

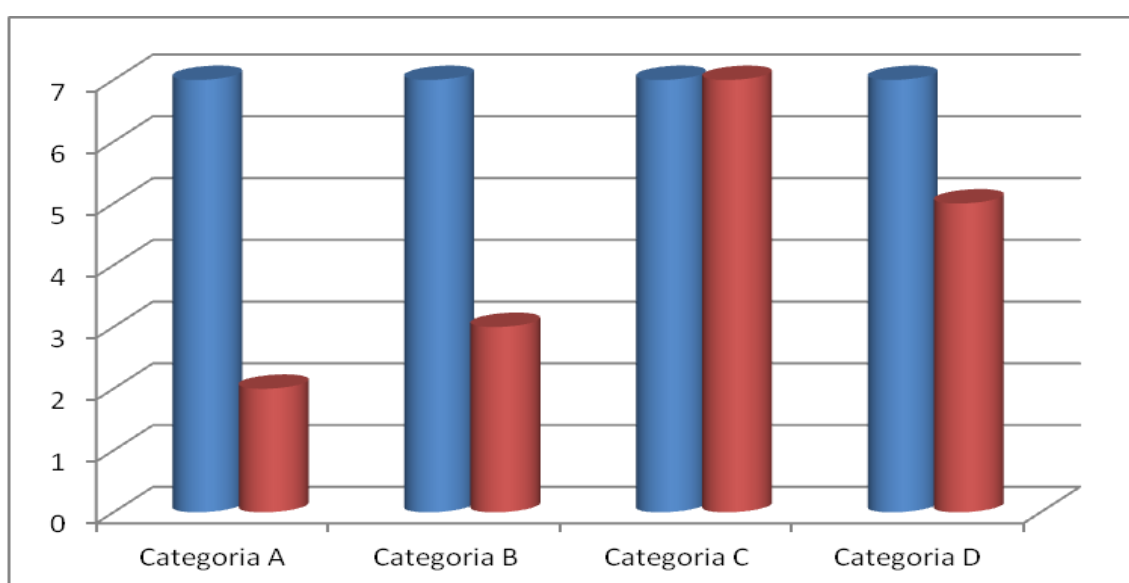
Nesta questão, o que mais apareceu nos sete (100%) dos membros do conselho, foi a satisfação em ver todos trabalhando em união, além disso, quatro

(57,14%) deles ainda disseram que o grau de parentesco e a divisão das tarefas por igual tem expressiva relevância. É o que deixam transparecer na fala do DCS “*A gente precisa continuar trabalhando sempre assim, do jeito que está. Todo mundo sabe que a união é mais importante e do jeito que a gente dividiu a trabalho é bom porque não tem essa de um trabalhar mais que o outro não, todo mundo trabalha igual... Todo mundo daqui é parente e se entende.*”

Apresentando um alto índice de satisfação no trabalho em conjunto em que o capital social valoriza-se no espaço de pertencimento, ligados a uma “rede durável de relações” (BOURDIEU, 1980), se referindo às vantagens e oportunidades de pertencer à associação. Assim, o capital social, traz benefícios tanto individuais, quanto para o grupo a que pertencem os indivíduos beneficiados.

Gráfico 3 - Categorias DCS – questão 3 - membros do conselho da Cooperbalsas

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 3	
A	Medo da construção da ponte
B	Medo que venha outra forma de exploração turística e a atividade se acabe
C	Maior união para o grupo
D	Autorização para a drenagem do rio



Fonte: Autoria própria

Com relação aos problemas que eles ainda enfrentam, os membros do conselho apontaram a construção de uma ponte ou outra forma de exploração do turismo que contribuiria para a extinção da atividade, dois (28,57%) e três (42,85%) membros respectivamente fizeram essa colocação. Cinco (71,42%) deles colocaram como problema a necessidade de fazer a drenagem do rio para facilitar o trabalho de todos, porém sete (100%) deles afirmaram como principal desafio haver maior união no grupo. *“Tem gente que não gosta muito de participar das reuniões mas a gente procura falar com todo mundo para que todos participem... Procuramos mostrar que a união é importante por isso a gente precisa participar sempre das reuniões.*

Mesmo com um alto grau de capital social, é um fator ainda latente nos atores da cooperativa, a preocupação em elevar ainda mais a união do grupo. São as conexões que as redes de relações podem mobilizar, dando sustentabilidade para que esta fique mais forte ainda, trazendo mais recursos pelo fato de pertencer ao grupo de “mútua familiaridade e reconhecimento” (BOURDIEU, 1980). Preocupados então em continuar produzindo capital social, entendido pelos atores como os recursos materiais e/ou simbólicos (informações, influência, prestígio, confiança, reconhecimento, suporte) que o grupo adquire através das relações que veem construindo e acumulando ao longo dos anos de existência da cooperativa.

3.1.2 Consolidação do DSC dos Cooperados da Cooperbalsas – Barra do Rio

Box 5 - Consolidação do DSC dos cooperados da Cooperbalsas – Barra do Rio

Questão 1: O que o despertou para criar a associação?

Em outros tempos a gente já tinha sofrido com a exploração de alguns pescadores. Foi quando, na época umas pessoas resolveram criar uma cooperativa, nem me lembro direito porque, foi muita discussão no início sabe? Mas depois as coisas se ajeitaram, a gente foi lutando pelos nossos direitos até que chegou como está hoje. Hoje a gente tem muita união, somos bastante unidos.

Tem gente que acha que se a cooperativa acabar a gente vai continuar trabalhando igual, eu não acho, por isso é importante a gente continuar aqui juntos. Tem a divisão das tarefas, cada um trabalha no seu dia. Não tem exploração não. A gente paga uma taxa para manter tudo funcionando.

Tem gente que não concorda e acha que a sua balsa deve ser a primeira a ir para a reforma, mas eu não concordo acho que tem que seguir o rodízio marcado pelo conselho. Tudo é resolvido lá. Todo mundo tem oportunidade de falar no dia da reunião. Quem não fala é porque não quer. A gente resolve tudo porque somos todos parentes e confiamos nos outros.

O conselho sempre resolve as coisas e para mim está bom assim. Gosto de trabalhar na cooperativa porque a gente tem o dia de folga e sempre pode ganhar um pouco mais quando alguém não pode ir então paga pra gente ir.

Quando o conselho resolve tá resolvido, é palavra da maioria, quem não participa fica de fora. Tenho parente que gostaria de participar também da cooperativa mas não deixam mais. Tem o estatuto que não permite a entrada de mais ninguém. Fico triste por isso, queria outros parentes meus participassem também porque aqui é muito bom. Somos todos parentes e acho que é por isso que a gente se entende bem.

Não penso em ir embora daqui não porque aqui a gente é bem unido, trabalha em paz e no dia da folga pode fazer o que quiser, é muito bom. Estou satisfeito e feliz assim posso criar meus filhos e cuidar da minha família.

Questão 2: Porque trabalhar no associativismo?

Porque a gente resolve tudo lá no conselho da cooperativa, prefiro que seja assim eles resolvem tudo. Eu gosto de trabalhar aqui e tirar minha folga sossegado, sei que toda semana tenho o meu (dinheiro) livre. Não preciso dar mais nada para ninguém para trabalhar porque a gente já paga a cota para a cooperativa.

Às vezes tem uns desentendimentos sobre alguma coisa que alguém não concorda mas isso o conselho resolve. É bom porque eles resolvem tudo. A gente também fala, mas quem está na frente são eles.

A gente trabalha dia sim dia não, isso é bom, pouca gente trabalha assim, tem gente que tem inveja da gente por isso não pretendo sair daqui. Também porque estou junto de meus parentes, aqui todo mundo é parente, é bom.

Não gosto quando falam por ai que a gente não dá oportunidade para outras pessoas, mas está lá no estatuto, não pode entrar mais ninguém, se não a coisa fica muito grande, com muita gente, daí pode ficar mais difícil para trabalhar, porque muita gente atrapalha.

Questão 3: Quais os problemas que vocês ainda enfrentam?

Tem gente que fala mal porque não pode entrar mais ninguém, eu não me importo já me acostumei a trabalhar assim. Não sei se tem algum problema não sabe? Porque quando tem problema é o conselho que resolve. Sei que tenho meu dia de trabalho e meu dia de folga e pronto.

Acho que um problema é porque tem gente que não gosta de participar das reuniões e depois fica falando por trás. A gente resolve as coisas lá no conselho e depois ficam falando. Outro dia até briguei com meu cunhado, porque ele disse que a gente fica discutindo coisa boba, mas por causa de minha irmã, deixei ele pra lá. A gente tem que considerar o parentesco pra não sair brigando com todo mundo que trabalha na cooperativa.

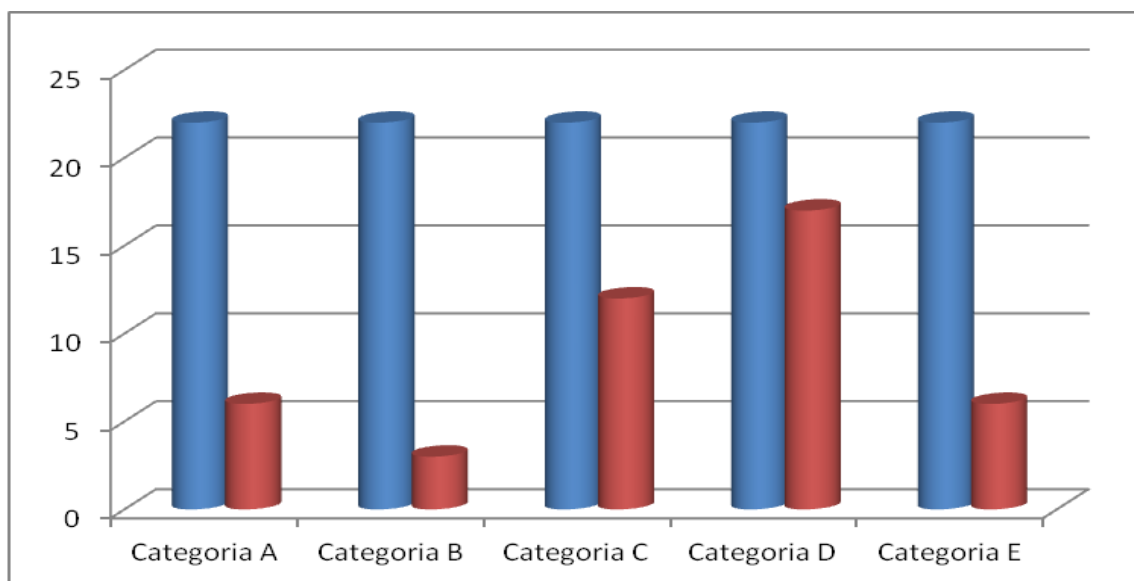
Dizem que tem um projeto de construírem uma ponte aqui, se isso acontecer muita gente vai ficar sem trabalho. Por isso acho que a gente tem que se unir mais para que na hora que virem com essa ideia a gente atacar e não deixar que isso aconteça.

Acho que a prefeitura tinha que olhar mais pra nos e deixar que o IBAMA autorize a drenagem do rio, tem dia que é muito ruim de trabalhar porque o rio fica muito raso. Também não concordo com a quantia da cota que temos que dar todo mês, acho muito, deviam ver isso, mas foi o conselho que votou e daí não se pode fazer nada.

Fonte: Autoria própria

Gráfico 4 - Categorias DCS – questão 1 - cooperados da Cooperbalsas

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 1	
A	Não há exploração porque há divisão igual das tarefas
B	Confiança no conselho da cooperativa
C	Todos são ouvidos no dia da reunião
D	União entre os cooperados
E	Confiança e reciprocidade no grupo devido ao grau de parentesco



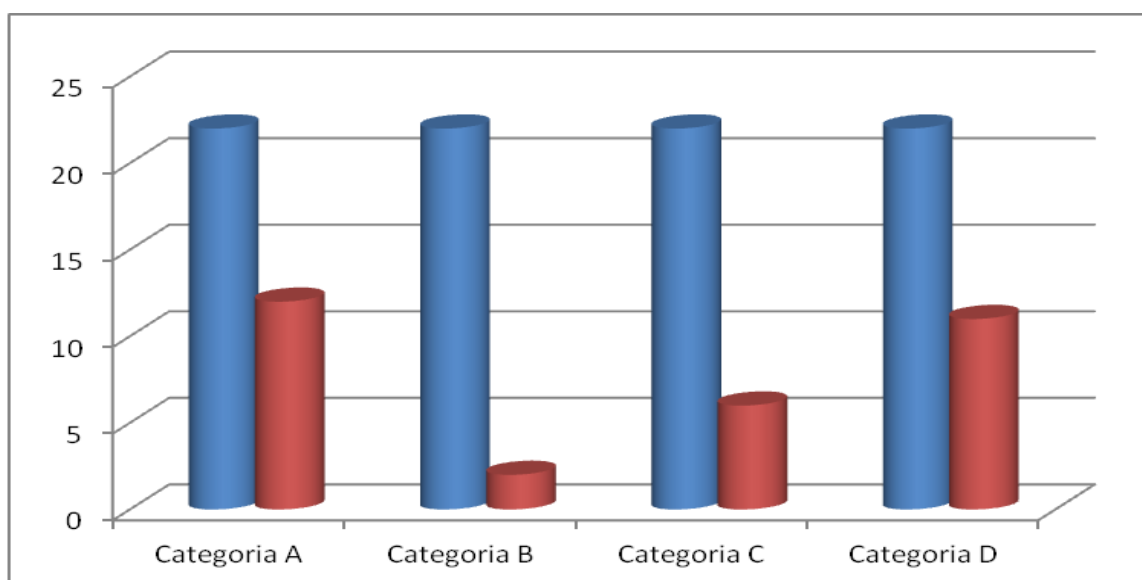
Fonte: Autoria própria

Quando questionado aos cooperados o que os despertou para a criação da cooperativa seis (27,27%) deles disseram que fora devido a divisão das tarefas ser igual para todos e com isso não há exploração entre eles, ou seja a forma da escala de trabalho. Três (13,63%) disseram que é porque todos os cooperados são ouvidos no dia da reunião, e, dos vinte e dois cooperados, doze (54,54%) disseram também que foi a confiança no conselho e quase a maioria, ou seja, dezessete (77,27%) deles deixaram claro que foi a união a mola principal que os impulsionou a criar a cooperativa. E ainda, cinco (22,72%) disseram ser a confiança e reciprocidade no grupo devido ao grau de parentesco o principal motivo de haverem criado a cooperativa. Assim retratado: *“Hoje a gente tem muita união, somos bastante unidos...Tem as divisões das tarefas, cada um trabalha no seu dia. Não tem exploração não... Confio nas decisões do conselhoO conselho sempre resolve as coisas e para mim está bom assim. A gente resolve tudo porque somos todos parentes e confiamos nos outros.”*

Reforçada na fala dos atores, a confiança que aparece como essência para o capital social, pois é ela resultado da cooperação que incita a eficiência coletiva (FUKUYAMA, 1996). Que através dessa união, todos os atores se sentem confortáveis em dar suas opiniões e discutir ações que deverão ser colocadas em detrimento do grupo e não do indivíduo. Sabem que tem voz ativa e que podem opinar em busca do bem-estar coletivo.

Gráfico 5 - Categorias DCS – questão 2 - cooperados da Cooperbalsas

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 2	
A	Confiança no conselho que resolve tudo
B	Garantia de quanto vai ganhar no final do mês
C	Continuar trabalhando em família/grau de parentesco
D	Numero limitado de participantes



Fonte: Autoria própria

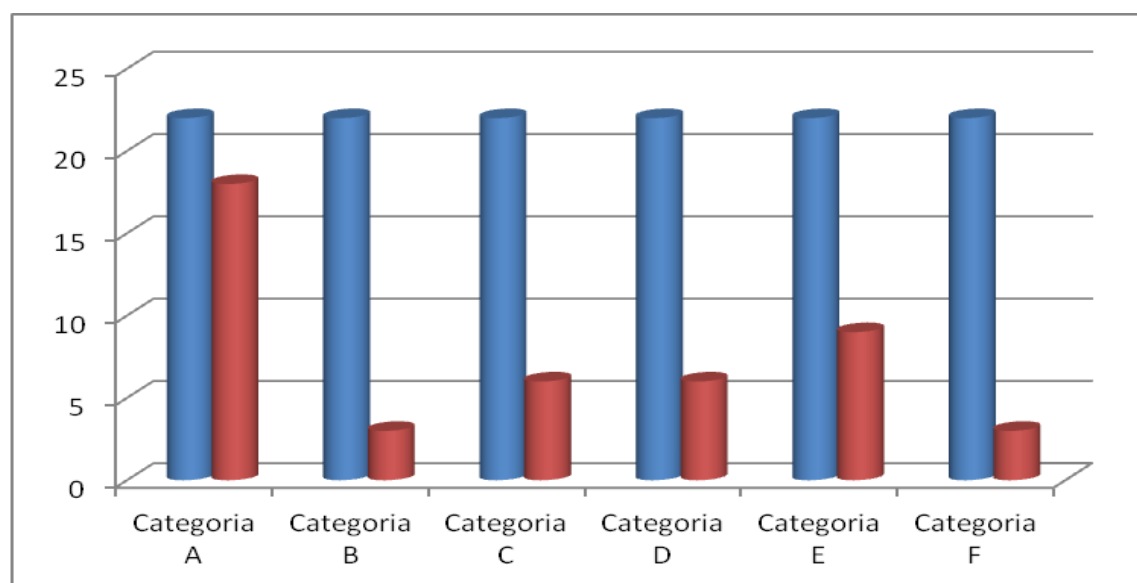
Para a questão dois, dos vinte e dois cooperados 12 (54,54%) e 11(50%) deles sinalizaram que é porque o conselho resolve tudo e por causa do numero limitado de participantes, respectivamente. Já seis (27,27%) deles assinalaram que é também por causa do grau de parentesco e apenas dois (9%) mencionaram que é porque sabem o quanto vão ganhar no final do mês como fator principal de continuarem trabalhando em cooperação: *“Porque a gente resolve tudo lá no conselho da cooperativa, prefiro que seja assim eles resolvem tudo... sei que toda semana tenho o meu (dinheiro) livre. Não preciso dar mais nada para ninguém para trabalhar porque a gente já paga a cota para a cooperativa. Também porque estou junto de meus parentes, aqui todo mundo é parente, é bom...não pode entrar mais ninguém, se não a coisa fica muito grande, com muita gente, daí pode ficar mais difícil para trabalhar, porque muita gente atrapalha.”*

Aqui, os atores reforçam mais ainda o alto grau de capital social, que sabem que não estão agindo de maneira isolada (ABRAMOVAY, 1998). Ou seja, o que conta são as ações coletivas disparadas a partir da confiança entre os indivíduos.

Outro fator aqui levantado é com relação ao grau de parentesco que segundo Kliksberg, (1999) é uma influencia positiva e um componente central do capital social, pois para ele quanto maior a solidez desse capital social básico, o grau de parentesco, maiores resultados se obtém com o associativismo.

Gráfico 6 - Categorias DCS – questão 3 - cooperados da Cooperbalsas

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 3	
A	Acha que não tem problemas. Quando tem problemas o conselho resolve.
B	Existem pessoas que não gostam de participar das reuniões
C	Considera o grau de parentesco por isso releva muitas decisões do conselho
D	Se unir mais para evitar a construção da ponte ou outro problema que possa atrapalhar a atividade
E	Conseguir autorização do IBAMA para a drenagem do rio
F	Considera alta a quantia paga à cooperativa



Fonte: Autoria própria

Quando perguntados na questão três, apareceram 06 categorias bem diversificadas mas que refletem o grau de comprometimento com a cooperativa, pois apenas três (13,63%) deles disseram que existem pessoas que não gostam de participar das reuniões ou que considera alta a quantia paga à cooperativa. Seis (27,27%) deles apontaram o grau de parentesco como sendo um problema pois isso deixa bastante comprometida o andamento e o encaminhamento das discussões e que por isso acabam relevando muitas coisa e também que deveria se unir mais para evitar a construção da ponte. Além disso, nove (40,90%) deles sugeriram que a autorização do IBAMA é um grande problema a ser enfrentado. E por ultimo, refletindo o pensamento de quase a maioria, dezoito (81,81%) deles, que sinalizaram não haver grandes problemas pois o nível de cooperação e de união faz com que as discussões sejam resolvidas no conselho. *“Porque quando tem problema é o conselho que resolve...A gente tem que considerar o parentesco pra não sair brigando com todo mundo que trabalha na cooperativa. Acho que a prefeitura tinha que olhar mais pra nos e ajudar para que o IBAMA autorize a drenagem do rio.”*

Consolidado nesta questão, aparece o grau de confiança em depositar no conselho da cooperativa as decisões com relação a problemas relativos a associação. Os atores sabem muito bem diferenciar o individual do coletivo e estabelecem um grau de pertencimento ao grupo que se sentem confiantes e tranquilos em saber que tudo está sendo conduzido em benefício do coletivo.

3.1.3 Consolidação do DSC dos Membros da Comunidade – Barra do Rio

Box 6 - Consolidação do DSC dos membros da comunidade – Barra do Rio

Questão 1: Como você vê o trabalho da associação?

Com o trabalho deles a gente tem o turista que passa por aqui e que sempre compra alguma coisa para viagem. Além disso, eles trazem desenvolvimento para comunidade. Por isso é bom que eles continuem fazendo a travessia assim todo mundo tem o que fazer e o que comer, não é verdade? Sei que eles trabalham bastante organizados, dia sim dia não, mas às vezes vem algum deles descontente com alguma coisa que aconteceu lá, mas como eles são parentes acabam se entendendo depois.

Sabe, eles estão sempre aqui no dia de folga deles, por isso acho bom,

assim estão sempre consumindo e assim a gente ganha também. Acho interessante porque nunca vi isso em nenhum lugar. Acho até que as pessoas podiam vir aqui para aprender do jeito deles trabalhar. Queria também fazer parte, mas como não pode mais entrar ninguém fico só no meu comercio e tá bom mesmo assim.

É bom porque a gente tem movimento o ano inteiro, mesmo na baixa estação tem sempre gente passando aqui em Barra, principalmente no fim de semana, daí o movimento sobe e a gente acaba ganhando uns trocados a mais. Assim Barra fica mais conhecida ainda.

Acho que eles tinham que olhar mais para gente que tá de fora da cooperativa e dar oportunidade também para gente. Quem não trabalha lá com eles acaba ficando excluído e tem que procurar outra atividade pra fazer.

Questão 2: Quais benefícios trouxeram para a comunidade?

O bom mesmo é o turista que vem e traz movimento aqui em Barra. Toda hora tem bugge passando com turista, a gente se acostuma com eles sabe? E por isso a prefeitura sempre passa por aqui trazendo alguma coisa, consertando estradas, dando transporte para quem quiser estudar, escola para as crianças. Beneficio mesmo são os turistas que passam, às vezes eles consomem pouco, mas só de ver eles passarem já é movimento para comunidade.

Hoje tem rua calçada, tem comércio, tem escola para as crianças, tem posto de saúde, tem vacinas, tem cursos que eles arranjam para as pessoas fazerem. Acho tudo isso muito importante para o desenvolvimento da comunidade. Tem sempre gente aqui em Barra por causa das balsas e assim a gente ganha também. Acho que de benefícios mesmo é porque Barra é conhecida em todo lugar por causa das balsas e daí o turista vem pra conhecer.

Muita coisa a gente tem aqui por causa do turista. Acho que tinham que fazer que os turistas parassem mais para poder comprar nossas coisas.

Questão 3: Como isso repercute nas tomadas de decisões da comunidade?

Eles estão tentando fazer a dragagem do rio para ver se melhora mais o trabalho deles, acho que vai dar certo porque a Capitania também vem aqui e traz cursos para eles. Eles sempre buscam melhorias para a cooperativa. Mas acho que podiam melhorar e fazer com que a comunidade participasse mais das atividades deixando que outras pessoas também participassem da travessia com as balsas.

Quando a gente precisa de alguma coisa a gente vai à prefeitura e eles sempre dá um jeito de arrumar. Acho que é porque eles vêem que a gente trabalha e que o turista vê a nossa comunidade aqui.

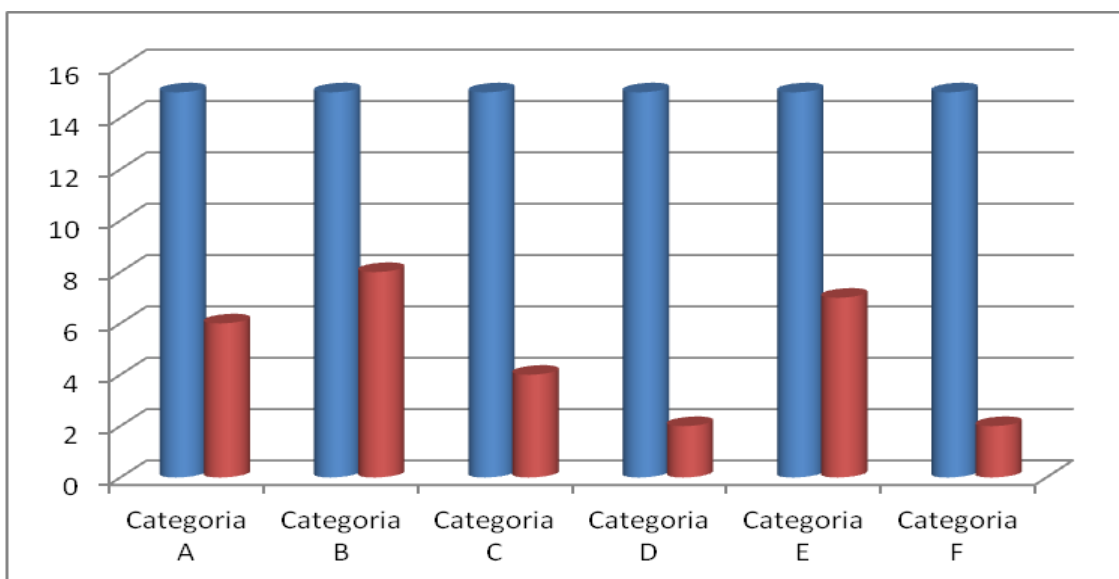
Bem é o movimento de turista que é bastante importante, assim a gente consegue melhorar as coisas porque a prefeitura vê que a gente precisa e vem e faz. Bom, como tem sempre gente passando aqui nas balsas acho que a prefeitura não vai deixar isso aqui se acabar não é? Por causa do turista que tá vendo as coisas e acabam trazendo as coisas boas para comunidade

Se eles fizerem mais pela comunidade e pelos outros, aí sim vai ser bom pra todo mundo. As decisões seriam tomadas com toda gente. Sei que eles se ajudam bastante, mas podiam ajudar também quem está de fora da Cooperativa. Se eles dessem oportunidade para outras pessoas e também fazer a travessia do rio as coisas podiam ser melhor e a comunidade se desenvolveria mais.

Fonte: Autoria própria

Gráfico 7 - Categorias DCS – questão 1 - membros da comunidade de Barra do Rio

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 1	
A	O turismo movimenta a comunidade o ano inteiro e traz desenvolvimento para a comunidade
B	Movimento de turista o ano todo propicia o consumo dos produtos ofertados pela comunidade
C	Organização da cooperativa
D	Grau de parentesco dos cooperados como fator positivo na dissolução de conflitos
E	Cooperativa fechada – não entra mais ninguém – dar oportunidade – quem está de fora fica excluído
F	Barra fica mais conhecida



Fonte: Autoria própria

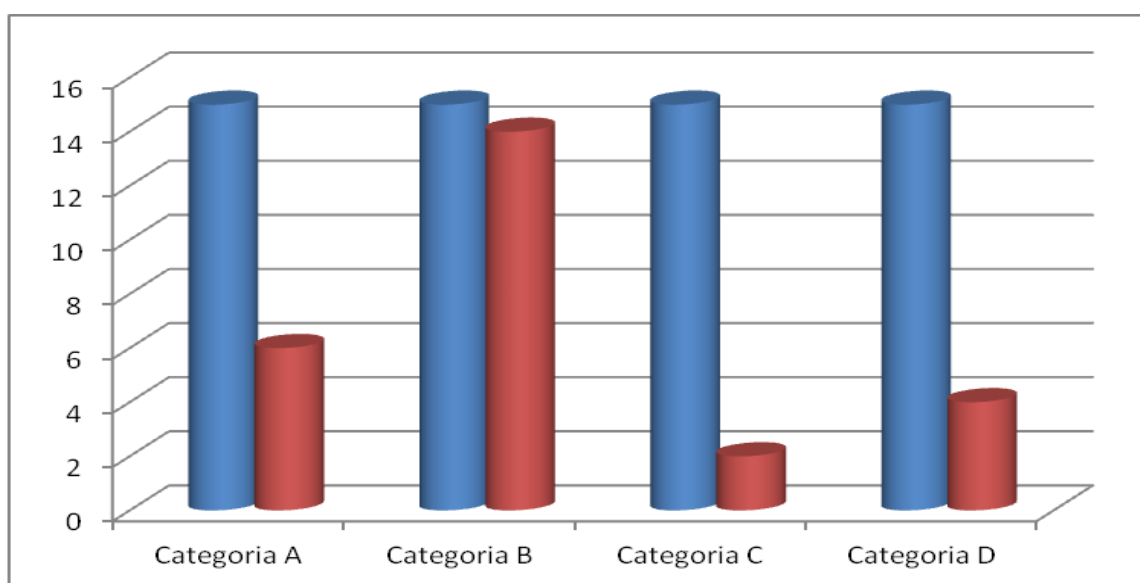
Quando perguntado à comunidade local como eles viam o trabalho da cooperativa, o que mais chamou a atenção é com relação ao movimento de turistas que a atividade propicia. Sendo oito (53,33%) que acham que o movimento ajuda na economia local, fazendo com que o turista pare para consumir e seis (40%) acham que o movimento durante o ano inteiro, traz desenvolvimento para o local. Dois (13,33%) citaram que a local fica mais conhecido devido ao movimento de turista. Nas demais categorias apresentadas nessa questão, quatro (26,66%) acha a organização da cooperativa um diferencial. Porém, dois (13,33%) acha o grau de parentesco entre os cooperados um fator positivo, no entanto sete (46,66%) vê a cooperativa como um sistema fechado não dando oportunidade e deixando de fora os demais moradores. *“Com o trabalho deles a gente tem o turista que passa por aqui e que sempre compra alguma coisa para viagem. Além disso, eles trazem desenvolvimento para comunidade. É bom porque a gente tem movimento o ano inteiro, mesmo na baixa estação tem sempre gente passando aqui em Barra. Assim Barra fica mais conhecida ainda. Acho que eles tinham dar oportunidade também para gente.”*

Percebe-se neste ponto que as relações estabelecidas pela associação influenciam diretamente a comunidade local, pois esta tem forte ligação com a associação, deixando claro que seu maior legado é com relação a movimentação de turistas que passam pelo local através da atividade da cooperativa. Ou seja, a rede de relações do grupo perpassa a cooperativa e se estende à comunidade local,

trazendo também para esta um forte grau de confiança e até de pertencimento, mesmo que indiretamente, à cooperativa.

Gráfico 8 - Categorias DCS – questão 2 - membros da comunidade de Barra do Rio

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 2	
A	O turismo traz movimento para Barra e a comunidade fica conhecida em todo lugar
B	A prefeitura traz melhorias por causa do turismo
C	Benefícios que o turista deixa ao passar por Barra
D	Fazer o turista parar em Barra para aumentar o consumo
E	Falta de água na alta estação



Fonte: Autoria própria

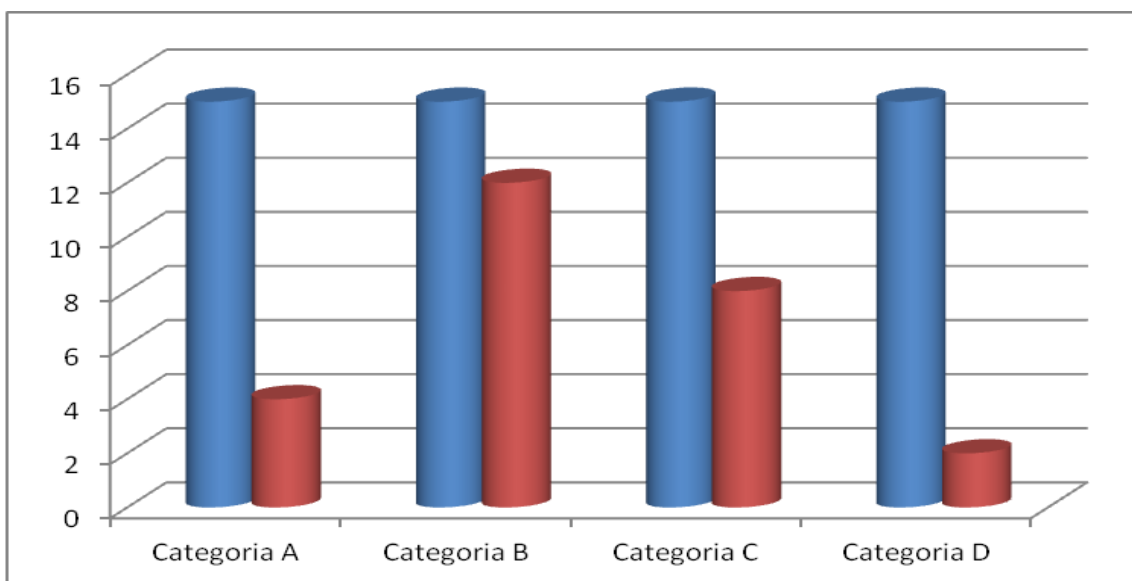
Quando perguntado sobre os benefícios que a cooperativa trouxe para a comunidade seis (40%) disseram que devido ao movimento de turista a comunidade fica conhecida em todo o lugar. Dois (13,33%) deles também apontaram os benefícios que o turista deixa ao passar pelo local e quatro (26,66%) apontaram que o turista deveria parar mais no local para consumir mais. E ainda de forma bastante expressiva, quatorze (93,33) apontaram que as melhorias feitas no local pela prefeitura se dá devido a atividade da cooperativa e do movimento de turistas. *“Toda hora tem buggy passando com turista. E por isso a prefeitura sempre passa por aqui*

trazendo alguma coisa. Benefício mesmo são os turistas que passam, às vezes eles consomem pouco, mas só de ver eles passarem já é movimento para comunidade. Muita coisa a gente tem aqui por causa do turista.”

Neste contexto, pode-se perceber que associações com maiores níveis de capital social, com é o caso da Cooperbalsas, são mais propensas a se desenvolverem. Isso se deve aos benefícios que surgem através das articulações sociais e do grau de organização da associação, gerando melhorias da qualidade de vida da população e criando alternativas para superar problemas existentes na região (KLIKSBURG, 1999). Onde os benefícios perpassam a associação e se estendem para os demais atores da comunidade local. Reafirmando, mais uma vez o conceito do capital social que se refere, à capacidade e à habilidade dos cidadãos de conectar-se em redes de relações que propiciam o fluxo e o intercâmbio de informações. Criam espaços nos quais a comunicação pode ter lugar, o que é uma função-chave para sistemas sociais ricos em capital social, uma vez que abrem acesso à informação e permitem que opiniões e conhecimentos sejam compartilhados.

Gráfico 9 - Categorias DCS – questão 3 - membros da comunidade de Barra do Rio

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 3	
A	Ações e melhorias voltadas para a própria cooperativa
B	Dar oportunidade para outras pessoas participar da cooperativa
C	A comunidade é valorizada pela prefeitura por causa do turismo
D	Movimento de turista o ano inteiro é muito importante



Fonte: Autoria própria

Na pergunta, como isso repercute nas tomadas de decisões da comunidade, duas categorias aparecem apresentando o movimento de turista como relevante, pois oito (53,33%) apontaram que a comunidade é valorizada pela prefeitura por causa do turismo e dois (13,33%) disseram que o movimento de turistas o ano inteiro é muito importante. Já quatro (26,66%) deles também disseram que as ações de melhorias no local são mais voltadas para a própria cooperativa. Mas a maioria dos entrevistados da comunidade, doze (80%) no total, disseram que a cooperativa deveria dar oportunidade de ingresso a outras pessoas da comunidade. *“Eles sempre buscam melhorias para a cooperativa. Mas acho que podiam melhorar e fazer com que a comunidade participasse mais das atividades deixando que outras pessoas também participassem cooperativa.”*

Apesar de ver com bons olhos o trabalho da cooperativa, a comunidade local acha que o fato de ser uma associação fechada, deixa de oportunizar outras pessoas que gostariam de se inserir na atividade trazendo insatisfação para alguns.

Ao finalizar as análises a partir do DSC dos atores da Cooperbalsas vale tecer algumas considerações sobre esta associação. Primeiramente, a cooperativa tem um numero fechado de cooperados, não abre nenhum espaço para outros participarem, fato este que gera alguns descontentamentos tanto por parte de algumas pessoas da comunidade local, quanto dos próprios cooperados que gostariam de ver outras pessoas da família envolvidas na atividade. Num segundo ponto, o grau de parentesco estabelecido entre eles deixa claro que quem não for da família está de fora da cooperativa. Assim, nesta relação consanguínea, a sucessão

dos cooperados se dá por idade ou pelo falecimento, ficando os membros mais jovens da família com o legado de dar continuidade à atividade. E, num terceiro ponto, o nível de confiança estabelecido entre os cooperados faz com que haja total autonomia para decidirem sobre a escala de revezamento do trabalho. A colocação de um substituto para alguém escalado para o trabalho é de total responsabilidade do cooperado, que paga para outro cumprir sua escala. Além da sintonia do vai e vem das balsas, onde os turistas são atendidos de forma natural, sem haver disputas nem descasos entre eles.

Porém, vale salientar que apesar de saberem que a cooperativa objetiva o bem comum de seus associados, nem sempre os cooperados conseguem dirimir os conflitos. Como exemplo é o que se pode observar durante a participação em uma das reuniões que fora levantado a questão do assoreamento do rio onde alguns dos cooperados não concordavam em esperar a autorização do IBAMA, pois esta era uma discussão que já há muito se arrastava. Deixando claro que mesmo em uma associação que permeiam a confiança, a solidariedade e as interações coletivas, também existem relações de poder entre os seus membros que se sobrepõem aos interesses do coletivo.

3.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES DE MARACAJÁ

3.2.1 Consolidação do DSC dos Membros da Presidência da Associação de Pescadores – Maracajá

Box 7 - Consolidação do DSC dos membros da presidência da associação de Maracajá

Questão 1: O que o despertou para criar a associação?

Sabe, eu via meus companheiros sendo explorados, para conseguir as cotas tinha que se submeter ao que ele (presidente da colônia) mandava e quem não obedecesse ficava de fora na hora de conseguir o seguro. Comecei a discordar e a bater de frente mesmo. Chegava a brigar mesmo, queria que meus companheiros tivessem os mesmos direitos. Queria que todo mundo se desse bem. Daí a vontade de ver as pessoas deixarem de ser exploradas. Hoje a gente trabalha em grupo e fica mais forte. Na associação você consegue resolver com a ajuda do outro. Por intermédio de outros e da força em conjunto a gente consegue. Fico feliz quando vejo todo mundo tendo os mesmos direitos, todo mundo tem suas cotas para trabalhar isso é importante. Foi juntando uma ideia aqui outra ali que gente conseguiu. No início foi

muito difícil porque todo mundo tinha medo de ficar sem trabalhar, então ninguém tinha coragem. Hoje tem muitas pessoas que eram contra a gente formar a associação que já está do nosso lado. Eu tinha vontade de mudar as coisas mas não sabia como, foi quando via alguns falar e ficava pensando que o caminho seria esse. Daí, depois de muitas brigas lá na colônia a gente via que não dava para continuar e o jeito foi se unir do lado de cá.

Via meu pai chegar em casa humilhado porque num dia ele tinha cotas para trabalhar no outro não, então procurei saber das coisas e como tudo acontecia, daí fui entendendo. O homem da colônia queria tudo para ele, eu não achava justo, depois que passei a entender das coisas. Via também meu pai discutindo com os outros companheiros uma forma de se unirem até que vieram as empresas dos passeios e uma delas deu força pra gente se unir na associação, foi difícil mas a gente conseguiu tirar as cotas da colônia e através do IDEMA distribuir para todo mundo.

Questão 2: Porque trabalhar no associativismo?

Hoje nos trabalhamos sossegados, todo mundo tem a mesma quantidade de cotas para trabalhar. Todo dia a gente se acorda e sai de casa sabendo quanto a gente pode fazer. Hoje nos trabalhamos para que todo mundo fique bem. Por exemplo, agora eu estou aqui mas já estou pensando lá na frente. Como é que posso ficar bem se meus companheiros não têm de onde tirar o seu sustento? Hoje eu dedico minha vida para a associação, pensando em continuar lutando porque a gente só tem dois anos. Meu objetivo é fazer com que todos entendam que juntos podemos conseguir mais benefícios junto do governo, junto do IDEMA, IBAMA e da prefeitura.

É com uma ajuda aqui outra ali que a gente vai conseguindo as coisas. Tem muita gente que só vai procurar a associação quando precisa de alguma coisa. Se juntando a gente fica mais forte e é mais fácil de conseguir as coisas.

Cada um tem uma ideia, mas é bom quando a gente precisa de alguma coisa, daí todo mundo se une e fica mais fácil de conseguir. Juntos foi que a gente conseguiu fazer o promotor aqui na praia e ver o que estava acontecendo e em poucos dias ele tirou as cotas da colônia e distribuiu para gente trabalhar.

Ah, vejo a força que a gente tem hoje. Falta muito ainda porque vejo muito individualidade, mas acho que estamos no caminho certo. Só acho que falta mais união. A força que a gente teve desde o começo até agora, a associação é nova tem só dois anos, mas a gente

conseguiu desbancar o presidente da colônia e ter direitos iguais. É por isso que abraço essa causa porque vejo o desejo de toda a comunidade que é de ter uma vida melhor e mais digna.

Questão 3: Quais os problemas que vocês ainda enfrentam?

Tem gente na associação que acha que esta tudo bem mas não está não porque se amanhã o IDEMA chegar e mandar voltar as cotas para a colônia administrar vai estar tudo perdido. Mas tem gente que não pensa assim e prefere trabalhar sozinho. Acho que a falta de união é o pior que a gente enfrenta. Só quando encontram alguma dificuldade é que correm pra associação. Ninguém acha que tem que dar uma contribuição para associação mas eu acho que sim, tem que dar porque é daí que a gente vai tirar quando tiver precisando.

É a divisão do grupo. Hoje nosso grupo está dividido em vários pedaços, porque é individual. Cada um só quer fazer o seu, saber do seu.

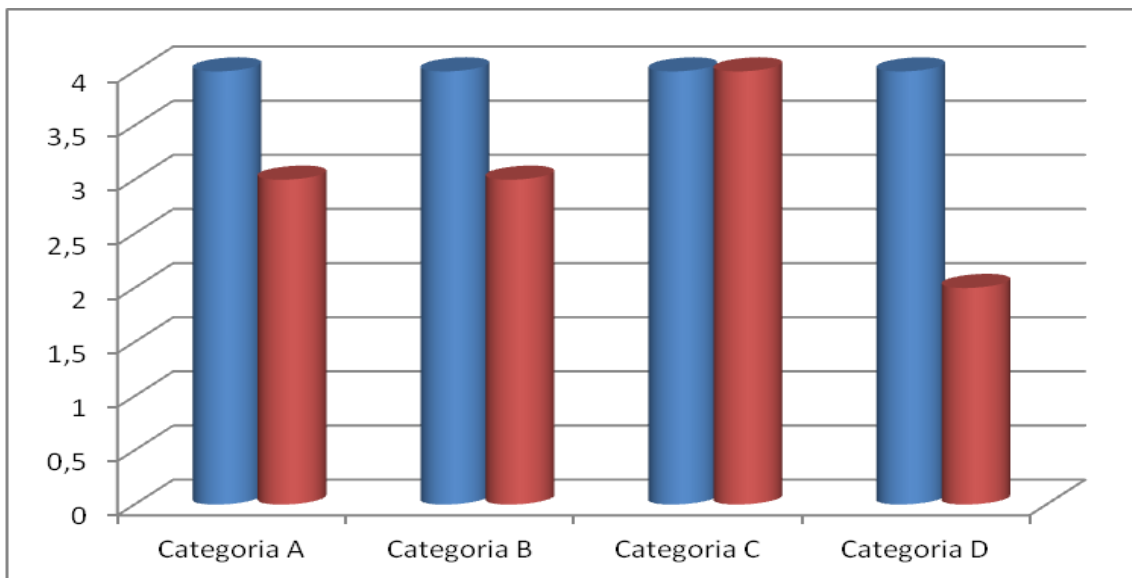
A falta de união. Todo mundo acha que a gente vai ficar assim para sempre, mas o IDEMA não pode ficar administrando as cotas para sempre, qualquer hora ele vai deixar de administrar e daí quero ver...a gente tem que ficar juntos e cada vez mais forte.

Ah, tem muita coisa ainda, mas acho que a principal delas é a falta de união. Hoje cada um que tem suas cotas só quer saber de si, não está nem ai para os outros. Fico pensando que se fossem mais unidos conseguiriam mais coisas.

Fonte: Autoria própria

Gráfico 10 - Categorias DCS – questão 1 - membros da presidência da associação de Maracajá

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 1	
A	Exploração dos companheiros
B	Queria ver todo mundo se dando bem e tendo os mesmos direitos
C	Com a união do grupo, todos se fortalecem
D	Vontade de mudar as coisas



Fonte: Autoria própria

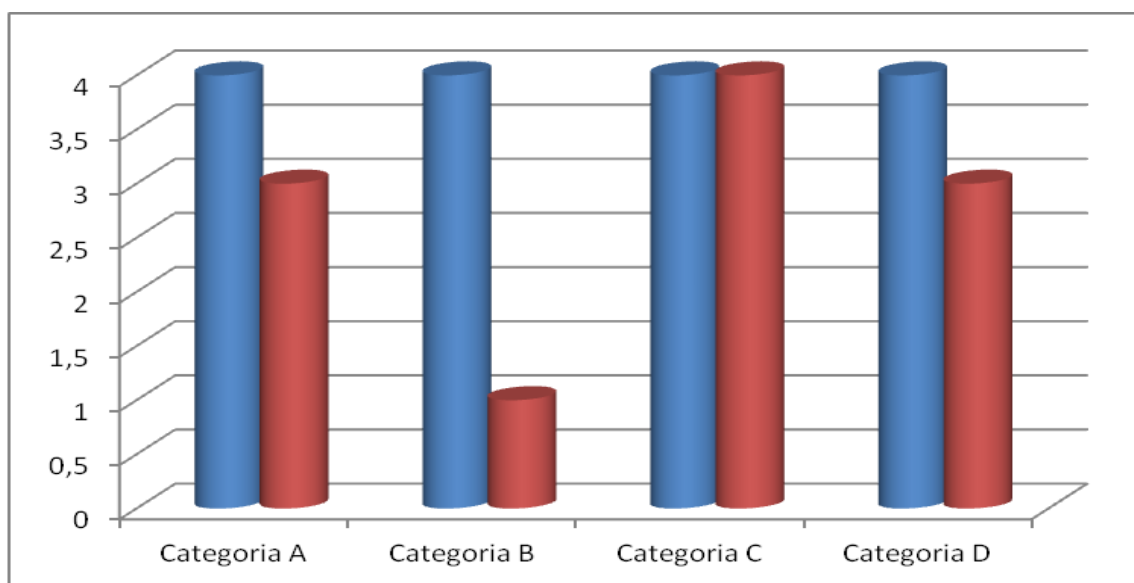
Na pergunta, o que o motivou para criar a associação, fora praticamente unânime entre os quatro entrevistados que compõem a presidência e que foram os fundadores da associação, a uniformidade das falas. Aqui apareceram quatro categorias que expressam bem a vontade de unir as forças para sair de um processo de exploração, até então vivenciado por todos os atores da colônia de pescadores. Logo, todos os quatro (100%) disseram que a principal motivação foi que a partir da união do grupo todos se fortalecem, duas outras categorias que aparecem, exploração dos companheiros e queria ver todo mundo com os mesmos direitos, fora mencionado por três (75%) deles e, a vontade de mudar as coisas apareceu na fala de dois (50%) atores. *“Sabe, eu via meus companheiros sendo explorados. Queria que todo mundo se desse bem. Daí a vontade de ver as pessoas deixarem de ser exploradas. Hoje a gente trabalha em grupo e fica mais forte. Na associação você consegue resolver com a ajuda do outro. Por intermédio de outros e da força em conjunto a gente consegue.”*

A partir da fala dos atores percebe-se que a união e a vontade de ver todos se dando bem foram impulsionadas pela necessidade de sobrevivência, uma vez que os atores perceberam que unidos teriam mais força para superar a exploração que sofriam no campo de suas relações. Fundamentado em Bourdieu, que explica que esse campo é um espaço de conflitos e de competência no interior do qual se desenvolve uma luta para estabelecer um monopólio sobre o tipo específico de capital (material, simbólico e social) que seja eficiente para construir uma autoridade e um poder. Onde nesse campo muitas situações dos conflitos aconteciam fazendo

com que esses atores vislumbassem que juntando as forças conseguiriam neutralizar a exploração pela qual estavam passando.

Gráfico 11 - Categorias DCS – questão 2 - membros da presidência da associação de Maracajaú

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 2	
A	Direitos iguais para todos
B	Continuar lutando pela associação
C	Força e união do grupo para conseguir mais benefícios para todos
D	Associação ainda é muito nova



Fonte: Autoria própria

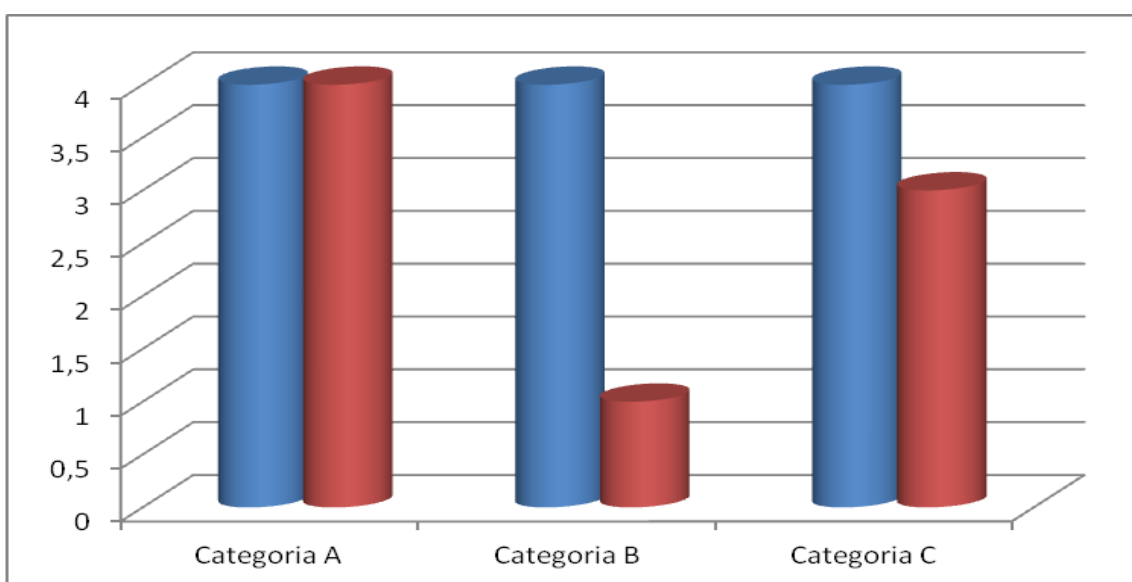
Quando perguntados “porque trabalhar no associativismo” todos os quatro membros tem as opiniões bastante parecidas, nas quatro categorias apresentadas, onde direitos iguais para todos e o fato da associação ainda ser muito nova, fora citado por três (75%) deles. Continuar lutando pela associação aparece na fala de um (25%) deles e os quatro, salientaram que é a força e a união do grupo e conseqüentemente para obter mais benefícios para a associação que os motiva em continuar trabalhando no associativismo. *“Hoje eu dedico minha vida para a associação, pensando em continuar lutando porque a gente só tem dois anos. É com uma ajuda aqui outra ali que a gente vai conseguindo as coisas...vejo a força*

que a gente tem hoje. Falta muito ainda porque vejo muito individualidade, mas acho que estamos no caminho certo. É por isso que abraço essa causa porque vejo o desejo de toda a comunidade que é de ter uma vida melhor e mais digna.”

Aqui fica evidente o grau de capital social em construção entre os atores que mesmo com a dificuldade que passam devido a pouca maturidade da associação, conseguem visualizar que o melhor caminho é a união do grupo. Através da solidariedade, baseados na defesa do bem-estar comum e na defesa dos direitos iguais, os interesses pessoais serão sufocados em detrimento aos interesses coletivos.

Gráfico 12 - Categorias DCS – questão 3 - membros da presidência da associação de Maracajaú

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 3	
A	A falta de união dos associados
B	Os associados somente procuram a associação quando estão com problemas
C	Individualidade - cada um só pensa em si



Fonte: Autoria própria

Na questão três: Quais os problemas que vocês ainda enfrentam? Apenas três categorias foram apresentadas e com grau de similaridade bastante forte, onde a “falta de união entre os associados” foi o mais citado por todos os membros. Três

(75%) deles ainda mencionaram que há muita individualidade e que cada um só pensa em si e apenas um disse que os associados somente procuram a associação quando estão com algum problema. *“Acho que a falta de união é o pior que a gente enfrenta. Só quando encontram alguma dificuldade é que correm pra associação. É a divisão do grupo. Hoje nosso grupo está dividido em vários pedaços, porque é individual. Cada um só quer fazer o seu, saber do seu.”*

Percebe-se então que a grande preocupação por parte dos atores é em relação a adesão de todos os demais associados. A conservação ou mudança do estado de coisas num dado campo social é produto de uma dinâmica onde os sujeitos intervêm. Ao agente cabe a decisão de submeter-se ao estado de coisas ou de lutar. E para que o grupo se fortaleça, necessário se faz que os atores envolvidos sejam protagonistas de suas próprias ações. Em que cada um assuma seu papel de agente transformador e ao mesmo tempo, capaz de compreender a dinâmica do associativismo.

3.2.2 Consolidação do DSC dos Associados da Associação de Pescadores – Maracajú

Box 8 - Consolidação do DSC dos membros associados da associação de Maracajú

Questão 1: O que o despertou para criar a associação?

A gente era muito explorado pela colônia que arrendava as cotas que eram nossas para os outros e acabava que a gente ficava sem direito de fazer o mergulho nos parrachos. Vi algumas pessoas lutando e querendo mudar para que todo mundo tivesse direito também. Foi assim que tudo começou.

Porque trabalhar em grupo é melhor, vi os outros se unindo e não concordava também com os desmandos da colônia e do que o presidente da colônia fazia com a gente. Deixava a gente sem trabalhar e ainda fazia pagar a mais além do imposto que já era pago, só ele se dava bem.

Depois que eles conseguiram tirar as cotas da colônia eu vim para o lado de cá se não ia ficar sem trabalhar e gosto de fazer os mergulhos, de conversar com as pessoas, não queria ficar sem trabalhar. Vim só porque não queria ficar de fora. Vim pra associação porque eles conseguiram que o IDEMA desse as cotas individualmente, por que eles lutaram no início. Gostei de ficar com minhas cotas e agora venho de vez em quando participar das reuniões para ver se juntos vamos

fazer mais coisas pela associação.

No inicio fui contra, achava que era culpa das empresas que vieram explorar o que era nosso. Depois fui vendo que não, que era a nossa própria gente que estava explorando os companheiros porque foram eles (os empresários) que nos abriram os olhos e disseram que a gente tinha que se unir mais porque todo mundo tinha direito de trabalhar e ninguém queria tomar o que era nosso não.

No inicio era muita briga e eu ficava meio de fora. Depois fui vendo que foi dando certo e as cotas apareceram para gente trabalhar. Agora trabalho mais não vou muito à associação, não concordo com muitas coisas deles, prefiro ficar mais de longe. Acho que eles só querem pegar o dinheiro da associação e pronto.

Primeiro eu queria o direito de trabalhar também nos passeios do turismo, já estava cansado de ser pescador e via que não tinha muita chance porque não tinha mais espaço. Depois vi que tinha umas pessoas que estavam brigando para tirar as cotas da colônia, então aproveitei e fui com eles, assim consegui umas cotas pra mim também e assim pude fazer os passeios sem ter que brigar mais.

Fui vendo como a gente era explorado pelo presidente da colônia de pescadores. Eu não achava justo e dizia pros outros largarem tudo e que a gente tinha que lutar pelos nossos direitos. Daí a gente foi lutando e conseguindo as coisas.

Foi a vontade de ver as pessoas deixarem de ser exploradas. A gente trabalha em grupo e fica mais forte. A gente tinha que pagar para poder trabalhar era injustiça.

Questão 2: Porque trabalhar no associativismo?

Porque juntando as forças a gente consegue mais coisas... eu acho que é só assim que podemos mudar alguma coisa. Bom, a união faz a força né! É assim que acho melhor trabalhar, todo mundo fica mais feliz, fico feliz também quando vejo os colegas (outros) também trabalhando. Junto a gente pensa no coletivo e tem mais força e tem coisas que só se pode fazer juntos sozinho não dá não, perde a força.

Porque a gente junto fica mais forte, quando precisamos fazer alguma coisa e um não pode e outro vai e faz e daí dá certo. Tem que ser assim, pensar nos outros também. Daí todo mundo ganha mais.

Prefiro ficar, mas de longe. Não vou mais lá não, acho importante sim trabalhar com associação, mas prefiro ficar de longe. Não ligo muito não, prefiro fazer o meu, pego minhas cotas, faço meus passeios e

pronto não gosto muito de me envolver. Como tá, tá bom. Fica mais fácil quando se luta pelo coletivo mas acho que lá não é assim não...eles pensam muito neles só. Ficam discutindo coisas que é só deles, dos barcos deles, da vida deles. Não concordo não.

No inicio foi bom porque tive minhas cotas, mas agora não preciso mais não. Trabalho o dia que quero. Mais nada não, por enquanto não. Quando precisar eu vou lá.

Se juntando a gente fica mais forte e é mais fácil de conseguir as coisas. Na associação tudo é para ser do coletivo por isso concordo em continuar trabalhando com a associação mas acho que falta muito porque muita gente fica muito de fora só falando mal de quem está lá dentro trabalhando.

Questão 3: Quais os problemas que vocês ainda enfrentam?

Muita gente fica falando por trás dizendo que a associação não dá futuro não, mais eu acho que dá. Acho que falta união e também vejo que muita gente tem muita inveja e daí fica falando, é inveja mesmo.

Tem muita gente que só vai procurar a associação quando está precisando de alguma coisa, ai não concordo. Acho que esse deveria ficar de fora mesmo.

Muita gente pensa em si própria. O individualismo é o nosso grande mal porque as pessoas continuam trabalhando assim. Acho que é porque não tem receita, se tivesse todo mundo queria, já sabe, onde não tem dinheiro ninguém quer entrar.

Muita gente fica isolada, vai lá fazem o passeio e pronto. Acho que deveria chegar mais para perto de todo mundo, ter mais reunião para discutir mais as coisas da comunidade. Deviam avisar para todo mundo participar. Se é associação é de todo mundo e não só de meia dúzia.

Acho que tem muita conversa lá na associação, eles não fazem nem a metade que deveriam fazer, ficam falando mais não fazem nada de bom. Por isso prefiro nem ir lá. Não gosto muito não. Acho que não tem problema não. Faço meus passeios ganho bem, não preciso de mais nada não.

Muita falta de união, ficam discutindo coisas sem futuro. Ninguém se entende muito lá. Eles falam mas não fazem. Prefiro ficar aqui no meu canto, tenho meu barco, minhas cotas e tá bom.

Ah, acho que a falta união. Deviam falar mais com as pessoas. Buscar

saber o que o povo (associação) precisa. Trazer uns cursos para nos fazermos e atender mais aquilo que a gente precisa. Falta a prefeitura ver que a gente precisa de muita coisa aqui.

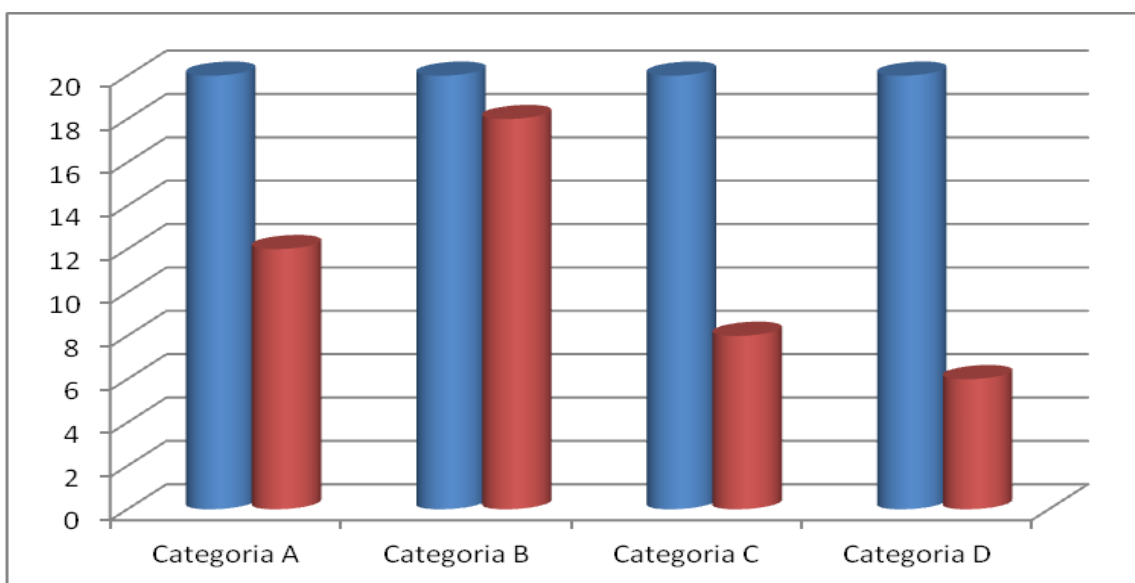
Mas tem gente que não pensa assim e prefere trabalhar sozinho. Acho que a falta de união é o pior que a gente enfrenta. A gente tem que continuar lutando para conseguir mais direitos e mais força.

É a divisão do grupo. Cada um fica no seu lado e ninguém acaba fazendo nada por ninguém a gente deveria se unir mais e lutar mais pelos nossos direitos. Tem uns que fazem, mas outros não.

Fonte: Autoria própria

Gráfico 13 - Categorias DCS – questão 1 - associados da associação de Maracajá

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 1	
A	Lutar por direitos iguais
B	Exploração do presidente da colônia de pescadores
C	Trabalhar em grupo é melhor
D	Aproveitar a oportunidade para não ficar de fora



Fonte: Autoria própria

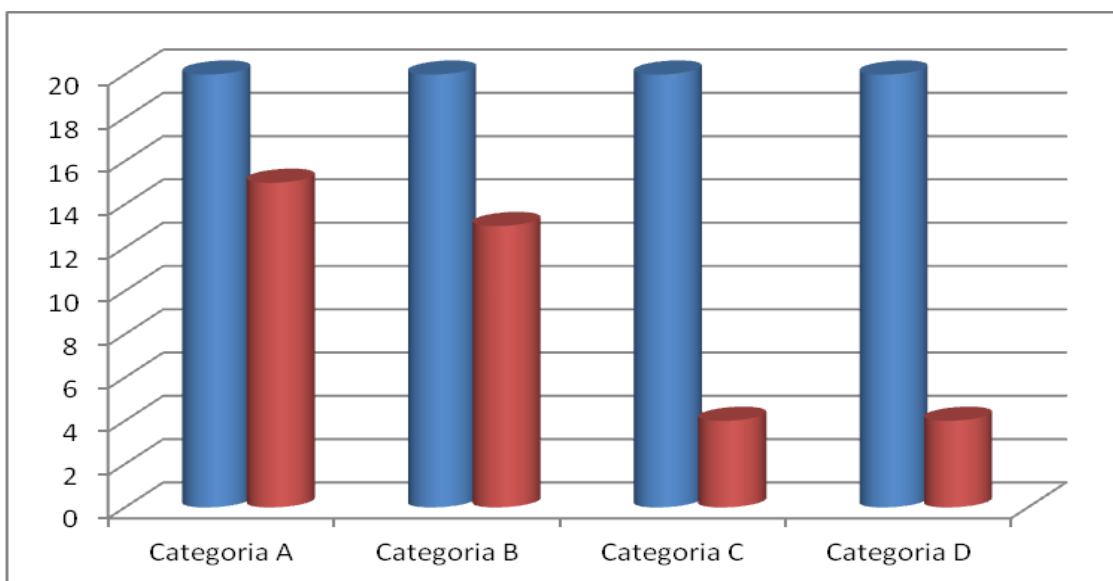
Perguntado para vinte associados sobre o que o despertou para criar a associação, quatro categorias apareceram e três das quais refletem bem a vontade e o desejo dos atores em trabalhar com o associativismo. Inicialmente dezoito (90%)

deles disseram que foi devido a exploração do presidente colônia de pescadores, em seguida, ainda representando mais da metade, doze (60%) deles disseram que foi para lutar por direitos iguais, oito (40%) ainda colocou que trabalhar em grupo é melhor. No entanto, seis (30%) assinalaram que só entrou para a associação para aproveitar a oportunidade e não ficar de fora, continuar trabalhando. *“A gente era muito explorado pela colônia que arrendava as cotas que eram nossas para os outros e acabava que a gente ficava sem direito de fazer o mergulho nos parrachos. Porque trabalhar em grupo é melhor, vi os outros se unindo e não concordava também dos mandos que o presidente da fazia com a gente. A gente tinha que pagar para poder trabalhar era injustiça.”*

A esse respeito, mais uma vez fica bem evidente a luta dos atores em se desvencilhar do controle e da exploração pelos quais vinham passando. E indicando o surgimento do capital social como recurso dos relacionamentos de ações coletivas que Bourdieu (1980) salienta ser como um conjunto de relações de ajuda mútua que podem ser mobilizadas efetivamente para beneficiar o indivíduo ou sua classe social. E que além de ser uma propriedade individual, é de propriedade coletiva, que permite terem mais êxito no processo associativista.

Gráfico 14 - Categorias DCS – questão 2 - associados da associação de Maracajaú

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 2	
A	Acha importante mas prefere ficar de fora
B	Acha que a associação não pensa no coletivo
C	Trabalhando na associação todos ganham
D	Juntando as forças se consegue mais coisas para a associação



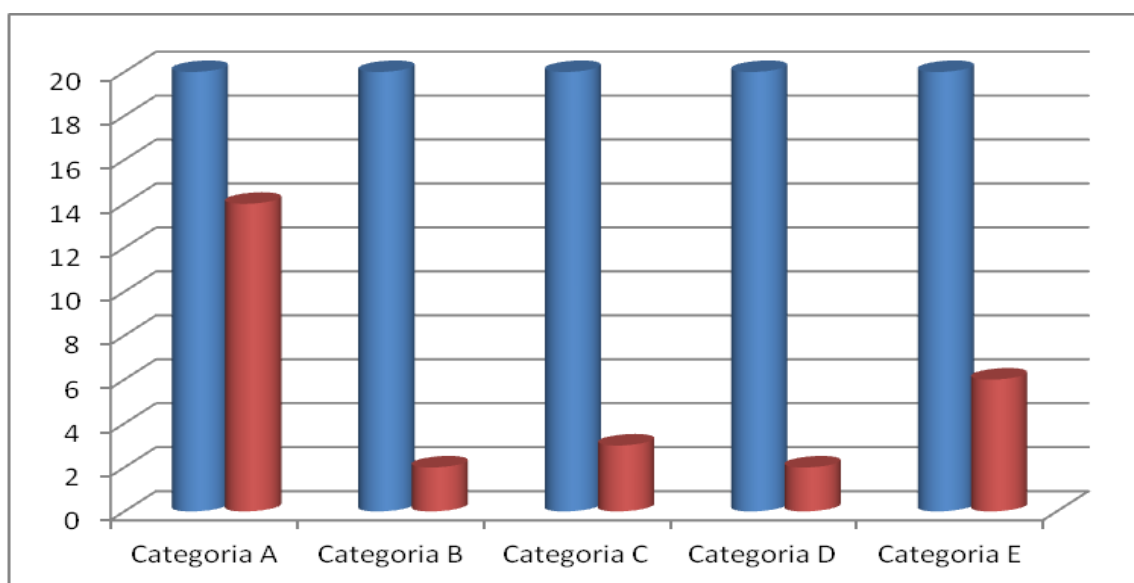
Fonte: Autoria própria

Quando questionados do porque trabalhar no associativismo, os associados envolvidos deixaram bem claro a falta de interesse e o individualismo que os orientam. Pois a maioria deles, num total de quinze (75%) dos entrevistados, disseram que acham importante trabalhar com associativismo, mas que preferem não se envolver e treze (65%) ainda acham que a associação não pensa no coletivo. E num percentual bem mais baixo aparecem outras duas categorias, *“trabalhando na associação todos ganham e juntando as forças se consegue mais coisas para a associação”*, esta foi a opinião de apenas quatro (20%) em cada uma dessas categorias. *“Porque juntando as forças a gente consegue mais coisas. É assim que acho melhor trabalhar, tem que ser assim, pensar nos outros também. Daí todo mundo ganha mais. Acho importante sim trabalhar com associação, mas prefiro ficar de longe. Fica mais fácil quando se luta pelo coletivo mas acho que lá não é assim não...eles pensam muito neles só.”*

Com relação a este ponto, percebe-se que apesar da existência de certo grau de capital social, este ainda é bastante fraco coletivamente, onde os atores, apesar de achar importante o trabalho em cooperação, ainda pensam individualmente. E que o sentimento de pertencimento ao grupo ainda não está consolidado surgindo sentimentos de desconfiança e de falta de solidariedade onde seus atores preferem ficar de fora. Lembrando Bourdieu (1980) que salienta que as redes sociais não são um dado natural, tendo que ser construídas através de estratégias orientadas e utilizáveis como fonte digna de confiança para ascender a outros benefícios.

Gráfico 15 - Categorias DCS – questão 3 - associados da associação de Maracajaú

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 3	
A	Falta de união no grupo
B	Associados só procuram a associação quando estão precisando de alguma coisa
C	Acha que não tem nenhum problema – não está interessado
D	Não tem dinheiro daí as pessoas não se interessam
E	Falta de comunicação – não se entendem



Fonte: Autoria própria

Já para a questão número três: quais problemas vocês ainda enfrentam? Quatorze (70%) dos vinte associados acharam que é a falta de união, dois (10%) disseram que os associados só procuram a associação quando estão precisando e seis (30%) acham que é por falta de comunicação, pois não se entendem. E ainda, três (15%) acham que não existe nenhum problema e não estão interessados e dois (10%) citaram que a falta de interesse se dá pelo fato da associação não lidar com dinheiro e se não tem dinheiro ninguém se interessa. A transcrição do DSC deixa bem claro a falta de entendimento e o descontentamento por parte dos associados: *“Muita gente pensa em si próprio. O individualismo é o nosso grande mal porque as*

peessoas continuam trabalhando assim. Acho que é porque não tem receita, se tivesse todo mundo queria, já sabe onde não tem dinheiro, ninguém quer entrar. Deviam avisar para todo mundo participar. Se é associação é de todo mundo e não só de meia dúzia. Por isso prefiro nem ir lá. Não gosto muito não. Acho que não tem problema não. Faço meus passeios ganho bem, não preciso de mais nada não. Ah, acho que a falta união. É a divisão do grupo. Cada um fica no seu lado e ninguém acaba fazendo nada por ninguém a gente deveria se unir mais e lutar mais pelos nossos direitos.”

O sentimento de pertencer ao grupo (identidade de grupo) é fundamental na definição de capital social. No entanto, há consenso entre os atores, quando colocam a falta de união como principal obstáculo a ser suplantado, em que para possuir capital social o indivíduo precisa se relacionar com outros. E como neste caso, se não há relacionamento entre os atores, que preferem ficar de fora, não existe terreno fértil para o crescimento de capital social.

3.2.3 Consolidação do DSC da Comunidade da Associação de Pescadores Maracajá

Box 9 - Consolidação do DSC dos membros da comunidade de Maracajá

Questão 1: Como você vê o trabalho da associação?

Acho que eles tinham que fazer mais pela comunidade, se importar mais com a comunidade, saber quais são as necessidades e fazer alguma coisa para nós. Tudo isso é nosso, a gente nasceu aqui, não é justo que quem vem de fora tenha mais direitos que nós

Não vejo muita coisa não. Vejo eles conversando e discutindo bastante mas não vejo o que eles fazem. Queria um dia ter oportunidade de ter meu barco para levar os turistas também. Apenas os vejo trabalhando, discutindo e só. Sei mais de nada não.

Só sei que eles levam os turistas para mergulhar nos parrachos e por isso a gente tem trabalho também. Acho importante o que eles fazem. Tem outras associações que fazem mais. Só os vejo fazendo para eles mesmos.

Acho importante e acho que eles tinham que fazer mais pela comunidade. Acho que tinha que ter mais vagas para gente também fazer passeio nos parrachos e eles tinham que ver isso, para abrir mais vagas. Não tenho visto nada não. Sei que tem mais associações e que

fazem mais para comunidade.

Questão 2: Quais benefícios trouxeram para a comunidade?

Só tem os turistas que vem aqui e acabam comprando nossas coisas. Se continuar vindo turista tá bom. De benefício mesmo não vi mais nada porque a escola é o governo que dá o posto de saúde também.

Não vejo muito não. Só sei que eles fazem os passeios e que por isso a gente tem turista.

Ah, não sei não. Nem sabia que eles tinham associação. Tem? Acho que deviam trazer mais coisas, escolas, cursos pra comunidade, mais turistas também para todo mundo ganhar mais dinheiro. Tomara que eles consigam crescer mais para ajudar as pessoas da comunidade.

Nunca vi nada não. Só vejo alguma coisa aqui outra ali mas dizem que as outras associações trazem mais. O IDEMA o SEBRAE e o governo é que vem aqui e dá curso pra comunidade ou faz alguma coisa para nos.

Não sei explicar não. Por enquanto eles só trouxeram benefícios para eles mesmos. Só sei que tem os turistas que vem aqui, pra trazer benefícios assim é bom que eles continuem trabalhando.

Questão 3: Como isso repercute nas tomadas de decisões da comunidade?

Não vejo nada acontecer de diferente não, tem muita gente discutindo muita coisa aqui, mas a gente acaba não vendo muito.

Tem outras associações que trazem mais benefícios para a comunidade do que eles. Mas da associação não vejo trazer nada não, deviam ajudar mais nossa comunidade. Só o governo é que vem aqui de vez em quando trazer alguma coisa.

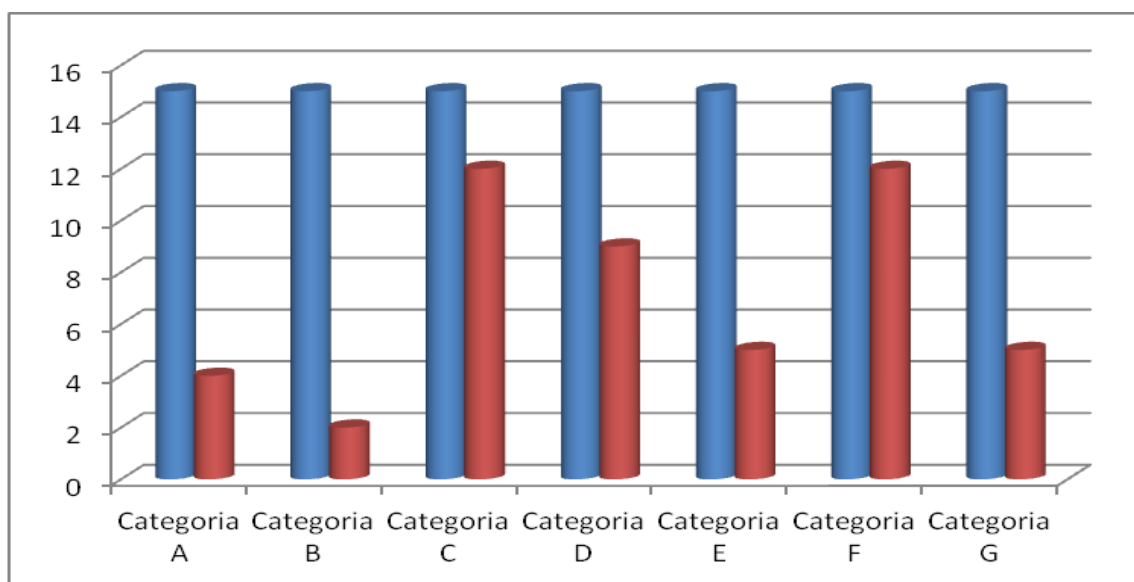
Ainda não vi nada que eles fizeram não. Mas queria que eles fizessem pra ajudar mais a gente. Todo mundo podia ajudar mais. Bem não sei informar não. Não vejo no que eles têm ajudado a comunidade.

Sei não vejo nada acontecer de diferente não. Se eles fizerem mais pela comunidade e pelos outros ai sim vai ser bom pra todo mundo. Sei que eles brigam com o povo da colônia.

Fonte: Autoria própria

Gráfico 16 - Categorias DCS – questão 1 - comunidade da associação de Maracajaú

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 1	
A	Deviam conhecer as necessidades da comunidade para ajudar
B	Deviam ver que os recursos naturais devem ser explorados pela comunidade local e não por quem vem de fora
C	Não vê muitas ações da associação
D	Não sabe nada sobre a associação
E	Somente vê benefícios para os próprios associados
F	Conhece mais outras associações
G	Deviam abrir mais vagas para o trabalho dos passeios nos parrachos para outras pessoas da comunidade



Fonte: Autoria própria

Quando perguntado aos membros da comunidade como eles veem o trabalho da associação, apareceu sete categorias que refletem o sentimento da população com relação as ações que ela desempenha. Daí é possível perceber então que em três das categorias, a grande maioria dos entrevistados não tem nenhum

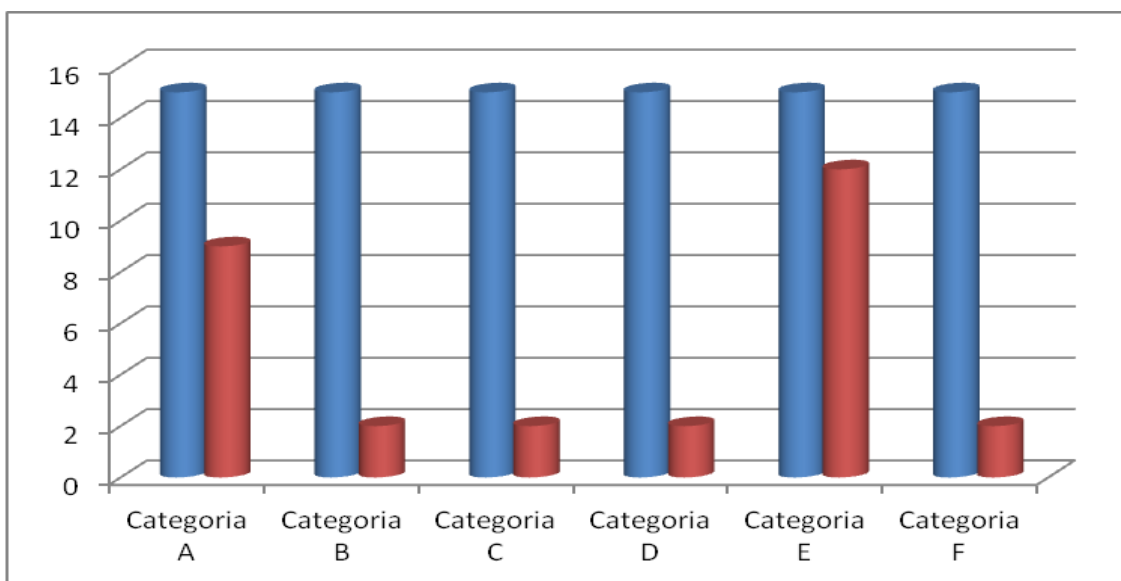
conhecimento sobre essas ações. Veja como elas se apresentam: doze (80%) não veem muitas ações da associação e conhecem mais outras associações e nove (60%) não sabem nada sobre a associação. Quatro (26,66%) deles acham que deviam conhecer as necessidades da comunidade para ajudar, dois (13,33%) acham que deviam considerar que os recursos naturais devem ser explorados somente pela comunidade local. Duas categorias, com cinco (33,33%) apontamentos cada, somente vê benefícios para os próprios associados e acham que deviam abrir mais vagas para os membros da comunidade. *“Acho que eles tinham que fazer mais pela comunidade. Não vejo muita coisa não. Vejo eles conversando e discutindo bastante mas não vejo o que eles fazem. Tem outras associações que fazem mais. Só os vejo fazendo para eles mesmos. Sei que tem mais associações e que fazem mais para comunidade.”*

Salienta-se aqui a ausência de ações da associação voltadas para a comunidade local, uma vez que esta não veem o trabalho que a associação desempenha, ao contrário, conhecem mais outras associações. Aspectos de relacionamento entre a associação e a comunidade local ainda está aquém do que considera Bourdieu (1994), quando diz que a associação também trará benefícios à comunidade a qual está inserida. Através das relações que melhorará o modo de vida de todos os envolvidos direta ou indiretamente com o associativismo.

Gráfico 17 - Categorias DCS – questão 2 - comunidade da associação de Maracajá

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 2	
A	Benefícios que o turista traz ao consumir na comunidade local
B	Os benefícios que tem na comunidade foram outros órgãos e o governo que trouxe
C	Movimento de turista o ano inteiro
D	Deveriam trazer mais benefícios para a comunidade
E	Nunca percebeu nenhum benefício trazido pela associação
F	Só percebeu benefícios para as próprias pessoas da

associação



Fonte: Autoria própria

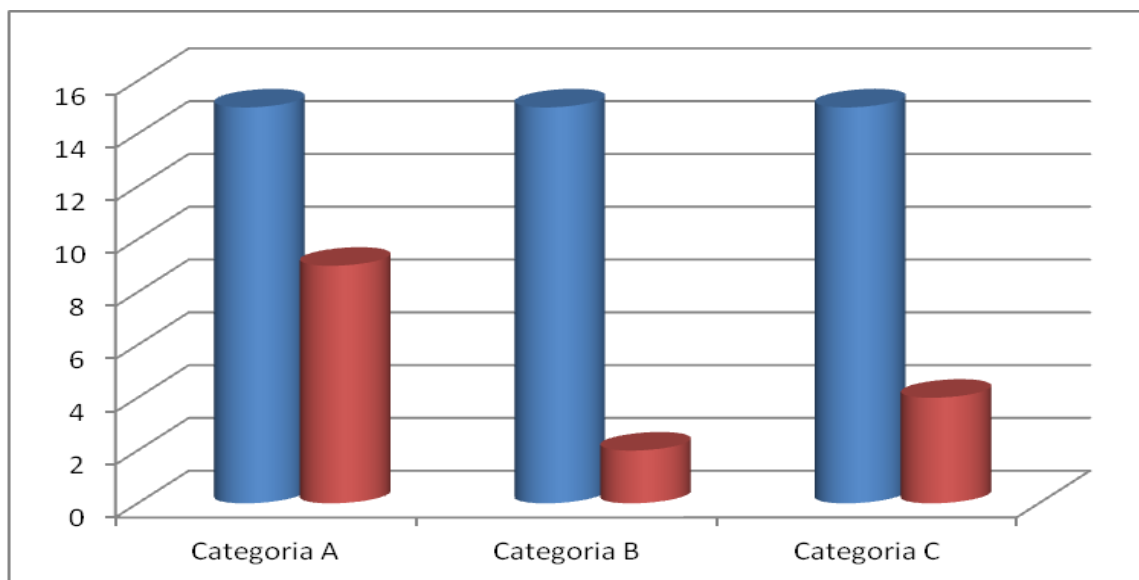
Nesta questão, a maioria, com doze (80%) pessoas, disseram que nunca receberam nenhum benefício trazido pela associação e nove (60%) delas apontaram que os benefícios só são os trazidos pelos turistas ao consumirem na comunidade. Nas outras quatro categorias, com dois (33,33%) dos apontamentos, eles disseram que os benefícios vieram de outros órgãos ou o governo que trouxe, consideram o movimento de turista como benefício trazido pela associação, acham que deveriam trazer mais benefícios para a comunidade e só percebeu os benefícios para as próprias pessoas da associação. *“De benefício mesmo não vi mais nada porque a escola é o governo que dá, o posto de saúde também. Não vejo muito não. Só sei que eles fazem os passeios e que por isso a gente tem turista. Nunca vi nada não. Não sei explicar não. Por enquanto eles só trouxeram benefícios para eles mesmos.”*

Aqui, a comunidade visualiza apenas o capital econômico através do consumo que os turistas fazem no comércio local, mas que não conseguem fazer relação deste diretamente com a atividade da associação de pescadores.

Gráfico 18 - Categorias DCS – questão 3 - comunidade da associação de Maracajá

CATEGORIAS ENCONTRADAS PARA A QUESTÃO Nº 3

A	Não vê nada de diferente acontecer
B	Outras associações repercutem mais suas ações
C	Deviam fazer mais pela comunidade



Fonte: Autoria própria

Na pergunta, a maioria, com nove (60%) deles, disse não ver nada de diferente acontecer na comunidade. Quatro (26,66%) deles acham que deviam fazer mais para assim trazer repercussão junto a comunidade, e dois (13,33%) disseram que outras associações repercutem mais nas suas ações. *“Não vejo nada acontecer diferente não. Tem outras associações que trazem mais benefícios para a comunidade do que eles. Ainda não vi nada que eles fizeram não. Mas queria que eles fizessem pra ajudar mais a gente.”*

Percebe-se então, que é muito incipiente a relação da associação com a comunidade local, uma vez que é bastante claro para os atores, que não conseguem visualizar nada com relação as ações da associação. Pode ser que isso ocorra devido ao pouco tempo de funcionamento da associação e que ainda não conseguiram movimentar nenhuma ação voltada para a localidade. Assim sendo, os moradores locais visualizam apenas outras associações com maior grau de participação e de envolvimento comunitário.

3.3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS DUAS ENTIDADES

A análise dos resultados obtidos através das categorias provenientes do DSC dos atores das duas associações, objetos de estudo, serviu como subsídio para a

construção de gráficos comparativos que mostraram que há um grau diferenciado de apropriação de capital social entre elas. Disso se pode inferir que a associação de Barra do Rio, Cooperbalsas, possui um maior estoque de capital social, quando comparada com a associação de pescadores de Maracajau, com grau menor de apropriação e subsídios para dar encaminhamento em suas ações.

Ao refletir sobre o posicionamento dos atores, membros e cooperados da Cooperbalsas, dos membros da presidência e dos associados da associação de pescadores de Maracajaú, observa-se que, com relação à criação da associação, nas duas, o processo se baseou em capital social existente nos atores envolvidos. Esclarecendo porém, que na associação de Maracajaú este aparece em menor grau, existindo apenas entre os membros que tiveram à frente da criação da associação e que continuam lutando para dar sustentabilidade nas ações coletivas. Além de que na Cooperbalsas percebeu-se que havia uma tradição relevante de associativismo comunitário e de mobilização ativa uma vez que os seus membros já vem trabalhando no associativismo por mais de vinte anos. Citando ainda o grau de parentesco entre eles, como fator de pertencimento e que tem um papel fundamental nos diversos níveis da cooperativa. Ampliando ainda mais a capacidade de cooperação, criando um clima de confiança, gerando estímulos significativos para um comportamento associativista construtivo.

No entanto, na associação de pescadores, em Maracajaú, esse posicionamento se deu a partir dos conflitos existentes entre os atores externos, por exploração e trabalho desordenado que culminou com a implantação da associação. De onde se observa um esforço para prover os seus atores de força coletiva a fim de defender os objetivos associativistas e de transpor os obstáculos.

Ao tratar da questão “porque trabalhar em associação”, os atores da Cooperbalsas deixaram transparecer de forma bastante clara itens referentes a confiança, a garantia de trabalho e o grau de parentesco. Esse ultimo, aparecendo em muitas das falas como motivo de orgulho e de satisfação em estarem juntos.

Nas reuniões da Cooperbalsas podiam ser percebidos o entusiasmo e o grau de compromisso nos trabalhos da associação. Centrados em princípios como a participação ativa de todos os integrantes, na comunicação fácil, nas análises das discussões, na aprendizagem em conjunto e na rotatividade das tarefas. Uma vez

que todos tem igualdade de ganho, bem como participam com cotas iguais para a associação, objetivando a manutenção das balsas.

No entanto para esta mesma questão, na associação de Maracajaú, há uma falta de consenso entre os membros da presidência e os demais associados. Enquanto os membros da presidência citaram os direitos iguais para todos, a força e união do grupo para conseguir mais benefícios, os associados citaram que acham importante o trabalho em cooperação, mas que preferem ficar de fora. A partir deste fato pode-se perceber que os interesses individuais se sobrepõem aos do coletivo.

Nesta fase da pesquisa, consolida-se em Bourdieu a questão da desigualdade em diferentes campos. Onde segundo o autor, a relação de poder entre eles se constitui de disputa entre grupos dotados de autonomia relativa e possuidores de regras próprias. Assim, na associação da Maracajaú, há um constante nível de conflitos percebidos entre seus atores, pois a busca de interesses individuais deixa claro que a associação ainda não está consolidada e que o seu nível de capital social é bastante baixo e até em alguns momentos inexistentes, dado a falta de consenso nas discussões.

Também foi percebido através do número de participantes nas reuniões da Associação de Maracajaú que, apesar de bastante baixo, ainda há um grau de estresse e de conflito muito grande entre eles. Bem como, nas suas relações no dia a dia, pois muitos deles nem se falam e ainda tentam levar vantagem na hora de escolher os turistas para os passeios aos parrachos.

A vida curta da associação de Maracajaú é um fator desfavorável, segundo alguns atores, com dois anos apenas, ainda está se consolidando. O propósito da associação de Maracajaú fica claro quando os atores tratam da exploração antes sofrida, e que no momento todos tem as suas cotas de trabalho e sabem quanto irão ganhar. Contudo, ainda não se fortaleceram o bastante para juntos continuarem lutando por objetivos comuns. Mesmo sabendo que a vida e o sucesso da associação deve ser consolidado com relações conjuntas e duradouras.

Quando perguntados sobre os problemas ainda enfrentados pelas associações, nas discussões na Cooperbalsa perpassa o medo da construção de uma ponte que fará desaparecer a atividade, as lutas para conseguir autorização do

IBAMA para a drenagem do rio e algumas questões relacionadas ao movimento de turistas o ano inteiro. Porém nesta mesma associação, é forte o pensamento dos atores que não veem muitos problemas relacionados às suas ações, deixando bem claro que quando há problema o conselho da cooperativa é quem resolve. Assim, o capital social fortalece as ações num grau de confiança e de valores socialmente compartilhados entre os atores.

Contudo na Cooperbalsas, mesmo que o grau de capital social seja forte através da confiança e do entrelaçamento das relações sociais e de trabalho, com benefícios para a associação a que pertencem os indivíduos, aparece ainda, na fala de seus atores, uma vertente muito forte com relação a falta de abertura de espaço para novos associados. Deixando claro assim o caráter de exclusão para as pessoas que estão de fora e que gostariam também de participar.

Já na associação de Maracajaú, os seus atores são unânimes em alertar que a falta de união do grupo é o principal problema enfrentado pela associação, pois a individualidade é um forte aliado daqueles que não veem a associação como meio de elencar outras ações para o bem-estar coletivo. Como alguns dos atores só procuram a associação quando precisam, fica claro que, apesar de inexistente, na maior parte do tempo, o capital social faz parte dessas ações que, mesmo isoladas, trazem refúgio e satisfação pessoal em procurar a associação de acordo com a necessidade do momento.

Outro fator negativo para a associação de Maracajaú é o grau de desconfiança que rege as ações coletivas entre os seus atores, sendo ainda bastante forte, impede que determinados objetivos sejam alcançados e não permite que o capital social se “materialize” através de manifestações de confiança e de reciprocidade. Assim, fundamentada mais uma vez em Bourdieu, percebe-se que o conjunto de relações de ajuda mútua, mobilizadas para beneficiar o indivíduo ainda é bastante frágil. E ainda que o capital social apareça como recurso coletivo, ainda é bastante incipiente para ser alocado e utilizado pelos atores em detrimento do grupo.

Com relação às questões formuladas às comunidades para perceber o grau de capital social dos agentes externos e o entrelaçamento entre associação e comunidade, a percepção de capital social neste campo levou a pesquisa a concluir

principalmente como os atores das associações interferem diretamente nas comunidades as quais estão inseridas.

Assim, quando perguntados como a comunidade vê a associação, as duas comunidades deixaram bem evidente a importância que cada uma delas tem, ou não, para o desenvolvimento local. Em Barra do Rio, o que ficou mais evidente foi o movimento de turistas que a atividade da Cooperbalsas traz para o local. Elencando outros benefícios como o aumento do consumo de produtos locais ou o desenvolvimento de outras atividades paralelas impulsionadas pelos turistas. Como exemplo, as fotografias que são tiradas durante a travessia das balsas e que são vendidas aos turistas. Porém, grande parte dos moradores acha desfavorável a cooperativa ser fechada somente com pessoas com grau de parentesco. Mas mesmo assim, acham louvável o grau parentesco, pois assim funciona de maneira mais organizada e com a atividade, a localidade fica mais conhecida.

Já em Maracajaú, o que ficou constatado com a pesquisa, é que a grande maioria dos entrevistados não conhece a associação e nem as ações desenvolvidas por esta. Deixando claro, que outras associações do local tem maior importância para a comunidade, pois a associação estudada apenas faz os passeios aos parrachos, desenvolvendo uma ação individualizada, sem reflexo para a comunidade local. Percebendo-se então, que esse impacto é desigual nas duas comunidades, já que em Barra do Rio o tempo e a influencia da associação é bem maior do que em Maracajaú. Tendo em vista que o tempo de vida da associação de Maracajaú é menor e que na localidade se desenvolvem outros tipos de associações com atividades similares e que trazem mais benefícios para a localidade.

Em se tratando dos benefícios que a associação traz para a comunidade, ambas disseram que o movimento de turistas é o que impulsiona as melhorias para o local. A comunidade de Barra do Rio elencou vários benefícios advindos do turismo, sendo que o principal é que a prefeitura olha com carinho e traz muitas melhorias por causa do movimento que atividade da Cooperbalsas conduz. No entanto, em Maracajaú, a comunidade acha que apesar do consumo dos turistas, no comércio local, por causa da atividade, muitos não visualizam benefícios trazidos pela associação. Talvez porque não conhecem a associação como formalmente constituída e com poder de interação e socialização com a comunidade local.

Analisando a última questão, “como as tomadas de decisões da associação repercutem na comunidade local”, enquanto que em Maracajaú, a comunidade não vê nada acontecer, em Barra do Rio, as pessoas acham que a Cooperbalsas deveria dar oportunidade para outras pessoas participarem da associação. Apesar de sentirem que a comunidade é valorizada pelas ações da prefeitura, por causa do turismo, alguns acham que as ações da associação são desenvolvidas em benefício próprio.

Em suma, em face das reflexões aqui empreendidas, foi possível constatar que na Cooperbalsas há um nível de mobilização de capital social muito distante da associação de Maracajaú. Não desfazendo, no entanto, as ações desta associação, que apesar de muito nova, dois anos, já conseguiu relacionar, ainda que pequeno, um certo grau de capital social, principalmente entre os membros da presidência. Outro fator dificultante nesta associação é com relação ou número de associados, atualmente são cento e cinquenta, e na dificuldade em reuni-los. Para os membros da presidência, a falta de interesse pela associação é o que os faz “quebrar a cabeça” para ir em busca de novas estratégias que consigam trazer os associados para dentro da associação.

Já os mecanismos concretos de organização da Cooperbalsas incluem: reuniões semestrais com todos os cooperados para avaliar e nivelar com todos as informações dos resultados obtidos principalmente ao término de cada temporada; tomadas de decisões de consenso; compartilhar as informações a respeito de ações a serem tomadas; disciplina e vigilância coletiva; trabalho de cada grupo da escala; e demais relações de responsabilidade de cada um dos atores da cooperativa.

O clima de confiança criado entre os seus integrantes da Cooperbalsas evita os custos de transação⁷ decorrentes da desconfiança e de enfrentamento permanente, muito característico em outras associações. Por outro lado, esses elementos favorecem um sentimento profundo de pertencimento que é um estímulo fundamental para a produtividade e contínuo aumento das relações amistosas entre eles.

⁷ O enfoque da teoria dos custos de transação está na busca da maximização de resultados eficientes, a partir do comportamento dos indivíduos dentro de uma organização e da forma como estes são coordenados. (AZEVEDO, 2000).

A chave de excelência alcançada na Cooperbalsas não está baseada em critérios empresariais clássicos – maximização da rentabilidade e gerenciamento vertical. O capital mobilizado, é essencialmente, capital social, pois transparece muito fortemente nos valores latentes um projeto coletivo entre seus atores, ao mesmo tempo em que é útil socialmente, marcando a vida de cada um deles, pois é a partir daí que tiram o seu sustento e permanecem ativos.

Para a Cooperbalsas, a primeira estratégia utilizada está baseada na mobilização pelo grau de parentesco. A influencia positiva (KLIKSBERG, 1999) de um componente central de capital social, é a família. Quanto maior a solidez desse capital social básico, maiores resultados se obtém. Há um apelo forte com a este grau de proximidade, abordado tanto nas falas dos associados quanto dos membros do conselho. Criando um grau de confiança muito forte, de conduta solidária, atentos ao bem-estar geral. Esses estímulos criaram energia comunitária e organizacional que levam a um processo de construção da cooperação e da ajuda mútua.

Em segundo, vem a concepção de um desenho organizacional, que em prática já incita a obtenção de eficiência por meio da cooperação. Sendo a Cooperbalsas uma cooperativa que é definida como um empreendimento de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns, através de uma pessoa jurídica pertencente a todas e democraticamente controlada. A Aliança Cooperativa Internacional, durante o Congresso Internacional do Cooperativismo em 1995, reiterou que todas as cooperativas devem ser baseadas nos valores de auto-ajuda, auto-responsabilidade, democracia, equidade e solidariedade. Seus membros acreditam nos valores éticos da honestidade, abertura (transparência), responsabilidade social e preocupação com os outros. Uma visão coletiva centrada na produção de valores comunitários, de participação ativa e de autogestão.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo central avaliar duas formas de associativismo, a partir do conceito de capital social, a fim de entender como diferentes associações se apropriam desse capital e de que forma conseguem dar encaminhamento para ações que as fortaleçam. Sendo necessário para alcançá-lo, em um primeiro momento, compreender o que os principais autores das ciências

sociais, e mais fortemente Bourdieu, discutem sobre a potencialização do capital social nas associações comunitárias.

Sobretudo, entender que este tipo de capital tem um papel decisivo nas ações que permeiam toda a vida comunitária onde fatores invisíveis, silenciosos, que atuam no tecido social, desempenhando assim, um rol de fatores positivo e constante. Entre eles, destacam: a permanente cooperação, a confiança mútua entre os atores organizacionais, a existência de um comportamento solidário e criativo, a afirmação da identidade pessoal, familiar e coletiva, o crescimento da autoestima na mesma experiência. Enfim, elementos elencados e que foram dinamizados, como um modelo genuinamente participativo adotado pela comunidade e impulsionado pelo capital social.

Num segundo momento destacaram-se, para efeitos deste trabalho, duas associações do litoral norterriograndense, para entender a concepção de vida em grupo, a solidariedade, a responsabilidade pessoal e do coletivo, a transparência nas relações, a confiança, a iniciativa pessoal e o trabalho em grupo.

Para tanto, foram seguidas linhas de pensamento que puderam dar fundamentos e consistência à investigação: a primeira linha, foi referente ao associativismo constituído de membros solidários que visam o bem-estar de uma determinada comunidade baseado na defesa dos direitos iguais, não que não haja interesses individuais, mas estes sendo reprimidos em detrimento dos interesses do coletivo. A segunda linha considerou que os atores envolvidos são os próprios protagonistas de suas ações, sendo então capazes de compreender a dinâmica do associativismo. Com acesso aos conhecimentos necessários que lhes permitam questionar, propor mudanças e até decidir sobre o que é melhor e que venha de encontro aos interesses do coletivo. E na terceira linha de pensamento, são os reflexos do associativismo revertidos em ações que venham de encontro aos interesses da comunidade, onde os agentes locais passam a ter voz de debate sobre os programas de apoio comunitários.

O caminho estabelecido pelo capital social, dado o seu uso, desenvolve relações entre os atores servindo como garantia nas ações coletivas superando medos e desconfianças entre eles. Sobre este aspecto, verificou-se que a distribuição e a percepção do capital social são desiguais e dependem da

capacidade de apropriação em cada grupo estudado. O capital social pode ser visto então como um fenômeno subjetivo, composto de valores e atitudes que influenciam como as pessoas se relacionam entre si. Incluindo confiança, normas de reciprocidade, atitudes e valores que ajudam as pessoas a transcender relações conflitivas e competitivas para conformar relações de cooperação e ajuda mútua.

Com a realização da pesquisa, um fato que chamou atenção foi com relação a procedência dos atores e seu grau de ligação. Os atores da Cooperbalsas são todos com grau de parentesco bastante próximos. O que traz certo conforto entre eles, pois estão respaldados por essa proximidade. Esse tipo de atitude fortalece a solidariedade, gera um comprometimento com o outro, com práticas de socialização transferindo essa atitude para todas as esferas da vida social. Não que isso seja totalmente positivo, uma vez que, pelo que se pode perceber, muitas vezes os atores abrem mão de colocar sua opinião por respeito a o outro, que pode ser um parente muito próximo. Repassando assim para o outro uma responsabilidade que poderia trazer mais benefícios se fosse melhor discutida por todos.

Já na associação de pescadores de Maracajaú, este grau de parentesco somente foi observado entre os membros da presidência, sendo que nos demais, o que existe é apenas a influencia que pretendem desenvolver a fim de estreitar as relações de pertencimento entre seus atores. Aparecendo bem claro nesta associação, a ideia do campo estabelecida por Bourdieu, onde neste espaço se manifestam relações de poder composta por dois polos: dos dominantes e dos dominados. Onde estas relações de poder ficam bem evidentes quando os membros da diretoria querem impor suas necessidades para todos os demais membros da associação, através da imposição em fazê-los participar das reuniões.

Outro ponto bem evidente entre as duas associações é com relação ao tamanho de cada uma delas. A Cooperbalsas se caracteriza como um grupo reduzido e fechado de associados. O que facilita a comunicação, o entendimento, a distribuição dos recursos e até a capacidade de formalização enquanto cooperativa, fazendo com que, através desta formalização, o grupo tenha maior poder de luta pela obtenção de benefícios coletivos. Porém, na associação de Maracajaú, com um numero de quase cento e cinquenta associados, fica mais difícil a comunicação e onde provavelmente os seus atores não conseguem visualizar todos os benefícios

obtidos pela associação. Neste contexto Olson (1999) destaca que quando o número de participantes de uma associação é grande, faz com que geralmente os atores tenham sentimentos de que seus esforços individuais não influenciaram muito no resultado final do grupo, preferindo por isso ficar alheio às decisões.

Diante disso, o que se evidenciou neste trabalho, é que grupos pequenos, como é o caso da Cooperbalsas, conseguem se organizar melhor facilitando o emprego das energias de seus membros em detrimento do bem-estar de todos. Enquanto que em grupos maiores, como é o caso da associação de pescadores de Maracajaú, fica mais difícil a comunicação, a socialização, gerando maior grau de desconfiança e de conflitos entre eles.

Merece destaque, também, a articulação entre capital econômico e capital social. Pois o termo 'capital' refere-se, em geral, a riqueza, fundo, estoque que servem à produção e dos quais rendas podem ser auferidas. Para a teoria econômica, o capital físico é um estoque de bens, ao passo que o capital humano é um estoque de competências, qualidades e aptidões. O capital social seria, assim, um estoque de relações e valores, ele seria coletivo, porque pode ser compartilhado pelo conjunto da sociedade. Seu aumento depende do aprofundamento dessas relações, de sua multiplicação, intensidade, reatualização e criação de redes de relações.

Elucidando este fato, de acordo com a pesquisa, está a relação que os moradores das comunidades locais fazem com a atividade exercida pelas associações. Aparecendo os ganhos de capital físico que o local tem com a movimentação de turistas e também com a presença dos balseiros no comércio em dias de sua folga, bem como, com os ganhos elencados pela comunidade de Barra do Rio, com relação as benfeitorias que a prefeitura realiza em consequência, segundo eles, da atividade que a cooperativa exerce.

Esta análise se consolida no pensamento de Durston (1999), que em seus trabalhos desenvolvidos na Guatemala, define uma nova forma de capital social: o capital social comunitário. Percebendo então que o fortalecimento do capital social, promovido internamente pelos atores das associações, se estende à toda comunidade local voltada à colaboração e à participação.

Em resumo, alto grau de capital social interno, produz confiança e autoestima nas pessoas da comunidade local, como é o caso das que vivem em Barra do Rio que vê o trabalho da Cooperbalsas como um diferencial que traz benefícios para toda a comunidade. Já com relação a associação de pescadores de Maracajaú, a comunidade local tem muito pouca percepção sobre o trabalho da associação e os benefícios que esta traz para a localidade. De onde se percebe que o capital social é baseado em relações que constituem fontes estratégicas de apoio entre os agentes (BOURDIEU, 1994). O volume do capital social que os atores possuem, depende da rede de relações que ele pode mobilizar e do volume de capital econômico, cultural ou simbólico, que é posse exclusiva de cada ator que pertence a essa rede de relações a que está ligado.

Pautado em considerações de Pierre Bourdieu (1980), este trabalho apurou que a percepção e a distribuição do capital social são desiguais e dependem da capacidade de apropriação dos dois grupos estudados, aqui esclarecidos através das discussões tecidas nas interpretações dos dados colhidos na pesquisa empírica. Evidencia-se muito fortemente que o capital social se materializa em todas as manifestações de confiança e reciprocidade entre os atores, cujo uso abre caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes de cada localidade. Servindo como uma espécie de garantia, nas ações coletivas, suplantando as desconfianças e o medo, tanto por parte dos atores internos quanto dos atores externos.

Vale resaltar, porém, que a associação não é para sempre se a manutenção de seu estoque de capital social não for efetivamente realimentado através de ações conjuntas entre seus membros através de relações úteis e duradouras para todos. Assim as associações devem perceber que seus estoques serão renovados nas relações de ajuda mútua, mobilizadas para beneficiar o indivíduo e a associação.

Isto de acordo com a capacidade e a habilidade dos atores de conectar-se em redes de relações, que irão propiciar o fluxo e o intercâmbio de informações, criando espaços nos quais a comunicação pode ter lugar, o que é uma função-chave para associações ricas em capital social, uma vez que abrem acesso à informação e permitem que opiniões e conhecimentos sejam compartilhados. Em que o sentimento de pertencer ao grupo é fundamental nessas relações, pois é

consequência delas para a formação de novas relações que vão se firmando. Sendo o capital social produzido coletivamente e devido ao seu uso, tende a fazer aumentar seu estoque por meio de ações que incentivam sua criação e reprodução compartilhada pela associação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural**. In: Economia aplicada. Vol. 4 n. 2, Abril/Julho, 2000.

_____, Ricardo. **A formação do capital social para o desenvolvimento local sustentável**. II Fórum Contag de cooperação técnica. São Luís, 1998.

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria L. **Capital Social e Empreendedorismo Local**. Rede de Sistemas Produtivos e Inovativos Locais. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Set 2002. Disponível em: www.ie.ufrj.br/redesist. Acesso em: 19 fev. 2012.

AMARAL FILHO, Jair do. Capital Social e desenvolvimento local no Ceará. **Jornal O Povo**. Fortaleza, 26 de nov. 2000, p.09.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Lutas Camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1989.

AZEVEDO, P. F. **Nova economia institucional**: referencial geral e aplicações para a agricultura. São Carlos: UFSCar, 2000.

BANCO MUNDIAL. Disponível em: <http://www.worldbank.org/poverty/scapital/index.htm>. Acesso em: 10 fev. 2012.

BAQUERO, Marcello. **Construindo uma outra sociedade: o capital social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil**. Revista de sociologia, n. 21, 2003.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. **Cooperativas**: economia, crescimento e estrutura de capital. Tese (Doutorado). Piracicaba: USP, 1998.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BOUDON, R. **Os métodos em sociologia**. São Paulo: Ática, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, Papirus Editora, 1994.

_____. Le capital social: notes provisoires. In **Actes de La recherche em sciences sociales**, volume 31, p. 2-3, 1980.

COLEMAN, James. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, Massachusetts Harvard University Press, 1990.

DURSTON, John. Capital social: parte del problema, parte de la solución, su papel em la persistencia y em la superación de la pobreza em América Latina y el Caribe. In ATRIA, Raúl et alii. **Capital social y reducción de la pobreza em América Latina y el Caribe: em busca de um nuevo paradigma**. CEPAL, Michigan University, p. 147-202, 2003.

_____. **Construyendo Capital Social Comunitário**. Revista de la CEPAL nº. 69, Diciembre, p. 103-118, 1999.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Org. Michael Schroter. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FREY, Klaus. **Desenvolvimento Sustentável Local na Sociedade em Rede: O Potencial das novas Tecnologias de Informação e Comunicação**. Revista de Sociologia e Política, número 21. Curitiba, 2003. p.165-185.

FUKUYAMA, Francis. **A grande Ruptura: a natureza humana e a reconstrução da ordem social**. Rio de Janeiro. Rocco, 2002.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Martins Fontes, São Paulo, (1961) 2000.

GARCIA, Afrânio. **A sociologia rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro**. Revista Sociologias, número 10. Porto Alegre, jul/dez 2003, p.154-189.

GAYOTTO, Adelaide Maria. **Formas primitivas de cooperação e precursores**. 8. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 1976.

GIDDENS, A. **The constitution of society: an outline of the theory of structuration**. Cambridge, Polity Press, 1984.

GRAESER, E.; LAIBSON, D. e SACERDOTE, B. An economic approach to social capital. *Economic Journal*, Oxford, v. 112, n. 483, p. 437-458, Nov. 2002. Apud: MARTELETO, Regina M. & Silva, Antonio B. de Oliveira e. **Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local**. *Ci. Inf.*, Brasília. v. 3, p. 41-49, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a06v33n3.pdf>. Acessado em: 10 dez. 2011.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. In **American Journal of Sociology**, volume 78, nº 6, p. 1360-1380, 1973.

_____. Economic Action and Social Structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**. nº 91, p. 481-510, 1984.

KLIKSBERG, Bernardo. Capital social y cultura en el processo de desarrollo. **Revista Venezolana de Gerencia**. Año 4, nº 9, 1999. p.11– 50.

HANIFAN, Lyda Johnson. The rural school community Center. In **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, nº.67, p.130-138, 1916.

HIRSCHMAN, A. **American Economic Review**. v. 74. n. 2, 1984.

HOLZMANN, Lorena. **Gestão cooperativa: limites e obstáculos à participação democrática**. São Paulo: Contexto, 2000 (coleção economia).

HUGON, P. **História das doutrinas econômicas**. São Paulo: Atlas, 1970.

LEVÉVRE, A.M.C; CRESTANA, M.F.; CORNETTA, V.K. **A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização “Capacitação e desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU”**, São Paulo – 2002. Saúde e Sociedade. V. 12, n.2, p.68-75, jul-dez 2003.

LEFÉVRE, A.M. & Fernando. **Pesquisa de Representação Social. Um enfoque qualitativo**. Brasília: Liber Livro Ed., 2010.

LOPES, Maria Immacolata V de. **Pesquisa em Comunicação**. Edições Loyola, 5ª Ed. São Paulo: 2001.

MARTELETO, Regina M. & Silva, Antonio B. de Oliveira e. **Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local**. Ci. Inf., Brasília. v. 3, p. 41-49, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a06v33n3.pdf>. Acessado em: 10 dez. 2011.

MATTEI, Lauro. **Programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar (PAA): antecedentes, concepção e composição geral do programa**. IN: BOTELHO FILHO; CARVALHO, Amauri (Organizadores) Avaliação de Políticas de Aquisição de Alimentos. Brasília: Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2006.

MILANI, Carlos. **Capital social, participação política e desenvolvimento local: atores da sociedade e políticas de desenvolvimento local na Bahia**. NEPOL/EAUFBA, (2002-2005) Disponível em: <http://www.adm.ufba.br/capitalsocial/Documentos%20para%20download/ISTR%20003%20Capital%20Social%20e%20Desenvolvimento%20Local.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2011.

MONASTÉRIO, Leonardo M.. **Capital Social e Grupo de Interesse. Uma reflexão no Âmbito da Economia Regional**. Disponível na Internet via www.URL.http//capitalsocial.cjb.net. (XXVII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Economia. Belém-PA, 1999). 20p.

NARAYAN, D. e PRITCHETT, L. Cents and Sociability. Household Income and Social Capital in Rural Tanzania, Washington, Cartagena, BID. Apud: KLIKSBURG, B. **Capital Social y Cultura, claves esenciales del desarrollo**. Revista de La CEPAL n. 69 – dez. 1999

OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais**. São Paulo: EDUSP, 1999.

PUTNAM, Robert. Bowling Alone: America's Declining Social Capital. In **Journal of Democracy**, janeiro, vol. 6, nº 1, p. 65-78, 1995.

_____, Robert. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ROBINSON, David (org). **Building Social Capital**. Wellington (Nova Zelândia): Institute of Policy Studies, Vctoria University of Wellington, p. 85, 2002.

SANTOS, Antonio Carlos. Agronegócio Cooperativo: gestão e coordenação. In PROTIL, Roberto Max; ZAMBALDE, André Luiz (Edit.). **Tecnologia da Informação no Agronegócio Cooperativo**. Curitiba: Champagnat, 2002, p.41-78.

SEBRAE MG. **Cartinha Empreendimentos Coletivos – Central de Negócios**. Minas Gerais: SEBRAE, 2009.

TIRIBA, Lia. **A economia solidária popular no Rio de Janeiro: tecendo os fios de uma nova cultura de trabalho**. São Paulo: Contexto, 2000 (coleção economia).

TOCQUEVILLE, Alexis. **A Democracia na América...**de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. Martins Fontes. São Paulo. 1998.

VAN DER PLOEG, Jan D.; LONG, Norman. Tradução por Daniela Garcez, Leandro Krug Wives e Rita Pereira. Revisão técnica Sergio Schneider. **Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura**. In: BOOTH, D. (ed) Rethinking Social Development: theory, research and practice. England, Longman, 1994.

WALTIER, Anne Marie. **A construção identitária e o trabalho nas organizações associativas**. Trad. Sérgio Miola. Ijuí, Ed. Unijui, 2001(coleção ciências sociais).

APÊNDICES

APÊNDICE A – Formulário de entrevista com os membros do conselho e cooperados da Cooperbalsas e membros da presidência e associados da associação de pescadores de Maracajú

Associação:	
Entrevistado:	
Sexo:	Idade:
Grau de instrução:.	Ocupação:
Questão 1: O que o despertou para criar a associação?	
Resposta:	
Expressão chave :	
Ideia Central:	
Categoria:	
Questão 2: Porque trabalhar no associativismo?	
Resposta:	
Expressão chave : Ideia Central:	
Categoria:	
Questão 3: Quais os problemas que vocês ainda enfrentam?	
Resposta:	
Expressão chave :	
Ideia Central:	
Categoria:	

APÊNDICE B - Formulário de entrevista com os membros da comunidade de Barra do Rio e de Maracajú

Localidade:	
Entrevistado:	
Sexo:	Idade:
Grau de instrução:	Ocupação:
<p>Questão 1: Como você vê o trabalho da Associação/Cooperativa?</p> <p>Resposta:</p> <p>Expressão chave :</p> <p>Ideia Central:</p> <p>Categoria:</p>	
<p>Questão 2: Quais benefícios trouxeram para a comunidade?</p> <p>Resposta:</p> <p>Expressão chave :</p> <p>Ideia Central:</p> <p>Categoria:</p>	
<p>Questão 3: Como isso repercute nas tomadas de decisões na comunidade?</p> <p>Resposta:</p> <p>Expressão chave :</p> <p>Ideia Central:</p> <p>Categoria:</p>	

APÊNDICE C: Reunião das categorias na construção do DSC para cada grupo de entrevistados – Questão nº 1

A – Exploração dos companheiros	Entrevistado A Entrevistado B Entrevistado C Entrevistado D
B – Queria ver todo mundo se dando bem e tendo os mesmos direitos	Entrevistado A Entrevistado B Entrevistado C Entrevistado D
C – Com a união do grupo, todos se fortalecem	Entrevistado A Entrevistado B Entrevistado E Entrevistado F Entrevistado C Entrevistado D
D – Vontade de mudar as coisas	Entrevistado E Entrevistado F Entrevistado C Entrevistado D

APÊNDICE D: Reunião das categorias na construção do DSC para cada grupo de entrevistados – Questão nº 2

A – Direitos iguais para todos	Entrevistado A Entrevistado B Entrevistado C Entrevistado D
B – Continuar lutando pela associação	Entrevistado A
C – Fortalecimento do grupo para conseguir mais benefícios	Entrevistado A Entrevistado B Entrevistado C Entrevistado D Entrevistado E Entrevistado F
D – Com a união do grupo fica mais fácil de conseguir as coisas	Entrevistado B Entrevistado C Entrevistado D Entrevistado E Entrevistado F

APÊNDICE E: Reunião das categorias na construção do DSC para cada grupo de entrevistados – Questão nº 3

A – A falta de união dos associados	Entrevistado A Entrevistado B Entrevistado C Entrevistado D Entrevistado E Entrevistado F
B – Os associados somente procuram a associação quando estão com problemas	Entrevistado A Entrevistado C
C – Aqui cada um só pensa em si	Entrevistado B Entrevistado C Entrevistado D Entrevistado E Entrevistado D